

JOÃO SÉRGIO LAUAND

PERSONAGENS FICCIONAIS, TIPOS DE DAVID KEIRSEY E A EDUCAÇÃO

UM ESTUDO DA SITCOM
“EVERYBODY LOVES RAYMOND”





João Sérgio Lauand

- Doutor em Psicologia da Educação pela Faculdade de Educação da USP
- Foi professor, entre outras, da escola Politécnica da USP e do Instituto Tecnológico da Aeronáutica
- Membro Fundador do CemOrOc – Centro de Estudos Medievais – Oriente & Ocidente, da Faculdade de Educação da USP
- Professor Investigador do IJI-UP, Instituto Jurídico Interdisciplinar, da Faculdade de Direito do Porto
- Professor da Escola Dominicana de Teologia
- Professor do CLAP

PERSONAGENS FICCIONAIS,
TIPOS DE DAVID KEIRSEY
E A EDUCAÇÃO

UM ESTUDO DA SITCOM
“EVERYBODY LOVES RAYMOND”

JOÃO SÉRGIO LAUAND

PERSONAGENS FICCIONAIS,
TIPOS DE DAVID KEIRSEY
E A EDUCAÇÃO

UM ESTUDO DA SITCOM
“EVERYBODY LOVES RAYMOND”

GEMOROC
EDF-FEUSP


FACTASH EDITORA

São Paulo
2014

Copyright © João Sérgio Lauand, 2014

Todos os direitos reservados

Nenhuma parte desta publicação pode ser armazenada, fotocopiada, reproduzida, por meios mecânicos, eletrônicos ou outros quaisquer, sem autorização prévia do autor.

Título

Personagens ficcionais, tipos de David Keirse e a Educação um estudo da sitcom “Everybody Loves Raymond”

Capa e projeto gráfico: Tarlei E. de Oliveira

Preparação: Jean Lauand

Dados internacionais de Catalogação na Publicação

Lauand, João Sérgio

Personagens ficcionais, tipos de David Keirse e a Educação um estudo da sitcom “Everybody Loves Raymond” / João Sérgio Lauand ; São Paulo : Factash Editora, 2014.

14 x 21 cm. 219 p.

ISBN 978-85-89909-53-2

Bibliografia

1. Psicologia 2. Temperamento 3. Educação
4. David Keirse 5. Tipos ficcionais “Everybody Loves Raymond”.

CDD-158-2

371

Índice para catálogo sistemático

1. Temperamento: relações interpessoais: Psicologia Aplicada 158.2
2. Diferenças individuais: Educação 371

FACTASH EDITORA

Rua Costa, 35 – Consolação

CEP 01304-010 – São Paulo – SP

Tel: (11) 3259-1915 – factash@gmail.com

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

O Conselho Editorial dos livros do Cemoroc é constituído pelos seguintes Professores Doutores:

Diretores:

Jean Lauand (Feusp-Umesp)
Paulo Ferreira da Cunha (Univ. do Porto)
Sylvio G. R. Horta (FFLCH-USP)

Membros:

Aida Hanania (FFLCH-USP)
Chie Hirose (Fics)
Enric Mallorquí-Ruscalleda (California State Univ., Fullerton)
Gabriel Perissé (ESDC)
Lydia H. Rodriguez (Indiana Univ. of Pennsylvania)
María de la Concepción P. Valverde (FFLCH-USP)
Maria de Lourdes Ramos da Silva (Feusp-Fito)
Pedro G. Ghirardi (FFLCH-USP)
Pere Villalba (Univ. Autònoma de Barcelona)
Ricardo da Costa (UFES)
Roberto C. G. Castro (Fiam)
Sílvia M. Gasparian Colello (Feusp)
Sílvia Regina Brandão (Uscs)
Terezinha Oliveira (Uem)

LISTA DE ABREVIATURAS

DK – David Keirsej

ELR – *Everybody Loves Raymond*

Episódios de ELR. Ao citar os episódios da série, em algarismos romanos indicamos a temporada; em arábigos, o episódio. Assim, por exemplo, VIII, 2 é o episódio dois da oitava temporada.

Personagens de ELR:

R (ou Ray) – Raymond Barone

M – Marie Barone

Rb – Robert Barone

D – Debra Barone

F – Frank Barone

A – Amy (McDougall) Barone

PUM1 – Keirsej, David & Bates, Marilyn *Please Understand me*, 4th ed., Del Mar, Prometheus Nemesi, 1984. Assim, (PUM1, p. 87) é a página 87 deste livro.

PUM2 – Keirsej, David *Please Understand me II – Temperament, Character, Intelligence*. Del Mar, Prometheus Nemesi, 1984. Assim, por exemplo, (PUM2, p. 108) é a página 108 desse livro.

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS	7
CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO	13
1.1 A gênese deste trabalho	13
1.2 A metodologia e os objetivos deste trabalho	16
1.3 A estrutura deste trabalho	27
CAPÍTULO 2 – A TEORIA DOS TEMPERAMENTOS	
DE KEIRSEY	29
2.1 Fatores básicos em Keirsey	29
2.2 “Átomos” e “Moléculas” em Keirsey	32
CAPÍTULO 3 – VISÃO GERAL DA SÉRIE	
EVERYBODY LOVES RAYMOND	37
3.1 A série televisiva Everybody Loves Raymond	37
3.2 O realismo da criação: os personagens de ELR	38
3.3 Raymond Barone (interpretado por Ray Romano)	44
3.4 Marie Barone (interpretada por Doris Roberts)	46
3.5 Debra Barone (interpretada por Patricia Heaton)	47
3.6 Robert Barone (interpretado por Brad Garrett)	49
3.7 Frank Barone (interpretado por Peter Boyle)	51
3.8 Uma amostra dos personagens principais em ação	52
CAPÍTULO 4 – O ESFP RAYMOND BARONE	59
4.1 O ESFP: Performer	59
4.2 ESFP, brincando a vida	63
4.3 O ESFP conciliador	70
4.4 SP x SJ. Diferentes visões da escola	75
4.5 A empatia do ESFP	88

CAPÍTULO 5 – A ESFJ MARIE BARONE	101
5.1 ESFJ: Provider	101
5.2 Disfunções ESFJ	104
5.3 O controle da família	111
5.4 Educando para a culpa	124
5.5 Atitude para com o sexo	135
5.6 Marie no episódio Finale	142
CAPÍTULO 6 – ROBERT BARONE, O NF QUE É TAMBÉM SJ	145
6.1 A busca consciente NF	145
6.2 Robert e seu temperamento dual	146
6.3 Os NF x o fator S	148
6.4 Os pais e a sensibilidade da criança	154
6.5 A busca pela elusive intimacy	157
6.6 O NF ante conflitos e confrontos	161
6.7 O NF e seu anseio romântico	162
CAPÍTULO 7 – A ESTJ DEBRA BARONE	169
7.1 ESTJ com ESNP	169
7.2 Debra, a normal	171
CAPÍTULO 8 – O ISTP FRANK BARONE	177
8.1 O ISTP: Crafter	177
8.2 Os STP, supreme cynics	183
8.3 Frank x Hank: o embate entre o ISTP e o ISTJ	184
8.4 Frank x Warren	186
8.5 I gotcha: a rapidez de captação	191
CAPÍTULO 9 – CONCLUSÕES	193
9.1 Considerações finais	193
9.2 Somos diferentes	194
9.3 A tentação de transformar os outros em cópias nossas	196
9.4 Aplicação à pedagogia	197
9.5 Referências bibliográficas	198

UM ESTUDO COMPLEMENTAR	201
Discutindo o teste de Keirsey e uma apresentação dos tipos S	201
ANEXO – PERFIL RESUMIDO DOS OITO TIPOS S	
DE KEIRSEY	209
ESTJ Supervisor	209
ISTJ Inspetor	210
ESFJ Provedor	211
ISFJ Protetor	212
ESFP Performer	214
ISTP Crafters	215
ISFP Composer	216
ESTP Promoters	217
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	219

Capítulo 1

INTRODUÇÃO

1.1 A gênese deste trabalho

Do ponto de vista pessoal, este trabalho surgiu da junção de dois antigos interesses, cultivados ao longo de anos sem a intenção de que um dia poderiam se tornar objeto de uma tese de doutoramento.

Embora eu não costume acompanhar novelas ou séries de televisão, desde que, casualmente, assisti a um episódio da *sitcom Everybody Loves Raymond* (abreviaremos por ELR), percebi, quase imediatamente, que ELR seria uma exceção: cativaram-me seu senso de humor; o incrível realismo dos personagens (a fácil identificação deste ou daquele membro da família Barone – protagonista dessa *situation comedy* – com parentes e conhecidos...); seu caráter universal, embora a *situation* seja totalmente americana; a ausência de moralismos (tanto no comportamento dos personagens quanto no *american way of life*, tantas vezes sutilmente alvejado); enfim, num inteligente e divertido retrato do cotidiano.

Já o interesse pela obra de David Keirsej (abreviaremos por DK) não foi tão imediato. Meu irmão, Jean Lauand (também

ele fã de ELR e DK), tinha me presenteado com um exemplar do livro *Please Understand Me*¹ (abreviaremos por PUM1) e minha reação inicial, ao compulsar o livro, foi de uma certa indiferença: um psicólogo americano querendo reduzir a riqueza das pessoas a rotulinhos ISTP, ENTJ...!

Superado o preconceito e com sua teoria no lugar devido, apliquei-me a estudar, com crescente envolvimento, os livros de DK, que se revelaram uma importante ferramenta para a compreensão e o aconselhamento das pessoas e uma chave para tratar diversos temas de educação de que me ocupava.

Esse entusiasmo era compartilhado também em minhas aulas: meus alunos (de graduação e de pós-graduação) interessavam-se vivamente pelas discussões sobre DK e aplicavam o “teste de Keirsey” a seus familiares e amigos...

Assim, anos depois, após ter percorrido todos os episódios de ELR e o todo da obra de DK e, claro, tendo saboreado os episódios de ELR à luz da teoria de DK (e vice-versa) e comprovado uma nítida correlação entre os personagens da família de Raymond Barone e tipos keirseyanos, nasceu (e nasceu já madura...) a ideia de aprofundar e sistematizar minhas indagações pedagógicas neste projeto de pesquisa, que articulasse DK e ELR.

A importância de nossa pesquisa reside em propiciar uma mais completa e concreta compreensão de tipos de Keirsey, uma relevante tendência da psicologia e da psicologia da educação.²

1. Keirsey, David & Bates, Marilyn. *Please Understand me*, 4th ed., Del Mar, Prometheus Nemesis, 1984.

2. Na Feusp, a aplicação à educação tem sido objeto de teses, livros e artigos da Profa. Dra. Maria de Lourdes Ramos da Silva (*Perfil psicológico e opção profissional acadêmica: um estudo a partir da abordagem de Keirsey*, São Paulo: tese de livre docência Feusp, 1990; *Personalidade e escolha profissional: subsídios de Keirsey e Bates para a orientação vocacional* São Paulo: Epu, 1992; “O referencial

A Profa. Dra. Maria de Lourdes Ramos da Silva – ela mesma uma destacada especialista em DK, a cuja obra dedicou sua tese de livre-docência – acolheu imediatamente esse projeto e, após a aprovação no processo seletivo da FEUSP, pude iniciar, com a melhor orientação possível, este doutorado.

Ao longo da elaboração da tese publiquei em revistas universitárias nove artigos, relacionando diretamente DK e ELR: “David Keirse y e a TV – o caso de Raymond”;³ “Keirse y e a TV – o caso de Frank”;⁴ “David Keirse y e a SJ Marie Barone”;⁵ “Debra Barone à Luz de Keirse y”;⁶ “Robert Barone: o SJ que é também NF”;⁷ “O NF de Keirse y: Busca de Sentido e Sensibilidade”;⁸ “Culpa e Educação em *Everybody Loves Raymond*”;⁹ “Educação e Escola em *Everybody Loves Raymond*”;¹⁰ “ESFJ e Controle da Família em *Everybody Loves Raymond*”.¹¹

de Keirse y e Bates como um dos fundamentos da ação docente” *Mirandum* Porto, n. 14, p. 41-50, 2003; etc.) e, mais ou menos, diretamente tratado em teses por ela orientadas, como, por exemplo, *Os tipos psicológicos, segundo Jung : uma investigação junto ao professor*, Bauer, Adriana Conceição Pellegrini, Dissertação de Mestrado, São Paulo, 2002; e em 8 teses defendidas na USP (cfr. <http://dedalus.usp.br:4500/ALEPH/por/USP/USP/DEDALUS/FINDA?FIND= Todos&BASE=Teses+USP&VALUE=keirse y> Acesso em 21-12-10).

3. <http://www.hottopos.com/isle5/93JSLau.pdf>.

4. <http://www.hottopos.com/isle6/8JSLau.pdf>.

5. <http://www.hottopos.com/notand23/P21a32.pdf>

6. <http://www.hottopos.com/rih21/P41a50.pdf>

7. <http://www.hottopos.com/rih21/P51a58.pdf>

8. <http://www.hottopos.com/notand25/index.htm>

9. <http://www.hottopos.com/notand26/index.htm>

10. <http://www.hottopos.com/isle7/index.htm>

11. <http://www.hottopos.com/isle8/index.htm>

1.2 A metodologia e os objetivos deste trabalho

Ao assistir, ao longo de anos, aos episódios de ELR (e ao revê-los agora, de modo crítico e sistemático, para este trabalho), pude comprovar seu enorme potencial revelador dos tipos keirseyanos.

A ideia de dedicar um trabalho acadêmico de Psicologia da Educação às relações entre os tipos de temperamento do psicólogo americano David Keirse e os personagens da *sitcom* (*situation comedy*) *Everybody Loves Raymond* (abreviaremos por ELR) fundamenta-se metodologicamente na fecunda sentença de Heráclito: *hodós áno káto mía kaí hoyté*,¹² o caminho que sobe é o mesmo caminho que desce.

Os 16 tipos de DK são “ideais”¹³ e foram construídos a partir de anos de observação profissional; eles nos propiciam importantes informações para a compreensão¹⁴ dos temperamentos; mas cada tipo só existe, na realidade, encarnado em indivíduos concretos: e é quando “descemos” ao plano concreto que podemos novamente “ascender” ao alcance e significado do plano ideal.

Assim, permanecem num plano ideal os traços característicos de cada um dos 4 temperamentos (SP, SJ, NF e NT), dos 8 *roles* (SFP, STP, SFJ, STJ, NFP, NFJ, NTP e NTJ) e dos 16 tipos de Keirse (ISFP, ESFP, ISTP, ESTP, ISFJ, ESFJ, ISTJ, ESTJ, INFP, ENFP, INFJ, ENFJ, INTP, ENTP, INTJ e ENTJ): afirmar, digamos, que o SP tende a ser impulsivo; o SJ, roti-

12. Fragmento 60. In Béreau, Samuel *Héraclite d'Ephèse* <http://philoctetes.free.fr/heraclitefraneng.htm>

13. No sentido de *Idealtypus* e, em qualquer caso, sem nenhuma afirmação de valor: nunca no sentido de um “ideal” a ser seguido, alcançado etc.

14. Também no sentido técnico: de *verstehen*.

neiro; o INFP, extremamente idealista; etc.; tudo isto é muito vago e requer a interação dialética com o biográfico, com o encarnado, caso queiramos “descer” ao plano do concreto, afinal, a única realidade.

É por essa razão que o próprio DK, ao falar desta ou daquela característica, frequentemente exemplifica com casos de figuras conhecidas da história, do show business, do esporte... e também com personagens de ficção. Afinal, foi a partir dessa realidade concreta, vívida e vivida, que ele pôde “subir” para seus tipos ideais.

Mas essa referência ao concreto admite graus: desde o puro tipo ideal até a realidade individual completa de Fulano de Tal, há diversas possibilidades de articulações ideal-concreto. Assim, DK em seus livros instala-se em um plano no qual prevalece a apresentação do ideal, deixando o concreto implícito e subjacente e, em geral, refere-se a ele de modo assistemático e esporádico.¹⁵

Neste trabalho, voltar-nos-emos precisamente para a análise de personagens concretos, os membros da família Barone, da série ELR, que encarnam diversos tipos keirseyanos: um constante contraponto entre DK e ELR. Claro que o potencial heurístico contido no projeto depende da qualidade e da “quantidade” do material selecionado. No caso, contamos com roteiros primorosos, lidando com poucos personagens em 211 episódios, cada um de 22 minutos, perfazendo mais de 70 horas de situações quotidianas, coerentes e plausíveis, que são, como dizíamos, a nosso ver, excelente material de vida – diálogos, atitudes, gestos, reações etc. – para o estudo da teoria de Keirsey.

15. Exceto em Keirsey, David, *Presidential Temperament*. Prometheus Nemesi Book Company, Del Mar, 1992.

Ao assumirmos personagens concretos, perdemos, obviamente, em generalidade: o personagem deixa de ser um puro tipo de temperamento e vai estar “contaminado” por diversos outros fatores: idade, grau de instrução, etnia, religião, gênero, hábitos adquiridos etc.¹⁶ Mas, por outro lado, ganhamos um fecundo “laboratório” de observação, no qual a vida quotidiana do personagem é obrigada (sob pena de perder sua coerência) a se manifestar em detalhes que passariam despercebidos em outras instâncias.

Mas não se trata só de revelar modos concretos do ESFP (ou do ESTJ etc.) de agir. Pense-se, por exemplo, nas potenciais contradições de valores inerentes a cada tipo. Numa abordagem puramente típica-ideal esses conflitos não ganham relevo, mas na “vida vivida” do personagem eles não podem ser eludidos.

Por exemplo, a mãe de Raymond (abrev.: R ou Ray), Marie (abrev.: M), é nitidamente ESFJ e, como tal, tem como valores primordiais: o sentido do dever, o cuidado pela família, pelas tradições, pela religião etc. Preocupa-se, portanto, em arrumar um bom casamento para seu filho Robert (abrev.: Rb), que, já quarentão, continua solteiro. Como se comportará ela quando uma determinada possibilidade de casamento conflitar, digamos, com valores religiosos? Ou, no caso de nosso principal personagem, o ESFP Raymond, como se resolvem na realidade do quotidiano choques entre valores abstratos do tipo: liberdade, cultivo da harmonia, impulsividade etc.?

Naturalmente (e com isso superei minhas reservas a DK no contato inicial), o tipo de temperamento, mesmo que se dê

16. Em diversos casos, esses condicionamentos não são casuais, mas ajustam-se ao tipo: é totalmente plausível que, por exemplo, o ISTJ Hank, o sogro de Robert, seja um presbiteriano radical.

de modo acentuado, não esgota a realidade do indivíduo; poderíamos compará-lo, por exemplo, à mútua atração dos sexos: é um dado real e importante, mas não determina ou explica a totalidade da conduta de uma pessoa. E, certamente, a resposta do personagem às situações propostas, envolverá – em maior ou menor grau –, além do tipo de temperamento, outros fatores que constituem sua personalidade, mas, em qualquer caso, estará *in-formada*¹⁷ pelo temperamento; pelo menos esta é uma das bases da teoria de DK. E, como é de esperar, centraremos nossa atenção nas características “keirseyanas” de nossos personagens, indicando, quando for o caso, estarem “contaminadas” por algum outro fator.

Feitas todas essas observações, podemos falar do interesse deste estudo para a educação. Ele pretende auxiliar os pedagogos no reconhecimento e na compreensão de diversos padrões fundamentais de agir (e reagir) diante da realidade, de encarar os fatos, de sentir e pensar etc. Por exemplo, como veremos, é muito diferente a visão da escola de crianças SJ e SP. A escola está dimensionada para os SJ; dirigida por SJ; os professores são, em sua imensa maioria, SJ; etc. É natural que o SP se sinta pouco à vontade e seja rotulado como indisciplinado, aluno problema etc. Mas o problema não é necessariamente o aluno, mas, talvez, a própria escola, que o esmaga. Ou quando analisarmos o personagem NF, Robert, e todas as incompreensões que seu tipo sofre por parte dos S, que são a imensa maioria da população...

A captação concreta, biográfica, dos tipos de Keirsey pode, assim, ser muito sugestiva – em diversos campos – tanto para a educação formal quanto para a informal.

17. No sentido aristotélico de *morphé*.

Como dizíamos, o interesse metodológico de ELR reside no fato de ser uma extensa *sitcom* voltada para o cotidiano, muito bem produzida (13 Emmys e 45 indicações para esse prêmio, o Oscar da TV americana!), com um nítido e coerente conjunto de personagens, ambientados em situações comuns, que constituem um rico “laboratório” para a compreensão concreta dos tipos de DK.

A série encontra-se integralmente disponível em diversos sites da Internet e é exibida com sucesso até hoje nas TVs do Brasil e de todo o mundo.

Munido de toda a bibliografia necessária de e sobre DK e sobre ELR (que inclui também a videografia, com os CDs de todas as temporadas e episódios, junto com os bônus, cenas deletadas, entrevistas com atores, roteiristas e produtores etc.), o método é contrapontear as descrições tipológicas de DK com os correspondentes personagens de ELR, deixando evidente a encarnação concreta do tipo na vida deste ou daquele membro da família Barone, o que permite visualizar seu modo de ser e de conviver, trazendo para o plano concreto o viés de cada tipo keirseiano em termos de modo de agir, visão de mundo, conflitos etc., sempre privilegiando o ponto de vista da pedagogia, aplicado a cada caso.

Explicitando os objetivos deste trabalho, diremos que, em termos gerais, está o de estabelecer uma conexão, em ativa interação, entre a doutrina de DK e a série ELR: uma leitura dos personagens de ELR à luz dessa teoria, visando a educação.

Por isso, dedicaremos especial atenção ao modo como os tipos-personagens concebem e praticam a educação: se, por exemplo, mesmo dentro dos temperamentos SP, há significativas diferenças entre Raymond educador (ESFP) e Frank educador (ISTP), quando os comparamos com as concepções de

educação SJ, as divergências acentuam-se ainda mais. Discutiremos também as relações dos tipos com a instituição escolar, estilos de aprendizagem etc. Ao longo do trabalho veremos, por exemplo, como a criança SJ é particularmente afetada pela separação dos pais; como a NF, por conflitos de convivência; como a criança SP é a menos ajustada ao modelo escolar predominante etc.

Como dissemos, Keirse y faz uma enumeração limitada e esparsa das características de cada tipo e, em geral, no plano ideal. Nossa pesquisa pretende, na “biografia” dos personagens analisados, “confirmar” e ampliar essas características e, sempre no plano concreto, mostrar como se articulam em situações do cotidiano. Examinaremos principalmente os tipos ESFP (em Raymond), ESTJ (Debra), ISTP (Frank), ESFJ (Marie) e o fronteiro (NF/SJ) Robert.

Note-se que os filhos de Ray e Debra praticamente não protagonizam os episódios, como faz notar o site TVTropes:

Notable is the fact that despite the main couple having children, the kids don't make up part of the core cast of the show, most often appearing as background or as the basis for some conflict amongst the adults. In fact, this was an early part of the show's beloved nature among critics during its first few seasons (which mostly went unrecognized by the ratings), even mentioned in the opening credits of one early season (“it's not about the kids”).¹⁸

De fato, o próprio Ray, na abertura dos primeiros episódios (I, 2 e ss. abrev.: temporada I, episódio 2) da série, vai apre-

18. Cf <http://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/EverybodyLovesRaymond> (acesso em 02-04-14).

sentando os membros da família, que desfilam atrás dele por uma esteira rolante e, quando fala das crianças, confia em voz mais baixa...: “It’s not really about the kids”:

Ray: Hi, I’m Ray, and I live here in Long Island with my wife Debra. She’s great with the kids, the house, everything. I don’t know how she does it.

We’ve got a daughter Ally... and twin two-year-old boys. It’s not really about the kids.

My parents live across the street. That’s right.

And my brother lives with them. Now, not every family would go by on a conveyor belt for you... but mine would because...

Robert (farto da popularidade do irmão): ... Everybody loves Raymond.

Discutiremos também – em conexão com outros fatores presentes nos personagens (para além dos tipos de temperamento, mas frequentemente em conexão com eles, *in-formados* por eles) – algumas de suas posições, valores e preconceitos.

Essas análises permitirão uma mais fácil identificação e um enriquecimento da compreensão dos tipos contemplados,¹⁹ enumerando e contextualizando características correspondentes a cada um deles: especialmente as específicas de cada tipo; mas, também, os modos como cada tipo lida com a vida em geral.

19. A identificação dos tipos de Keirse não sempre é tarefa fácil: muitos se enganam e fazem juízos apressados ou mesmo absurdos, como, por exemplo, o de um fórum de discussão da Internet, que afirma categoricamente que todos os cinco personagens principais de ELR são J (quando, na realidade, Raymond é P e Frank é extremamente P!). Cf <http://www.christianforums.com/t1135175/> Acesso em 02-04-14.

Análises que se beneficiam de uma condição heurística: as mais de 70 horas em situações quotidianas de nossos personagens podem despertar nossa atenção para aspectos do comportamento (inclusive não verbais: de expressão facial, corporal, gestual etc.) que podem passar despercebidos em um estudo meramente teórico.

Como dissemos, essa identificação e a compreensão dos tipos são a base de um valioso referencial pedagógico, na medida em que permitem visualizar diferentes preferências e tendências de ação/reação na convivência e discutir – a partir dos tipos estudados – a educação em diversos aspectos. Identificar concretamente e estudar os estilos de cada tipo no âmbito da educação é pré-requisito para qualquer ação pedagógica que queira se beneficiar da psicologia keirseiana. Em nossas *Conclusões*, recolheremos os resultados dessa discussão.

Esses objetivos condicionam nossa metodologia. O método consistirá na leitura teórica da bibliografia de e sobre os tipos psicológicos de Keirsey, visando – com base na experiência acumulada em anos de observação desses tipos – a identificação de relevantes situações concretas em ELR para os objetivos acima. É basicamente o mesmo método empregado pelo próprio Keirsey, quando analisa os presidentes americanos em sua obra *Presidential Temperament*.

Aplicando essa metodologia a esse mesmo tópico (como numa espécie de meta-discurso), abriremos neste momento um par de parágrafos de parênteses – a título de amostra (insuficiente e correndo o risco de ser um tanto prematura para o leitor que não conheça a série ELR) –, mas que já dá uma ideia de nossa proposta da articulação entre o plano teórico e o concreto.

Podemos ler em PUM1, PUM2 (abreviatura para *Please Understand Me II – Temperament, Character, Intelligence*²⁰) etc. o perfil genérico, digamos, dos SJ e SP; ou mais especificamente dos ESFJ, ISTP etc. Mas outra coisa é ver pessoas conhecidas nossas (e nos personagens de ELR, em alguma medida, reconhecemos parentes e amigos, ou talvez a nós mesmos...) expressando seus temperamentos em situações familiares: por exemplo, como se comportam num jogo em família ou que filmes preferem.

Uma vantagem adicional da série ELR em relação às congêneres brasileiras é que ela não tem pruridos de merchandising: na cena que apresentaremos – e em toda a série –, o jogo e os filmes (etc.) são reais, conhecidos por todos (e o mesmo se dá para quaisquer marcas e firmas). Não se trata do merchandising das novelas brasileiras (tantas vezes forçado), mas, por exemplo, com toda a naturalidade, Ray (apaixonado por esportes) diversas vezes expressa sua preferência pelo canal ESPN e acha aborrecidos os filmes sobre animais de um National Geographic.

No episódio I, 17 (abreviatura para o episódio 17 da 1ª temporada), *The game*, a família toda está reunida na sala de estar.

Uma tempestade deixou o bairro sem TV a cabo. O que fazer? Alugar um filme? Impossível, porque os gostos não combinam: quando a ESFJ Marie, mãe de Raymond, diz que ela não se importaria de rever seu filme favorito, “Amigas para Sempre” (*Beaches*); seu marido, o ISTP Frank, responde, sem papas na língua, que ele, sim, se incomodaria e muito.

20. Keirsey, David, *Please Understand me II*. Del Mar, Prometheus Nemesis, 1988.

Essas preferências (junto com mil outras formas de comportamento em ELR) é que nos vão dar a compreensão concreta dos tipos de Keirsey. É totalmente adequado a uma ESFJ o filme “Amigas para Sempre” (um filme cheio de sentimento sobre uma amizade que se conserva por décadas); como é perfeitamente natural que um ISTP como Frank ache esse filme uma “xaropada”. Frank (em VII, 1) declara sua paixão pelo filme “Patton” e diz que só voltará ao cinema quando vier a ser lançado “O filho de Patton”. Neste caso, parece até que os roteiristas escreveram a fala do personagem tendo como guia DK, que dá como arquétipo do ISTP: o general Patton! (PUM1, p. 202).

Por sua vez, Debra, a ESTJ esposa de Raymond, expressa (em VI, 24) sua preferência por “Out of Africa” (“Entre dois amores”), um filme de amor protagonizado por uma mulher forte e decidida que dirige uma fazenda na África no começo do séc. XX.

Já Raymond, como bom SP, em outro episódio (III, 9, *The Lone Barone*), em um desabafo bem-humorado, ridiculariza os insuportáveis filmes de que Debra gosta, aqueles “em que a mãe tem uma doença e a filha aprende a cuidar da mãe que tem uma doença” e expressa sua preferência por filmes de tiroteios, perseguições de carros e nudez gratuita.

Descartada a hipótese de aluguel de um filme (e obviamente também a de os maridos SP conversarem com as esposas SJ...), não é por acaso que seja a ESFJ Marie que sugira um jogo e obtenha imediatamente o assentimento dos outros SJ: Debra e Robert.

Debra expressa seu apoio à ideia da sogra: “temos que fazer algo juntos, como uma família”.

Os SP manifestam oposição à ideia: sutil em Raymond (o gentil ESFP: “Um jogo, é? Vocês estão realmente a fim de um

jogo de tabuleiro?”); ostensiva em Frank (o “durão” ISTP).

A resposta de Frank é típica do ISTP, avesso a “ter que seguir regras, prestar atenção, esperar sua vez...”; esses jogos são a negação do espírito de liberdade e insubordinação, características do ISTP, que Keirsej exemplifica com o Gal. Patton na passagem acima citada.

A seguir, todos acabam aceitando (por bem ou por mal) o jogo (um jogo real, muito difundido nos EUA, *Scruples*).

Robert começa a ler as regras (os SJ têm necessidade de conhecer claramente as regras, ler manuais etc; coisas dispensáveis ou insuportáveis para os SP), e Frank protesta veementemente: não há necessidade de ler regras; vamos jogar e pronto. Robert insiste e começa uma discussão acirrada etc.

Paremos por aqui, embora haja muitas outras sugestivas revelações sobre os tipos nesse episódio. Com essa amostra procuramos revelar a riqueza de material contida em apenas 5 minutos de filme. E cremos que essa articulação entre procedimento tipológico e “contar histórias” seja uma combinação fecunda para a compreensão dos tipos e das pessoas (personagens) que os encarnam.

Mais uma observação sobre nossa metodologia: selecionamos episódios, sequências e cenas relevantes para a caracterização dos tipos de DK. Se deixamos de lado cenas engraçadíssimas (ou os desdobramentos de cenas citadas) é por não serem importantes para este trabalho, com um ponto de vista bem definido: a teoria de DK e sua aplicabilidade à educação.

Para efeitos de estruturação da pesquisa, pareceu-nos metodologicamente adequado dedicar uma análise especial para cada um dos personagens principais e, em cada caso, alguns tópicos dedicados a alguns temas particularmente relevantes (mas ajuntados à análise deste ou daquele personagem),

como indicaremos no próximo tópico, que expõe a estrutura deste trabalho.

1.3 A estrutura deste trabalho

Após esta Introdução, dedicaremos os capítulos 2 e 3 a uma breve apresentação dos pólos a cuja relação versa esta tese: DK e ELR.

Em seguida, cinco capítulos dedicados a cada uma das cinco correspondências entre os principais personagens de ELR e tipos de DK; destacando, quando for o caso, além das características gerais, temas gerais relacionados ao tipo.²¹

Naturalmente, essa divisão em capítulos não é estanque, pois um personagem só se configura no relacionamento com os demais: o capítulo sobre cada um é, em alguma medida, sobre todos (daí que os capítulos iniciais dessa série, cap. 4 e cap. 5, sejam mais longos).

Assim, no Cap. 4 – *O ESFP Raymond Barone*, além das características gerais do tipo, centradas em seu espírito lúdico e conciliador, destacaremos o tema Escola, na visão típica dos SP em confronto com os SJ.

Cap. 5 – *A ESFJ Marie Barone*. Analisaremos as qualidades da ESFJ, que DK resume na palavra *provider*, e também as disfunções do tipo, como as técnicas de controle da família, a “educação para a culpa”, sua preocupação com a “saúde moral” dos filhos etc.

21. A base para esses capítulos são os artigos que recentemente publicamos e estão indicados em 1.1. A publicação desses artigos obedeceu à seguinte estratégia metodológica: oferecer à crítica a estrutura mínima e alguns dados básicos de cada caso para, uma vez passado por esse crivo, apresentar na tese a versão completa.

O Cap. 6 – *A ESTJ Debra Barone*, aparece como referencial de normalidade na família.

Aos NF e sua particular sensibilidade, sua busca de sentido e de *ellusive intimacy* é dedicado o Cap. 7 – *Robert Barone, o NF que é também SJ*.

Ao Cap. 8 – *O ISTP Frank Barone*, entre outros traços típicos, juntaremos o conflito entre os antípodas ISTP x ISTJ, este personificado no sogro de Robert, Hank McDougall.

Finalmente, o capítulo Conclusões recolherá de modo sintético e articulado os principais resultados da pesquisa, na qual os tipos de DK e os personagens de ELR se iluminam mutuamente e apontam para os diversos modos de encarar a educação, típicos de cada caso.

Nas *Referências Bibliográficas* daremos as indicações das obras efetivamente citadas no trabalho.

Capítulo 2

A TEORIA DOS TEMPERAMENTOS DE KEIRSEY

2.1 Fatores básicos em Keirsey

Neste tópico, apresentaremos um resumo da teoria de DK, deixando muitas outras características dos temperamentos e dos tipos para os capítulos em que os confrontaremos com os personagens e temas de ELR.

Após muitos anos de pesquisa, em 1978 DK lança *Please Understand Me*, seu livro fundamental, no qual apresenta os 4 temperamentos: SJ (o guardião), SP (o artesão), NF (o idealista) e NT (o racional). Cada um desses tipos admite 2 complementações (com o fator F/T ou J/P, conforme o caso, produzindo um total de 8 *roles*) e 4 (sub)tipos (se associarmos o fator restante, do par E/I) e assim temos um total de 16 (sub-)tipos psicológicos.

Esse livro causou um profundo e duradouro impacto em todo o mundo e, traduzido em diversas línguas, já vendeu mais de 2 milhões e meio de exemplares.²² Em 1998, DK publica *Please Understand Me II – Temperament, Character,*

22. O dado procede do site oficial de Keirsey: <http://www.keirsey.com/keirseybooks.aspx>. Acesso em 02-02-14.

Intelligence,²³ revendo, ampliando e aprofundando os temas do vol. I. Também esse vol. II já atingiu perto dos 2 milhões de vendas.²⁴ Outro indicador da difusão da obra de DK: a consulta ao *Google*, combinando “Keirsey” e “temperament”, deu como resultado 128.000 sites (em 17-12-10).

É este o momento de uma sucinta apresentação da teoria de DK. Trata-se de uma retomada – a partir dos *Tipos Psicológicos* de Jung e das pesquisas de Isabel Myers (co-autora de *PUMI*) – da doutrina dos 4 temperamentos da antiga Grécia. Embora DK se esforce por traçar paralelos com Hipócrates e Platão, há substanciais diferenças.

Seja como for, o site oficial de Keirsey define:

Temperament is a configuration of observable personality traits, such as habits of communication, patterns of action, and sets of characteristic attitudes, values, and talents. It also encompasses personal needs, the kinds of contributions that individuals make in the workplace, and the roles they play in society. Dr. David Keirsey has identified mankind’s four basic temperaments as the Artisan, the Guardian, the Rational, and the Idealist.

Each temperament has its own unique qualities and shortcomings, strengths and challenges. What accounts for these differences? To use the idea of Temperament most effectively, it is important to understand that the four temperaments are not simply arbitrary collections of characteristics, but spring from an interaction of the two basic dimensions of human

23. Keirsey, David *Please Understand me II*, Del Mar, Prometheus Nemesis, 1998.

24. O dado procede do site oficial de Keirsey: http://www.keirsey.com/pum_2.aspx. Acesso em 02-04-14.

behavior: our communication and our action, our words and our deeds, or, simply, *what we say* and *what we do*.²⁵

DK baseia-se nas funções e disposições descritas por Jung (daí também a estranheza que a terminologia pode causar ao leitor leigo, que, inadvertido, facilmente pode ser levado a equívoco). Assim, seus elementos mais fundamentais são os pares opostos de preferências: I/E (**I**ntroversão/ **E**xtroversão); S/N (*Sensible* / *i*Ntuição); T/F (*T*hinking / *F*eeling) e J/P (*J*udgement / *P*ercepção).

As diferenças principais²⁶ entre as propostas de Keirsey e a de Jung são assim apresentadas por Ramos da Silva:

De modo geral, Keirsey e Bates introduzem, em relação à tipologia junguiana, dois aspectos diferenciadores. O primeiro relaciona-se à introversão e extroversão, consideradas não mais como atitudes ou dimensões básicas mas como um par de dimensões no mesmo grau de igualdade com as demais, cuja importância é, de certa forma, minimizada pelos autores. O segundo aspecto relaciona-se à introdução do par de preferências denominadas percepção / julgamento ou atitude judicativa (P/J). Essas diferenciações atribuem à tipologia apresentada pelos autores um caráter inovador, que a diferencia da tipologia original de Jung e de Myers-Briggs.²⁷

25. http://www.keirsey.com/4temps/overview_temperaments.asp. Acesso em 02-04-14.

26. Para uma análise mais completa, veja-se: Silva, Maria de Lourdes Ramos da: *Personalidade e Escolha Profissional – subsídios de Keirsey e Bates para a orientação Vocacional*, São Paulo, EPU, 1992, pp. 31 e ss.

27. *Op. cit.*, p. 43.

2.2 “Átomos” e “Moléculas” em Keirsey

Penso que o melhor modo de apresentar a visão keirseyan de temperamento é por meio de uma comparação: o temperamento será basicamente uma “molécula”, uma composição – em nível original e superior – da união de dois “átomos” de preferências básicas.

Para DK os temperamentos se configuram, assim, como quatro possíveis combinações, aliás assimétricas.

Começa-se indagando se a pessoa tem uma preferência S ou N (Sensible ou iNtuition): S é a preferência por fatos, o realismo dos fatos, “pé no chão”, sem contemplações, sem devaneios: achar que os fatos falam por si. Para compreendermos o N – em contraste com o S –, recorramos, uma vez mais, a M. L. Ramos da Silva:

Enquanto a pessoa realista e sensata (S) é geralmente prática, não tolera falta de bom senso e é cuidadosa na observação dos detalhes, a pessoa intuitiva é geralmente inovativa, utiliza metáforas, imagens vívidas, convive com devaneios e desfruta a fantasia e a ficção. A pessoa que se caracteriza pela sensatez acredita nos fatos, lembra-se deles, aprende com a experiência e, quando conversa e interage com outras pessoas, está basicamente interessada em suas experiências, em suas histórias de vida. Para a pessoa intuitiva, que Keirsey/Bates denominam com a letra N (2ª. letra da palavra intuição) para não confundir com a letra I, de introversão, o possível está sempre diante dela, excitando-a e atraindo sua imaginação, pois, para ela, a vida é repleta de possibilidades. Por essa razão, trabalha principalmente no tempo futuro e com ideias complexas, procurando organizá-las num todo harmônico. Essas visões e intuições podem manifestar-se em qualquer âmbito do

conhecimento, como na filosofia, nas artes e na vida social. A pessoa realista também possui intuições, mas como não lhes dá muita importância, ignorando-as e não confiando nelas, estas acabam por ficar estáticas e paralisadas. Por outro lado, a pessoa intuitiva, como tende a ignorar a realidade, acaba perdendo contato com o ambiente que a cerca. O intuitivo vive na antecipação: tudo o que é, é percebido apenas como um ponto de referência e, por essa razão, experimenta frequentemente uma vaga sensação de insatisfação e de inquietude, aborrecido com a realidade presente, já que está sempre voltado para as possibilidades de mudança ou de aperfeiçoamento do real. Consequentemente, pode passar de uma atividade a outra sem terminar nenhuma delas. Para a pessoa realista, o intuitivo se configura como uma pessoa inconstante, “voadora”. A pessoa S configura-se para o intuitivo como exasperantemente lenta em perceber as possibilidades do amanhã, muito “pés no chão” (...) Finalmente, enquanto a pessoa realista valoriza a experiência, a sabedoria do passado e é essencialmente prática, a pessoa intuitiva valoriza a intuição, a visão de futuro, é mais especulativa e voltada para a inspiração do momento (...) as palavras-chave que caracterizam a pessoa intuitiva são: possível, fantasia, ficção, imaginação.²⁸

Uma vez estabelecida essa primeira distinção (S/N), se a preferência for S, o tipo de temperamento se complementa com a união com um dos dois átomos da oposição P/J. Assim, temos já dois dos quatro possíveis temperamentos: SP e SJ.

P é a preferência por situações abertas, por agir sem procedimentos-padrão, rotinas, esquemas e prazos; já a preferência J é pelos procedimentos bem-ordenados, com normas estabelecidas, prazos etc.

28. *Op. cit.*, pp. 39-40.

O temperamento SP move-se pela ação, pela ação impulsiva; pela busca do prazer, do lúdico. Ou em um artigo mais recente de Ramos da Silva:

Em função das reações que o caracterizam, o tipo SP (realista perceptivo) necessita de ação e liberdade, repudiando planos e objetivos a longo prazo. Indiferente a hierarquias baseadas em títulos e regulamentos rígidos, é o mais fraternal de todos os tipos e o mais apto a resolver situações de crise. O tipo SJ (realista judicativo), ao contrário, não gosta de improvisações e adapta-se com facilidade aos regulamentos, às regras e aos diversos modos de trabalho nas organizações, respeitando sempre as hierarquias. Por essa razão, o dever e a responsabilidade em relação a tudo que lhe diz respeito representam suas características pessoais marcantes.²⁹

Se a preferência for N, a complementação – como dizíamos, assimétrica – dar-se-á com algum dos “átomos” do par F/T, respectivamente, a preferência pela abordagem pessoal e sensível (F de *Feeling*) em oposição à abordagem fria e “objetiva” (T de *Thinking*).

No artigo citado, Ramos da Silva resume os correspondentes temperamentos NT e NF:

O perfil NT (intuitivo racional) orienta-se para a competência, a capacidade e o saber. Aprender é uma preocupação constante, já que é o mais autocrítico de todos os perfis, sentindo compulsão para modificar o ambiente em que atua. O NF (intuitivo sensível), por sua vez, orienta-se essencialmente

29. Silva, Maria de Lourdes Ramos da “O Referencial de Keirsey e Bates como um dos Fundamentos da Ação Docente”, Revista *Mirandum*, São Paulo, CEMOrOc-Feusp / IJI-Univ do Porto, 2003, N. 14. <http://www.hottopos.com/mirand14/malu.htm>, acesso em 02-04-14.

para a sua auto-realização e a defesa de sua individualidade, integridade e coerência interna, trabalhando mediante uma visão de perfeição interior.

Calegari e Gemignani,³⁰ num dos mais recentes estudos sobre DK produzidos entre nós, dão exemplos dos temperamentos com personalidades brasileiras.

SP: Juscelino Kubitschek, Carmen Miranda, Ayrton Senna e Cândido Portinari

SJ: Duque de Caxias, Rachel de Queiroz, Roberto Marinho e Irmã Dulce

NF: Dom Hélder Câmara, Chico Xavier, Sérgio Vieira de Mello e Clarice Lispector.

NT: Assis Chateaubriand, Mário Henrique Simonsen, Santos Dumont e Lina Bo Bardi.

Com a combinação desses 4 temperamentos com as preferências I/E e o outro par surgirão 16 (sub) tipos (ou, em outras análises de Keirsey, que desconsideram o par E/I, 8 (sub)tipos).

Não é o caso nesta tese de descrever todos esses tipos; bastar-nos-á apresentar, por ocasião do confronto com os correspondentes personagens, as principais características daqueles que analisaremos mais detidamente em nosso trabalho: o ESFP (Raymond), o ESTJ (Debra, esposa de R); o ISTP (Frank, pai de R), a ESFJ (Marie, mãe de R) e o caso fronteiro (NF/SJ) Robert. E também, com menos desenvolvimento, alguns personagens secundários.

30. Calegari, Maria da Luz & Gemignani, Orlando. *Temperamento e carreira*, São Paulo, Summus, 2006.

Capítulo 3

VISÃO GERAL DA SÉRIE *EVERYBODY LOVES RAYMOND*

3.1 A série televisiva *Everybody Loves Raymond*

Após a introdução à teoria de Keirsey, passemos ao outro pólo básico de nossa pesquisa: a série ELR.

Por estarmos interessados em capturar as reações dos tipos no cotidiano, optamos por uma *situation comedy*, gênero no qual a televisão americana é insuperável, embora a produção brasileira nesse campo apresente notáveis realizações, desde a *cult* “Família Trapo” (com o imortal Ronald Golias) até a ainda recentemente extinta “Toma lá, dá cá”, passando por “A grande família”, “Sai de baixo” e “Os Normais”.

ELR, produzida por Phil Rosenthal, pareceu-nos objeto privilegiado para este estudo, pela própria configuração dos personagens, em geral, nítidos e coerentes tipos keirseyanos; pelos roteiros sugestivos e pela rica variedade de situações vividas pela família nas mais de 70 horas da série.

As situações propostas costumam ser muito plausíveis e realistas (naturalmente, há algumas cenas exageradas ou inverossímeis, afinal trata-se de uma *sitcom*: *situation comedy*).

Os episódios, que duram cerca de vinte e dois minutos, têm, geralmente, uma estrutura fixa (condicionada, obviamente, pelo

espaço de publicidade dos patrocinadores): uma rápida cena inicial – pode ser uma piada isolada ou a introdução do enredo –, seguida do corpo do episódio e um breve epílogo.

É comum entre roteiristas e diretores de séries e novelas recorrer a teorias da personalidade para criar seus personagens: as quatro protagonistas de *Sex and the City*, por exemplo, correspondiam com muita exatidão aos 4 tipos de temperamento de Keirsey: Carrie é a NF; Samantha, a SP; Charlotte, SJ; e Miranda, NT.

No caso de ELR, a tipificação também é nítida: como veremos, o próprio título da série quase que pressupõe necessariamente que o personagem central, Raymond, seja um ESFP.

3.2 O realismo da criação: os personagens de *ELR*

Faremos neste tópico uma primeira breve apresentação dos personagens de ELR³¹ (muito ampliada, naturalmente, nos capítulos dedicados a cada personagem).

A construção dos personagens é realista, no sentido de que eles não são nenhum ideal: têm qualidades, mas também notórios defeitos (todos têm seus egoísmos, mentem frequentemente etc.); a proposta da série é a de que os espectadores não se liguem a eles como heróis, mas que se vejam a si mesmos e a membros de suas próprias famílias retratados neles: qual família não tem, digamos, uma tia controladora como Marie; um troglodita como Frank; etc.?

31. Neste tópico e no seguinte, valemo-nos de algumas informações que se encontram em http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_Everybody_Loves_Raymond_characters (acesso em 02-04-14).

Daí também, talvez, a opção por personagens principais com preferência S: R (ESFP), D (ESTJ), M (ESFJ) e F (ISTP). Segundo Keirsey (PUM2, p. 61) os S são cerca de 85% da população e os N 15%; os S são mais facilmente encontráveis e mais “visíveis” em seu modo realista de ser.

Nunca é demais insistir no fato de que a tipologia de Keirsey **não** tem alcance moral: não existem tipos “bons” ou “maus”: pode-se ser ético ou anti-ético sendo ESTP, INFJ etc. Mas, naturalmente, há virtudes e vícios que, por assim dizer, se ajustam melhor a determinados casos; típicos de cada temperamento. Geralmente sem estridências, ELR tende a acentuar as qualidades – boas e más – de seus personagens, precisamente pela necessidade “literária” de deixá-los mais claros e, por vezes, quase caricatos. Assim, Marie não vai ser simplesmente boa cozinheira, será excelentíssima; Raymond não vai ser querido por alguns, mas por todos; Frank não pode ser só desleixado, mas realmente desleixado etc. Mesmo a normalidade de Debra é uma notável normalidade, que inclui “na medida certa” defeitos normais como a impaciência com os egoísmos de Ray...

Personagens realistas, redondos e tridimensionais, como muito bem resumiu o renomado crítico Patrick Gilchrist:³² “Each character is very three-dimensional, and believable. You find yourself relating to them more and more with each passing episode.”

É inevitável uma comparação: o realismo de ELR se oferece como um contraponto a uma clássica série na história das *sitcom* da TV americana e que alcançou enorme sucesso

32. “Review” para Amazon Books <http://www.amazon.com/review/R2FYA92AZJM3RN> (acesso em 02-04-14).

também no Brasil...: “Papai sabe tudo”³³ (*Father Knows Best*). Série paternalista e conservadora ao extremo; nela todos os problemas se resolvem quando a sábia autoridade do marido/pai entra em ação.

Naturalmente, Ray e Robert, como tantos daquelas gerações, cresceram assistindo a *Father Knows Best*. O contraste é, por vezes explícito, como em I, 13 (*Debra's sick*). Debra está doente e Ray deve cuidar dos filhos (a mais velha, Ally, e os gêmeos de quase 2 anos: Michael e Geoffrey). Raymond, negligente, leva o gêmeo “errado” ao médico; quando é objeto de riso de toda a família, Robert, sarcástico, comenta: “Yeah, like ‘Father knows best’”.

Ou, em outro memorável episódio de pai descuidado, intitulado precisamente “Father knows *least*” (II, 2), em trocadilho de contraponto ao “Papai sabe tudo”.

Naturalmente, diga-se de passagem, não faltam críticas a ELR como uma nova forma de machismo;³⁴ críticas que

33. Seriado de televisão estadunidense. Começou a ser transmitido no rádio, em 1949, e estreou na televisão em 1954, permanecendo no ar até meados da década de 1960, num total de 203 episódios. No Brasil, foi transmitido na década de 1960, pela TV Tupi; na década de 1970, pela Rede Globo; e na década de 1980, pela TV Cultura. Era estrelada pelo ator Robert Young, que representava Jim Anderson, o pai “sensato” e sabichão de uma família feliz, composta por ele, sua esposa Margareth, interpretada por Jane Wyatt, e seus três filhos: Betty (Elinor Donahue), Bud (Billy Gray) e Kathy (Lauren Chapin).

“The Sitcom Of Our Times” (23-12-04) <http://tv.insidepulse.com/2004/12/23/30439/>

34. Johnson, Alan G. *The Gender Knot – unraveling our patriarchal legacy* Philadelphia, Temple University Press, 2005, p. 31. “As I grew up watching movies and television, for example, the message was clear that men are the most important people on the planet because they’re the ones who supposedly do the most important things as defined by patriarchal culture. They’re the strong ones who build, the heroes who fight the good fight, the geniuses, writers and artists, the bold leaders and even the evil – but always interesting – villains. Even God is gendered male. Among the many consequences of such messages is to encourage men a sense of entitlement in

procedem, mas o problema não está em ELR, mas na sociedade que a série retrata...

Seja como for, antes de atirmos a primeira pedra contra ELR, pensemos nas *sitcoms* brasileiras – digamos “A Grande Família” ou “Toma lá da cá” (para não falarmos do humor preconceituoso de “Zorra Total”, “Casseta e Planeta” ou da “Escolinha do Sidney Magal”) –, que são pelo menos tão machistas quanto ELR e não estão muito preocupadas em tratar de modo politicamente correto a questão do gênero ou da discriminação (felizmente, no que diz respeito à questão racial, há no Brasil algum auto-policimento, o que nem sempre impede uma forma mais sutil de veicular preconceito).

Pelo menos, a família Barone explicita seus preconceitos, como que envergonhadamente (à exceção de Frank): raciais, de opção sexual, sociais etc. Por exemplo, o episódio IX, 11, não por acaso intitulado *The Faux Pas*, é uma escandalosa sucessão de escorregadas nesse sentido...

Neste trabalho só trataremos desses preconceitos na medida em que sejam significativos para o tipo em questão.

Falando em realismo da série, um fato interessante é que muitas situações são calcadas na vida real de Ray Romano, o ator que interpreta Raymond Barone.

Como em tantos outros episódios das primeiras temporadas, *In-laws* (I, 8) começa com a inserção de um mini-sketch

relation to women—to be tended to and taken care of, deferred to and supported no matter how badly they behave. In the typical episode of the television sitcom, *Everybody Loves Raymond*, for example, Ray Barone routinely behaves toward his wife, Debra, in ways that are insensitive, sexist, adolescent, and downright stupid, but by the end of each half hour we always find out why she puts up with it year after year—for some reason that’s never made clear, she just loves the guy. This sends the message that it’s reasonable for a heterosexual man to expect to ‘have’ an intelligent and beautiful woman who will love him and stay with him in spite of his behaving badly toward her a great deal of the time.”

preliminar de cerca de um minuto; e independente do enredo que se segue.

No caso, Ray e Debra contemplam a filha Ally:

R.: Take a look at your daughter.

D.: Yeah, so? She looks happy.

R.: She's happy. That's very happy.

D.: What, should we call a doctor, Ray?

R.: I'm just saying, look how good it is to be five. You're truly happy at five. Your happiness peaks at five.

D.: Come on. I'm happy.

R.: You're not that happy. You can't be. Look at her. Ally, what are you thinking of?

A.: Candy.

R.: Candy! You're that happy? When was the last time you daydreamed about candy? You can't do that as an adult. Try, you don't get far. Candy. Cavities. No money. Who am I? Why am I here? What am I doing? Am I gay? See? Candy doesn't work.

A.: Try this candy.

D.: Happy now?

R. (em êxtase com a balinha que Ally lhe deu): Candy...!

Na leitura do livro de crônicas, *Tudo e mais uma surpresa*, de autoria do próprio Ray Romano, percebe-se imediatamente que diversas situações do personagem que ele interpreta, Ray Barone, são tomadas de sua vida real: uma filha Alessandra (Ally), filhos gêmeos etc. e diversas *gags* de ELR, como a acima:

Uma vez, estava indo de carro com minha filha de três anos para o supermercado, e fiquei vendo ela olhar fixamente pelo vidro traseiro durante 15 minutos, com um sorriso no rosto.

“Alexandra, em que você está pensando?”

“Bala.”

Bala. Bala!

Você já foi mais feliz do que isso? Não foi, não adianta se enganar! Quando foi a última vez em que você sonhou acordado com bala? Tente fazer isso aos 40. Acredite em mim, você não vai conseguir chegar longe. “Bala... hum... cáries. Cáries... sem dinheiro, quem sou eu, por que estou aqui, será que sou viado?” Não tem espaço para bala no sonho acordado de uma pessoa de 40 anos.³⁵

Como já dissemos, outro fator a dar realismo à série é que, geralmente, os personagens referem-se a marcas comerciais (canções, programas de TV etc.) reais com a naturalidade exigida pela cena.

A foto oficial do site da Sony Television apresenta os Barone do modo tradicional e estereotipado dos shows americanos:

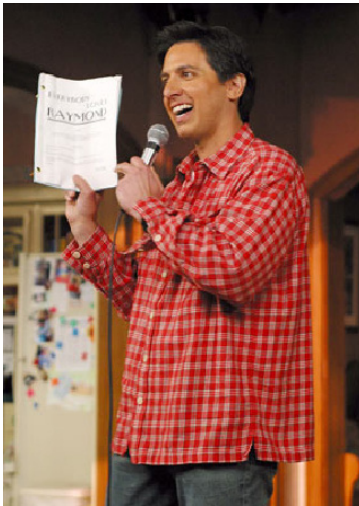


Robert, Frank, Debra, Raymond e Marie
(<http://br.canalsony.com/shows/everybody-loves-raymond>)

35. Romano, Ray *Tudo e mais uma surpresa*. Rio de Janeiro, Frente, 2001, p. 167.

Nos tópicos seguintes faremos uma apresentação breve de cada um dos cinco personagens principais de ELR, procurando descrever sua situação de vida e deixando os aspectos de tipo de temperamento para os capítulos posteriores. Apresentaremos também alguns dos personagens secundários, na medida do interesse para essas nossas análises e discussões.

3.3 Raymond Barone (interpretado por Ray Romano)



O par de fotos de cada personagem deste e dos próximos tópicos deste capítulo são de:

<http://tv.yahoo.com/everybody-loves-raymond/show/465/photos/1>
(acesso em 02-04-14)

É o personagem central da série. Os Barone são ítalo-americanos, todos de classe média. Ray é jornalista de esportes em um importante jornal nova-iorquino. Mora em uma rua tranquila de Long Island com sua esposa Debra e os filhos: Ally (com 5 anos no início da série e com 14 no final) e os gêmeos

idênticos: Michael e Geoffrey (com quase 2 anos no início da série e com 11 no final).

Os pais de Raymond, Frank e Marie, moram na casa em frente, junto com seu irmão mais velho Robert (na maior parte das temporadas, até que Robert se case), o que torna impossível qualquer privacidade de Ray e D, uma vez que sua casa é constantemente assediada, invadida sem prévios avisos por Frank, Marie e Robert.

Os filhos Ally, Michael e Geoffrey, ao longo dos anos de produção de ELR, vão crescendo naturalmente.

Marie, mãe superprotetora, encarregou-se praticamente sozinha da educação de Raymond e Robert; enquanto Frank, no extremo oposto de Marie, foi o pai ausente e durão. Entre os efeitos dessa educação da super-mãe estão a dependência de R e Rb em relação a ela; a rivalidade entre eles; a imensa carência afetiva de Rb, sempre preterido (R é claramente o favorito de M), o sentimento de culpa de Ray e a dificuldade de expressar sentimentos, também por conta da falta de afeto do pai.

Ray, como ESFP típico, é um *entertainer* (*PUM1*), cria piadas e tiradas divertidas com incrível rapidez e facilidade, faz de tudo para evitar discussões e conflitos e é extremamente liberal com os filhos (talvez mais por comodidade do que por amor à liberdade, também esta uma qualidade originária dos SP).

Com um temperamento tão leve e agradável de ESFP, não é de estranhar que todos gostem dele.

Outras constantes na série são o fato de Raymond só raramente e com má vontade ajudar Debra nas tarefas domésticas (em geral, desastrosamente) e na educação dos filhos. A tendência constante dos três homens é a de instalarem-se no sofá para ver televisão, comendo salgadinhos. A família Barone é católica, de missa dominical (exceto Ray, que é menos pra-

ticante), e os filhos estudam num colégio de freiras *Our Lady of Faith*.

3.4 Marie Barone (interpretada por Doris Roberts)



Controladora, invasiva e super-protetora (alegando que tudo o que faz é para cuidar da família), é perfeita nas tarefas de dona de casa: insuperável na cozinha, na limpeza etc.

Por detrás desses “cuidados” e da doce aparência externa, de quem parece sempre disponível para ajudar, está o desejo de controle e a constante vontade de mostrar a incompetência da nora Debra em tudo o que se refere ao cuidado do lar, alfinetando-a especialmente na culinária (ou também sarcasticamente lavando de novo as roupas das crianças que D tinha acabado de lavar).

Sobre a outra nora, Amy, Marie não se preocupa tanto: afinal, segundo Frank, Marie nunca superou o fato de Debra ter se casado com seu queridinho Raymond (há na série algumas poucas alusões também ao oculto desejo de R de ter uma esposa como sua mãe...).

A preferência por Ray é, desde a infância, ostensiva e Robert sempre se ressentia por isso: problemático, entre culpas e cacoetes, ele anda sempre em busca de aprovação.

O único que (relativamente) escapa ao controle de M é Frank, que “se defende” exercendo sua natural grosseria (assentada em um tipo ISTP), especialmente com a esposa.

3.5 Debra Barone (interpretada por Patricia Heaton)



Foi educada por pais ricos, viajados e cultos, Warren e Lois Whelan; embora D nunca dê importância ou pretenda afirmar essa sua superioridade social ou de sua diferenciada formação intelectual universitária.

Ao saber que está grávida de gêmeos, comete o enorme erro de aceitar (apesar dos veementes protestos de R) a oferta de F e M de ficar numa “casa maior”: em frente à casa dos sogros...

Debra está frequentemente estressada com as tarefas do lar, missão que (como típica ESTJ) ela assume com grande responsabilidade, embora seja péssima cozinheira e não tenha os talentos de Marie para ser uma boa dona de casa.

Tende a se impacientar facilmente, a gritar e a reclamar ante o descaso de Raymond pelas tarefas da casa e os assuntos

sérios da educação dos filhos (no quesito brincar, Ray é insuperável).

Ray frequentemente quer ter relações sexuais com D, que quase sempre se recusa (“Ray, pare com isso, já fizemos sexo nesta semana” (VII, 17)).

Ama de verdade Ray, mas como boa SJ, só aceitou casar-se com ele depois de alguns anos de pedidos, quando Ray, finalmente, arrumou um bom emprego que lhes desse segurança (I, 1).

Na cama, à noite, sempre vemos D aplicando seus cremes ou lendo um livro. Antecipando análises posteriores, note-se que enquanto os personagens SJ (Marie e Debra) são dadas à leitura e valorizam extremamente a educação escolar, é inimaginável o ISTP Frank lendo um livro (exceto o manual de ferramentas, claro) e o ESFP Raymond só lê revistas de esporte. Como veremos, Marie dedica boa parte de um episódio (VII, 3) a tentar em vão que R supra suas enormes lacunas nesse campo, e leia o básico da literatura de seu país: Mark Twain. Sobre a aversão dos SP ao sistema escolar (naturalmente, a escola – em todos os lugares e épocas – é território dominado pelos SJ) falaremos oportunamente.

Realmente dedicada à família e, em geral, com opiniões equilibradas, Debra é, digamos, o personagem normal, sensato de ELR. A essa normalidade, é dedicado todo o episódio I, 21 *Fascinatin’ Debra*, que analisaremos no capítulo 7.

Participa ativamente da APM da escola dos filhos, à qual R tem uma mal disfarçada aversão.

3.6 Robert Barone (interpretado por Brad Garrett)



O irmão de Ray, forte e muito alto, de voz trovejante quando irritado, é cheio de cacoetes, como o de tocar o bocado de comida no queixo antes de levá-lo à boca, desenvolvidos talvez por conta da clara preferência da mãe (e de todos) pelo caçula Raymond.

Apesar da onipresente rivalidade e das desavenças fraternas – em ambos, o imaturo espírito de competição mútuo, mesmo em bobagens; as pequenas brigas sempre presentes; as constantes alfinetadas verbais (tão comuns entre irmãos) –, Robert sente um profundo afeto de irmão por R e procura cuidar dele.

Robert, policial há mais de vinte anos (ao longo da série é promovido a sargento e a tenente), é responsável e inflexível; mas, fora de suas funções, tem um coração terno e sensível (especialmente para com os sobrinhos), é o *gentle giant*,³⁶ o João Grandão, um cara legal e um tanto desengonçado, embora

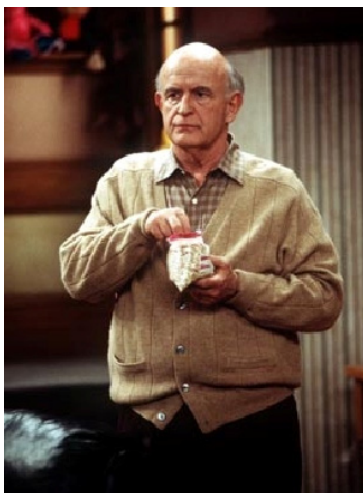
36. Hay, Alex “Robert from Everybody Loves Raymond Character Analysis” <http://ethicallyinsane.blogspot.com/2008/10/robert-from-everybody-loves-raymond.html>

também impulsivo e sujeito a explosões de ira, sobretudo ante as injustiças: é a consciência moral dos Barone e seu senso ético é aguçado, sendo o único NF da família.

Depois do divórcio com Joanne (poucos episódios), volta a morar com os pais. Namora a melhor amiga de Debra, Amy, por anos e finalmente se casam no final da 7ª. temporada.

Uma das tantas ambivalências de Robert é a de, apesar de, no fundo, amar seu irmão, manifesta incontida alegria quando R se dá mal e não aceita ser passado para trás por ele, nunca deixando de buscar revanches e vinganças.

Além de Raymond ser o preferido da mãe (fato óbvio, embora Marie insista em negar), incomoda-o o fato de que R seja bafejado com todos os dons do destino, enquanto ele só se dá mal... Já no primeiro episódio da série, Robert, ao saber de um troféu que o irmão ganhou como jornalista, desabafa (e “sem querer” explica o nome da série): “Everybody loves Raymond. I go to work, people shoot at me. Ray goes to work, people do the wave.”



3.7 Frank Barone (interpretado por Peter Boyle)

Marido de Marie e pai de Ray e Robert, Frank é o típico durão, teimoso e grosseirão, veterano da guerra da Coreia (assunto recorrente em suas conversas...). Sempre se acha com razão e nunca pede desculpas.

Frequenta um clube masculino de velhotes decadentes, o *Caribou Lodge* (com sauna, piscina aquecida onde todos nadam nus, jogam baralho, falam das doenças etc.).

Frank diz tudo o que lhe vem à cabeça (especialmente para agredir verbalmente Marie), vive dizendo palavrões (seu favorito é a exclamação “*Holy Crap!*”, equivalente ao nosso: p* m*!).

Frank é o homem que não se lembra de puxar o zíper da braguilha e não se importa de ir buscar o jornal no jardim em cuecas.

Machão, homófobo ao extremo, ridiculariza qualquer gesto sensível (impróprio de machos) de Ray ou Robert, chamando-os de Nancy, Shirley ou Mary Alice...

Frank é o homem dos consertos; para ele, chamar um profissional – encanador, eletricista, carpinteiro etc. – é um desperdício de dinheiro e ofensa pessoal. Mesquinho, ele valoriza cada centavo (colecciona cupons de descontos irrisórios, permite-se comer “amostras” no supermercado sem pagar etc.).

Tenha-se em conta que essas características (junto com o fato de ser ISTP) devem-se também a fatores como idade, um pai repressor, frustrações profissionais (Frank deixou de trabalhar, mas sem conseguir propriamente uma aposentadoria, embora a família não passe por apertos financeiros) etc.

Como pai, Frank também é do tipo durão: sentimentos e afetos só servem para amolecer e formar “Nancys”.

Apesar das constantes trocas de pesados insultos entre F e

M, eles, no fundo, se amam, é o típico casamento SFJ-STP: Marie, que tem uma veemente necessidade de cuidar, volta-se para o instável STP, que necessita ser cuidado. Quando Marie retorna após um fim de semana fora (III,17), uma surpresa: Frank recebe-a carinhosamente (pois só na ausência valorizou seus cuidados!), abraça-a e diz: “Marie, My Marie. I missed you so much. It’s been hell without you”. Seu amor por Marie está muito ligado à fartura e qualidade da cozinha.

Outro raro momento de manifestação de afeto dá-se em III, 16: de noite, M e F estão no quarto, M passa creme no rosto; F senta-se a seu lado e carinhosamente remove o creme porque ele gosta mais dela “without the crap”... Mas, em 99% dos casos, é o grosseirão espontâneo e que não acata regras.

Temperamento marcante, é em torno dele que giram alguns personagens secundários (como veremos mais adiante), como os sogros dos filhos, cujos temperamentos formam ótimo contraste frontalmente com o ISTP Frank.

Assim, em certo sentido, junto com Raymond, é seu pai Frank o centro da série, que, nesse recorte, poder-se-ia chamar: “Frank hates Everybody” – de acordo com a fala de Marie (VII, 13) para Raymond: “Your father hates everybody.” E Frank se defende: “There’s only some people I hate. The rest I tolerate”.

3.8 Uma amostra dos personagens principais em ação

Dentre todos os episódios de ELR, há um especialmente interessante porque coloca todos os personagens em ação, exercendo suas características típicas de modo muito claro. Serve, assim, como excelente introdução às análises que faremos em outros capítulos.

É “*The disciplinarian*” (VII, 15) e vale a pena acompanhar a sequência inicial, com as típicas discussões entre cônjuges SP x SJ, quanto à educação dos filhos. Ray, como SP, privilegia a liberdade e o brincar; Debra, SJ, o dever e a ordem.

Ray, Robert, Marie e Frank estão sentados na sala de estar em casa de Ray; Debra está por perto, ocupada com algo. Descem agitado para a sala os gêmeos Michael e Geoffrey e se lançam nos braços do pai, que já começa a fazer piada com eles:

The twins: Daddy, we’re going outside, okay?

R.: All right. Don’t throw rocks.



(Debra surge e corta-lhes o caminho para o quintal.)

D: Wait wait wait. Did you two clean your room?

The twins: Daddy said we could go outside.

D: Oh, nice try. That room is a disaster area, and I asked you two to clean it half an hour ago.

(os gêmeos voltam-se para o pai, como que pedindo uma confirmação da permissão)

R: Maybe they can go outside and finish up a little later.

D (zangada): No, Ray! What are you doing? You two get upstairs and clean your room right now!.

(Os gêmeos novamente voltam-se para o pai; R dá de ombros, como quem, impotente, diz: “Que vamos fazer?”)

The twins: Mommy’s mean!

D (em tom ameaçador): Ray, can I speak to you in the kitchen for a minute?

R (volta-se para Marie em tom de súplica infantil e graceja): Ma, can I go outside?

D (nervosa): Ray, I want to talk to you.

(Ally, vestida de bandeirante, desce a escada):

Ally: Hi, Grandma. Hi, Grandpa.

M: Hello, dear. Oh, Frank, doesn’t Ally look nice in her Frontier Girl uniform?

F (desinteressado): Great. When’s cookie season? (Frank, constantemente pensando em guloseimas, só lembra que as escoteiras nos EUA promovem festivais de *cookies*)

Ally: In the spring.

F (sem tirar os olhos da TV): I’ll see you then.

M: Have a good time, sweetheart. Have fun.

D: I’ll be right there, sweetie. (Em seguida, dirige-se a R) I guess we’ll talk later ‘cause I have to take Ally to her meeting. You make sure the boys clean that room!

M (alfinetando D): Oh, Debra, I’ll clean up. In fact, I’ll give the whole upstairs a once-over. And then the downstairs.

D (irônica e irritada): Thank you, Marie, but the boys can do it themselves.

M: Boys should play. I hardly ever used to make Raymond tidy up.

D (irônica e irritada): I know, Marie, and thank you for that.

Rb (despeitado): For Raymond, it was, “Don’t worry, go play.” What I got was, “Robbie, dust the ceiling!”

R: So you know, my mom’s got it all covered, all right?

D: Ray, you make sure that the boys do it themselves. And for once, don’t be afraid to be the bad guy.

R: What do you mean?

D: I mean, you always get to be Captain Good Times around here, and Mommy is the evil witch who shows up to spoil everybody’s fun.

F: No, that’s Ray’s mommy.

M: Debra, when it comes to discipline, it’s only natural for one of the parents to be the bad guy.

F: I was the best bad guy ever to walk the streets of Lynbrook. These two knew not to mess with me. When they were up to their usual monkeyshines, all I had to do was give ‘em “the step.”

D: What’s that?

(F levanta-se e faz “o passo” ameaçador; R e Rb se atemorizam...)

D: Nobody has to be the bad guy if you would just be firmer in setting limits for the kids. But I know you. You’re worried if you do, they won’t like you.

R: No, no.

D: Yes.

Rb (confirmando D contra R e imitando na voz e no gesto os carinhos de M para R): Yes. It’s sad, really. This obsession with being liked by everyone has now contaminated your child-rearing.

R: Do me a favor. I've got an air freshener in the car. Could you hang it off your nose?

M: There's no reason for Raymond to be the bad guy when Debra's so naturally good at it.

D: I'm not good at it.

M: That was a compliment, dear. When my boys acted up, all I'd have to say is, "Wait till your father gets home."

D: I would love to be able to do that, but whenever I say, "Wait till your father gets home," the twins say, "Great. He works for us."

R: Yeah yeah. Okay.

M (rindo e fazendo carícias infantis em R): That's just the way it goes, honey. How could you ever be the bad guy?

R: Stop it!

Rb (pegando no queixo de R e com voz "maternal"): Who's the bad guy?

R (afasta Rb bruscamente)

Rb: Oh, we've touched a nerve.

R: Did not. Shut up.

Rb: Touched a nerve! Touched a nerve!

D: Hey, listen, if you'd just lay down the law once in a while, maybe the twins would respect you more.

R: They respect me!

D.: They do? When? When you tell them to get dressed and I find them watching TV with their pants on top of their heads?

R: I'm a fun dad.

D.: Yeah, well, you've got the "fun" part right.

R.: What's that supposed to mean?

Rb: You're a lousy dad.

D.: I've got to take Ally. I'll be back in a little while.

Naturalmente, Ray não tem sucesso na missão e o episódio prossegue na mesma linha: o cônjuge SJ (Debra) acusando o pai SP (Raymond) de irresponsável, incapaz de estabelecer limites para os filhos, de fazer o papel de pai legal e brincalhão, deixando o papel de megera para a SJ etc.

Capítulo 4

O ESFP RAYMOND BARONE

4.1 O ESFP: Performer

Começaremos por recolher algumas características do tipo em foco, ESFP, tomadas de PUM2:

The Performer [ESFP]

Performing is putting on a show or demonstration of some kind to entertain others, and ESFPs are the natural performers among the types, people for whom it can truly be said “all the world’s a stage.” Playful and fun-loving, these expressive Artisans’ primary social interest lies in stimulating those around them, arousing their senses and their pleasurable emotions-charming them, in a sense, to cast off their concerns and lighten up. Such Performers radiate warmth and festivity, and whether on the job, with friends, or with their families, they are able to lift others’ spirits with their contagious good humor and their irrepressible joy of living.

(...)

In orientation they tend to be hedonistic, optimistic, cynical, and focused on the here and now. They want to be seen as artistic, audacious, and adaptable. Often excited, they trust their impulses, yearn for impact, seek sensation, prize generosity, and aspire to virtuosity.

(...)

Performers are plentiful, something over ten per cent of the population, and that is fortunate, because they bring joy to so many of us. They love the excitement of playing to an audience, and they try to generate a sense of showtime wherever they are. They aren't comfortable being alone, and seek the company of others whenever possible-which they usually find, for they make wonderful playmates.

Lively, witty conversationalists, they always seem to know the latest jokes and stories, and are quick with wisecracks and wordplay-nothing is so serious or sacred that it can't be made fun of. (...)

The Performers' talent for enjoying life is healthy for the most part, though it also makes them more subject to temptations than the other types. ESFPs are inclined to be impulsive and self-indulgent, which makes them vulnerable to seduction, giving in easily to the wishes of others, or to the desire of the moment.

Pleasure seems to be an end in itself for the Performers, and variety is the spice of life, and so they are open to trying almost anything that promises them a good time, not always giving enough thought to the consequences. Most often, they will do what they feel like in the moment rather than what is good for them in the long run, chalking it up to experience, or blaming someone else, if things don't turn out well.

Performers do quite well when life is easy for them, and they don't let themselves get too caught up in what they call "sticky" situations. Their tolerance for anxiety is the lowest of all the types, and they will avoid worries and troubles by ignoring the unhappiness of a situation as long as possible. "Always look on the bright side," is their motto, and if forced to endure a tense, complicated situation (at work, for example, or in a love relationship), they will not make waves or put up

a show of resistance. They will let themselves appear outwardly concerned-and then go their own way to do what they enjoy.

ESFPs are the most generous of all the types, and second only to the ISFPs in kindness. They haven't a mean or stingy bone in their body-what's theirs is yours-and they seem to have little idea of saving or conserving.

These Artisans view life as an eternal cornucopia from which flows an endless supply of pleasures that require no effort on their part to create or to insure. Essentially communal in outlook, they give what they have to one and all without expectation of reward, just as they love freely, and without expecting anything in return.

Performers are emotionally expressive and affectionate people, virtually unable to hide their feelings or hold their tongue. With their emotions so close to the surface-their heart forever on their sleeve-they tend to fall in love easily, impetuously, and always as if for the first time. Intent on pleasing everybody, Performers can appear fickle, even promiscuous, to other types, when in truth they are simply, and rather innocently, sharing with others from the bounty of life.

Although they are often popular with their classmates because of their good-hearted clowning and cutting up, Performers are not deeply interested in school or scholastic pursuits, caring little about preparation, schedules, and grades.

(...)

Performers put up with school, finding fun where they can, in sports, in music, in the school play, and especially in fooling around with their friends. But, as with all the Artisans, the traditional school is largely a waste of time for Performers, who want knowledge only so that they can do practical things in the here and now.

In the matter of career, ESFPs enjoy entertaining people and are thus drawn to the performing arts, thriving on the excitement of being on-stage, in the limelight. But even in less glamorous pursuits, they prefer active people jobs over solitary, technical occupations, and thus they avoid science and engineering and gravitate toward business, where they are apt at selling, particularly at selling tangible goods. Performers can be extremely effective real estate agents, for example, because they are continuously and effortlessly scanning both clients and listings, gathering information to help them fit people to properties.

(...)

These Artisans love working with people, and are outstanding at public relations, their sociability and adaptability making them easy to get along with and fun to be around. They can be effective teachers, especially at the elementary level, and are also good at working with people in crisis, a talent which often leads them into social work, where they are very sensitive to the pain and suffering of others, particularly small children. ESFPs are childlike themselves, and perhaps this is why they seem so finely attuned to children's feelings.

Performers-sociable and outspoken Artisans-make exciting and entertaining (though somewhat unpredictable) mates and parents, which may give their families a good deal of anxiety. They love to spend money on fun things (like clothes, jewelry, sports cars, vacation trips, and so on), and they will impulsively use up their credit card limits, and more, without giving much thought to family necessities.

ESFPs are happiest when their home is filled with people all having a good time, led by the ESFP who weaves his or her way through the party, welcoming, teasing, laughing. In such a generally festive atmosphere, family problems will not be allowed to make their appearance.

Performers prefer to walk by the graveyard whistling, often refusing to recognize their mate's dissatisfactions or their child's need for stability. Performers make warm, generous, loving friends to their mates and children, but should not be expected to take these relationships much more seriously than that.

(PUM2, pp. 69-71)

Como se pode facilmente notar, trata-se do retrato perfeito de nosso personagem Ray Barone. Nos tópicos seguinte, deter-nos-emos em relacionar a cenas de ELR alguns aspectos dessa descrição.

4.2 ESFP, brincando a vida

Em julho 2010, foram lançados na TV brasileira as novas séries “*Men of a certain age*” e “*The Middle*” (ambas já na 2ª. Temporada na TV americana), protagonizadas respectivamente por Ray Romano e Patricia Heaton, astros de ELR. Embora Romano e Heaton sejam atores extraordinariamente talentosos, as novas séries não parecem capazes de alcançar os índices de audiência de ELR: penso que um dos segredos do incomparável sucesso de ELR está precisamente na força tipológica de seus personagens e na feliz articulação SP e SJ dos casais.

Como vimos em 3.8, a SJ Debra passará a vida chamando à responsabilidade de seus deveres o SP Ray, voltado para o lado lúdico e prazeroso da vida (“I’m a fun dad”; ao que D responde: “Yeah, well, you’ve got the “fun” part right” e Rb ajunta: “You’re a lousy dad”).

Raymond é um ESFP cabal, que DK intitula *performer*. E, como talentoso *entertainer*, adora exercer suas habilidades de

animador com piadas e divertidas “performances”, que fazem do ESFP a alma das reuniões e festas (e a vida é vista, tanto quanto possível, como uma contínua festa...) e sua presença é sempre agradável, leve e humorística.

ELR é uma comédia (*sitcom*) de vida quotidiana, repleta de piadas e tiradas de humor, digamos (sem nenhum exagero), em média quatro por minuto, o que perfaz cerca de vinte mil (!) ao longo de toda a série. Essas tiradas parecem muito pertinentes, adequadas e naturais; o truque está na rapidez de segundos com que os personagens as proferem quando os roteiristas levam horas para encaixá-las no *script*. Por exemplo, é sempre com um vocativo jocoso (e diferente) que Ray saúda a esposa ao chegar em casa (“Oi, beicinho de gelatina”, “Oi, recheio fofo” etc...)

Naturalmente, o ESFP Ray é o principal piadista da família e passa o tempo todo brincando com as situações e deliciando-se com o impacto dessa sua verve.

Um exemplo, particularmente genial. A “especialidade” culinária de Debra (péssima cozinheira) é o frango ao limão (*lemon chicken*), que frequentemente aparece no jantar. Ray, naturalmente, preferiria os incomparáveis pratos de sua mãe, bastando atravessar a rua, mas para evitar conflitos (um imperativo para o ESFP), sempre tenta disfarçar e elogiar o frango e outras tentativas de Debra na cozinha.

Mas, se evitar conflitos é um imperativo, outro mais forte e praticamente absoluto para o ESFP é a piada. Para o *performer* é que foi cunhado o provérbio: “Perde-se o amigo, mas não se perde a piada”. Assim, no episódio *The visit* (III, 5), Lois, a mãe de Debra, vem visitá-la em Nova York e no meio do jantar irrompe Marie, trazendo um bolo que ela preparou para a visita.

Como sempre, essas intromissões da sogra deixam Debra

irritadíssima: a intrusa destroi a privacidade que Debra queria ter com a mãe; põe de manifesto o fato de que os pratos de Marie são incomparáveis (e os de Debra sofríveis) e, no caso, Marie aproveita para alfinetar Lois, cuidando dos netinhos e recebendo o carinho deles, que a reconhecem como “a” avó, enquanto Lois, para eles, é pouco mais do que uma visita.

Raymond, o apaziguador ESFP, começa tentando de todos os modos neutralizar a ação agressiva da mãe, mas num dado momento ocorre-lhe uma piada, um genial trocadilho com o medíocre *lemon chicken* de Debra.

E, no caso, não é só um trocadilho, mas uma *performance* musical. Ray vai jogar com o refrão da cantiga folclórica brasileira “Meu limão, meu limoeiro” (consagrada, entre nós, na interpretação de Wilson Simonal), que na bela versão americana (de Will Holt, em 1960), compara as amarguras do amor ao intragável limão (“Don’t put your faith in love, my boy,” my father said to me, “I fear you’ll find that love is like the lovely lemon tree...””) e obteve imenso sucesso nos EUA:

Lemon tree, very pretty, and the lemon flower is sweet,
But the fruit of the lemon is impossible to eat.
Lemon tree, very pretty, and the lemon flower is sweet,
But the fruit of the lemon is impossible to eat.

Trata-se de uma piada intolerável (embora genial...), especialmente nesse momento de máxima tensão para Debra, irritada com a exímia e destruidora atuação (também culinária) de Marie. E Ray não se contém e começa a cantarolar a paródia: “but the chicken of the poor lemon is impossible to eat!”.

Crianção (ou como diz DK: “*ESFPs are childlike*”), para o ESFP o impulso de fazer piada é irresistível. O episódio IV,

18 (“Debra makes something good”) é, em boa parte dedicado a isso. Contra todas as expectativas (e para desespero de Marie), Debra faz um prato delicioso, umas saborosíssimas braciolas, que são consideradas incomparáveis pelo próprio Ray, que triunfa quando as oferece ao pai e ao irmão (a própria Marie não pode negar que as braciolas estão excelentes).

De repente, o espectador é surpreendido. Andy, um dos três ou quatro velhos amigos mais próximos de Ray (os outros são Bernie, casado com Linda; Gianni e Doug), está de passagem procurando Ray. Entra pela cozinha e Debra oferece-lhe uma braciola. Andy tenta recusar mas, ante a insistência de Debra, acaba aceitando uma garfada e, entusiasmado, exclama: “I don’t know what Ray’s talking about”.

Debra exige esclarecimentos e Andy acaba confessando que Ray tinha feito piada no trabalho com o pouco talento de Debra para cozinhar, e especificamente sobre a braciola: *bracirole* em italiano significaria “road kill” (animal atropelado em rodovia).

O furioso interrogatório de Debra elucida a necessidade do ESFP de fazer piadas: é seu próprio modo de ser (“that’s who I am”, alegará Ray em sua defesa); para o ESFP os fatos em si não têm graça nenhuma, a menos que os distorçamos pelo lado lúdico e é pelas tiradas de humor que o ESFP exerce sua vocação de *entertainer*:

R.: You know, it’s just... wife jokes, that’s all. It’s something you do when, you know, when you’re re with the guys.

(Robert intervém em favor de Raymond)

Rb: Actually, not to defend Raymond, that is a guy thing, Debra. I’ve often found that men use the wife joke to, uh, form bonds and share common experiences.

(...) (todos saem e ficam D e R a sós)

D: Ray, can I talk to you? Why do you have to make wife jokes? I don't do that. I don't make husband jokes.

R.: Are you telling me that you don't go out with Amy and Linda and make fun of all the stupid things I do, you know? You don't talk about the way my lips move when I read or you caught me biting my toenail that one time or or or that...

D.: No, I don't. In fact, I try to spin it in the other direction. Linda thinks you have a master's.

R.: Master's?

D: Degree. Master's degree, Ray. This is what I don't understand. You're always making fun of my cooking, but I finally make something you like and you're still making jokes about it. Why?

R: I'm a complicated person. Oh, come on, it's just... that's who I am. I make fun of the wife a little. "Oh here's Ray... Ray, what did she do to you last night?" And if I say, "She made some bracirole and it was quite tasty," wha... who wants to hang out with that guy?

D: But don't you think that there's something wrong that the only way you can be popular is at my expense?

R: I wish there was another way.

E conclui prometendo...

R: I don't care what the other guys think about me. I care what you think about me. I'm not gonna make jokes anymore.

Naturalmente, uma promessa impossível de cumprir para o ESFP, que, na realidade, *não é uma complicated person*, mas simplesmente dominado pelo lúdico..., um modo de ser que está

a anos-luz de distância do cônjuge SJ, dominado pelo sentido do dever... É nessas considerações que se vê quão acertados são os títulos das obras de DK: *Please, understand me...*

Assim, tudo é sacrificado no altar do humor. Ray é religioso, bom católico e respeitador... mas, quando surge a ocasião, nem o Papa ou o próprio Jesus Cristo são poupados.

Na primeira cena do segundo episódio da série (I, 2, *I love you*), Ray e Debra estão jantando com Linda e Bernie na pizzaria do Nemo, o típico “restaurante sujinho” do quarteirão, barato e acolhedor.

Em poucos segundos, Ray, numa série de tiradas, quebra o romantismo de Debra, mexe com a foto do Papa na parede e com as carícias em público do casal amigo, neste caso, perguntando se alguém fez o pedido (para o garçom: *ordered*) de preliminares (sexuais: *foreplay*).

D: Don't you love Nemo's at night? The candles. Twinkly lights. Such a romantic atmosphere...

R: That's why the Pope eats here. You think he really said: "To my buddy Nemo. Your pizza is infallible."

Os ESFP são extraordinários negociadores e apaziguadores: o próprio Ray é imbatível nesse campo. Mas em *Just a formality* (VII, 14), uma vez mais, Ray estraga tudo porque sucumbe à tentação da piada inoportuna. Robert vai casar com Amy e vai até o estado vizinho da Pennsylvania para (pensando que é uma mera formalidade) pedir a mão de Amy a seu pai Hank.

Acontece que Hank (e sua esposa Pat) são religiosos presbiterianos radicais (fundamentalistas que não fumam, não bebem, não têm televisão, não pronunciam sequer a palavra

“inferno” etc.) e Hank dá a Robert (católico, divorciado, que tirou a virgindade da filha...) um rotundo e categórico não.

Robert em desespero volta à casa de Hank – um ISTJ cabal, que não está para brincadeiras – acompanhado de Ray, para que este negocie por ele.

Ray sabe que a situação é muito delicada e, quando Hank e Pat, que não os queriam deixar entrar, acabam concedendo que os visitantes se sentem “um minuto”, vê sobre a mesa o quebra-cabeças gigante que o casal estava montando: Jesus em ascensão aos céus. Ray, para escândalo dos puritanos, profere a sacrílega piada: “Ei, esse não é aquele cara que vende camisetas hippie na praia?”.



E quando tenta consertar, piora: “Era uma piada. Ele é legal, eu até comprei o livro dele”.

4.3 O ESFP conciliador

Já o primeiro *Please Understand Me* indica dois traços marcantes (aplicáveis perfeitamente a Raymond) do ESFP: sendo extremamente sociável, divertido, charmoso, eletrizante e agradável no convívio; o *performer* é, ao mesmo tempo, o tipo com menor resistência à ansiedade.

Assim, diz Keirse, que na família, “se houver uma doença ou algum problema, o ESFP pode se tornar impaciente e querer se ausentar” (PUM1, p. 198). “A tolerância para com a ansiedade no ESFP é a menor de todos os tipos. E a ansiedade é evitada tentando ignorar o lado negro de uma situação tanto quanto possível” (ibidem, p. 198).

Descendo para o concreto, em ELR, o protagonista mostra muito bem esse querer eludir o problema da doença, como em *Debra's sick* (I, 13).

Debra, Ally e um dos gêmeos, Michael, estão fortemente gripados. Ray tenta (em vão) esquivar-se do problema de todas as formas (começa por tentar que sua mãe venha para encarregar-se do caso) e, quando tem que assumir o dever de cuidar dos doentes, não se lembra do nome do pediatra dos filhos, não sabe onde está seu telefone etc., chegando finalmente, em sua aversão à tarefa, ao extremo caricaturesco de levar por engano Geoffrey em vez de Michael ao médico!

A síndrome do avestruz: evitar a todo custo situações de conflito e tentar ausentar-se quando elas se impõem e ignorar o problema como se com isso ele desaparecesse por si...

Em *Neighbors* (I, 20), quando os vizinhos falam com Debra que querem uma reunião com o casal porque não suportam mais os incômodos que Frank e Marie causam na vizinhança, a primeira reação de Raymond é tentar ignorar o problema como

se ele não existisse e pensar ingenuamente que pode se recusar a participar da reunião (a mesma resistência ocorre quando há problemas com os filhos na escola, também ante perguntas difíceis da pré-adolescente Ally ou em diversas outras situações incômodas).

Ao começar a reunião, Ray, ao ouvir o primeiro minuto de queixas, diz levemente que o problema vai se resolver (mas não diz como) e que todos podem ir embora tranquilos. Ante a recusa dos queixosos, que começam a multiplicar as reclamações, Ray, cada vez mais nervoso, deriva para piadinhas que só fazem exacerbar os ânimos dos vizinhos. Ray se desespera porque sabe que por trás desse problema haverá outro: enfrentar seus pais e transmitir-lhes as queixas dos vizinhos.

Trata-se, sobretudo, de evitar conflitos de relacionamento. Ray é capaz de tudo – mentir, gastar dinheiro, sacrificar-se – para que não haja brigas.

Há todo um episódio dedicado a isso: *T-Ball* (II, 20). Ally participa de uma versão infantil de baseball, o *T-Ball*; jogos acompanhados por todas as famílias dos alunos. Cada jogo é um evento e um casal de pais, Brian e sua esposa, se investiram da função de organizar e fiscalizar os turnos dos lanches.

Brian é o típico burocrata metuculoso (disfunção do tipo SJ ou, melhor ainda, do ISTJ = *Inspector*) e se desentende com Debra porque, no dia do rodízio dos Barone, ela levou profusão de salgadinhos e não a lista de produtos ecologicamente corretos que o memorando de Brian havia indicado para o lanche.

Debra começa a argumentar que os salgadinhos que trouxera são adequados para o lanche de crianças, mas o irredutível Brian, munido de sua prancheta e formulários, esgrime os memorandos que enviou e sua “autoridade” de coordenador.



Brian, caricatura do ISTJ: o *inspector* picuinhas com sua prancheta

Ray, vendo que Debra está se exaltando e que Brian não vai ceder, tenta pôr panos quentes e diz que de fato os salgadinhos não estavam na lista, que na próxima semana trarão o lanche “correto”, chega a pedir desculpas a Brian para pôr um ponto final no assunto.

Mas Debra não aceita: o problema não é o lanche das crianças, mas aceitar as frescuras (“freaking out”) de um babaca, de um maníaco bitolado, caga-regras (*uptight, pompous little ass, with that stupid list* etc.). Nesse momento, passa Michael correndo nu e Brian pergunta onde é que estão os pais irresponsáveis; Ray, sempre querendo evitar conflitos a qualquer preço, faz um furtivo gesto de concordância com o escândalo de Brian (como se Michael não fosse seu filho e compartilhasse a perplexidade de Brian).

Em casa, Ray (o “deixa disso” ESFP) tenta convencer Debra de que não vale a pena brigar por um lanche e ela fica indignada com a falta de senso de dignidade de Ray (e dá a

formulação certa: “Why do you need everybody to like you, Ray?”) e este finge concordar em desafiar Brian, não levando lanche na semana seguinte.

Mas, na verdade, o que Ray faz é, no jogo seguinte, levar ocultamente o lanche da lista de Brian (cenoura, rúcula etc...) e, em um momento em que Debra sai para cuidar das crianças, sorratamente Ray entrega a Brian o pacote. Mas Brian agradece a Debra e o plano pacifista de Ray fracassa.

O episódio *T-Ball* registra ainda uma aguda captação do estilo ESFP. Embora gentil ao extremo, o ESFP, como todo SP, é marcado pela impulsividade. Essa combinação pode gerar conflitos internos.³⁷

Quando seu pacifismo é desmascarado, Ray, finalmente, explode e extravasa de modo veemente sua agressividade para com o inspetor SJ, Brian. Na verdade, a quadradice de Brian incomoda muito mais a Raymond do que a Debra, que, afinal, também é SJ... E nada como o poder de um STJ para fazer um SFP perder a paciência: há dezenas de filmes (Rambo, Patton, muitos westerns etc.) inspirados nesse tipo de conflito: o impedimento da ação (militar, policial etc.) – e a ação é valor supremo para o SP – por entaves burocráticos de chefes SJ.

A explosão de ira do gentil Raymond é só aparentemente surpreendente; na verdade, sua cortesia procede precisamente de apreciar mais a harmonia das relações humanas do que as (por vezes tolas) teimosias dos outros; quando as teimosias burocráticas do SJ inviabilizam o convívio, então o SP libera suas energias de ira e investe descontroladamente contra o agressor.

37. Como quando em VII, 7 *Sigh*, Ray, num impulso de generosidade típico dos SP (cf. “Prizing Generosity” PUM2 pp. 58 e ss.), irresponsável, abdica do uso do banheiro do casal, deixando-o só para Debra; mas quando os incômodos de usar o banheiro das crianças tornam-se insuportáveis, tem que voltar atrás, de modo nada gentil.

Depois da explosão com Brian, em casa, Ray reflete – com muita agudeza – sobre o fato: “I don’t know what happened out there”, “I never go off on people like that”, “I’m like a time bomb”.

Ray tem outra explosão semelhante contra autoridade STJ em *Cookies* (VI, 15), desta vez contra Peggy, a chefe escoteira de Ally).



Peggy, outra autoritária STJ, enquadrando o atrasado pai SP: Ray. Como chefe SJ, Peggy percebe imediatamente o perigo desestabilizador que é o SP.



Peggy: “O prêmio para quem vender mais biscoitos é...” Ray (piada incontida): “... cair fora dessa tropa” (seguem-se as desculpas: “it was just a joke” etc.)

Mas voltemos às reflexões de Ray pós explosão: sua perplexidade é por saber que sua característica marcante (como ESFP) é a gentileza, a cortesia: “são os mais generosos de todos os tipos e ocupam o segundo lugar em gentileza (superados somente pelos [raros] ISFP)”.³⁸ Uma das manifestações dessa *superior kindness* – não esqueçamos que os ESFP são altamente vulneráveis à sedução psicológica (PUM1, p. 198) – é o modo fácil e rápido com que costumam ceder ao outro (PUM1, p. 198): vale tudo para evitar uma discussão. O que é compreensível: afinal, o SFP cede porque não tem o apego aos imperativos do dever (SJ); ou aos da lógica ou racionalidade (NT); ou aos do sentido ontológico (NF); seu imperativo é a alegria na convivência.

Essas características ajudam a tornar perfeitamente natural que todo mundo goste do ESFP e explicam o próprio título da série, *Everybody loves Raymond*, necessariamente um protagonista *Performer*...

4.4 SP x SJ. Diferentes visões da escola

Antes de explorar as diferenças entre SJ e SP quanto à visão da escola, vejamos, rapidamente, algumas diferenças entre eles em geral.

A maioria da população é S (cerca de 75%, cf. PUM1, p. 25; 85%, PUM2, p. 333) e é natural que a maior parte dos casamentos seja entre SP e SJ; cada cônjuge buscando com-

38. Keirsey, site oficial: www.keirsey.com/handler.aspx?s=keirsey&f=fourtemps&tab=4&c=performer . Acesso em 02-04-14.

plementar suas características com as do parceiro: o SJ voltado para o dever, a estabilidade e a responsabilidade, encontra a alegria, a improvisação e a leveza no SP (e vice-versa).

Claro que, por conta das preferências de temperamento – para além da salutar complementação –, muitos atritos SJ x SP podem surgir no convívio e na educação dos filhos (como vimos já em 3.8). ELR explora bem essas diferenças entre o *Guardian* SJ (Marie e Debra) e o *Artisan* SP (Frank e Raymond).

Um par de exemplos.

Como bons SP, F e R dão pouca importância à ordem das coisas; enquanto para os SJ o lema é: “um lugar para cada coisa, cada coisa em seu lugar”: “Alphabetical arrangement, requisite order, uniform size and substance: these notions are near and dear to Guardians” (PUM2, p. 88).

Marie é nitidamente caracterizada nesse sentido no episódio “Father knows least” (II,2). Frank e Marie acusam-se mutuamente pela perda de um objeto:

F: Why can't you just admit this is your fault?

M: Because I don't lose things. I'm organized.



Comparemos a caracterização dos SJ feita por Keirsey...

Civilization is a cluster of cities, and cities are clusters of tools.
Streets, sidewalks, buildings, and conveyances are all tools.

And the millions of instruments, implements, and machines in those buildings, on those streets, and in those conveyances are also tools. Now, wherever there are tools there must be rules that govern their use. Our inclination can be either to cooperate with these rules or to go our own way, and SJs are very much on the side of cooperation. For example, SJs believe we should park on the right side of the street even if the left side is empty, stop at red lights when there is no other traffic, signal when turning even if there's no one to signal to, and on and on. Cooperation, compliance, conformity, obedience: these attitudes toward the rules loom larger in the consciousness of Guardians than any other temperament. Indeed, Guardians can regard the Artisans' utilitarian style – do whatever it takes to get the job done – as somehow anti-social and irresponsible. No one is permitted to ignore the rules merely to have fun or just to speed things up. (PUM2, p. 80)

...com a atitude SP, entre lúdica e oportunista, de Frank (*The slave*, VIII,12): abrir um pacote de salgadinhos no supermercado, comer metade e depois passar a um garoto com a indicação: “pegue alguns e devolva na prateleira”.

Detenhamo-nos, agora, no confronto SJ x SP quanto ao modo de encarar a escola dos filhos.

A escola está dominada pelos SJ (e por alguns poucos NF); os SJ se sentem atraídos a lecionar e dirigir escolas. Keirse estima que, na maioria das escolas de ensino fundamental e médio, 75% dos professores são SJ: naturalmente, os *Guardians* são os guardiões que zelam pela transmissão às novas gerações das informações, do senso de ordem e respeito etc., que fundamentam a própria vida social (PUM2, p. 98).

Daí que, geralmente, a criança SJ encontra-se à vontade na escola; mas para a SP pode ser um suplício. Keirse fala mesmo

do “problema SP” ante um ensino “in an SJ style” (PUM1, p. 109), que predomina nas escolas:

Such ‘teaching’ techniques [SJ] as tying an SP to a desk, placing him facing forward in a row of a desks, asking him to interact only student-to-teacher, asking him to do his lessons because ‘he will need this when he grows up’ or asking him to work all day with abstractions on paper, seem little more than exercises on futility. (PUM1, p. 109).

Precisamente os deveres da escola são o tema do episódio *Homework* (VII, 3). Ray chega em casa do trabalho e Debra está, como sempre, atarefadíssima com a casa e manda o marido ajudar Ally, a filha mais velha, com a lição de casa. Ele, desolado, protesta fazendo menção de voltar para a rua:

D: Get in there. Ally needs help with her homework. Hey! Hey! Get back in here! Ray, come on. It’s either help Ally or give the twins their bath.

R [examinando os gêmeos e avaliando a trabalhadeira do banho]: All right. Come here, guys. Let me look at you. What, did you strike oil? I’ll do Ally.

Ray, como típico SP (e ESFP), é ótimo pai para brincar, alegrar e dar liberdade aos filhos, mas deveres e responsabilidades não são sua especialidade. Até porque não vê sentido nas imensas tarefas escolares, impostas pelos educadores e professores SJ. Ray vai até Ally e tenta, em vão, subtrair-se:

R: You look like you’re doin’ pretty good here. You don’t need my help, do you?

A: Yes, I do.

R [ligando a TV]: Okay, all right. Don't worry. Daddy's here to help you.

A: Mommy says no TV during homework.

R: Don't worry about Mommy.

D [da cozinha] : Turn it off, Ray.

R: All right, let's see. What do you got?

A: I have to answer all these questions - about Abraham Lincoln. - I have to do these three worksheets on fractions. And I have to make a diorama of a marine ecosystem.

R [desesperado]: Baths. I'll do the baths. I'm gonna do the baths.

D: Too late.

Após duas horas de ajuda a Ally, sem televisão, Ray, esgotado, ouve de Debra que Ally vai precisar de muito mais ajuda dele, porque a professora, Miss Purcell, avisou que na 5ª série a escola vai impor muita lição de casa...

DK assim resume a opinião dos SP (e dos Performers = ESFP, caso de Raymond) sobre a escola: “As with all the Artisans, the traditional school is largely a waste of time for Performers, who want knowledge only so that they can do practical things in the here and now” (PUM2, p. 71).

Raymond, como SP (e, mais ainda, como *Performer*, com especial sensibilidade para o lúdico), não esconde seu desprezo, centrado em Miss Purcell, mas extensivo ao “sistema”, o modelo de escola dominante, configurada pelos *Guardians* (SJ):
parei

R: It's just, she has too much homework. Did you see how many books she has to carry? She's gonna be a hunchback.

D: You know, your concern for Ally is truly heartwarming, but this is what Miss Purcell gives them.

R: Miss Purcell, yeah. I know the type. “My life is miserable, children, so guess what I’m takin’ you down with me!”

D: If you have a problem with this woman, then maybe you should talk to her.

R [em tom de desafio]: Maybe I will. Maybe I will do exactly that.

D: Good. Tuesday is Open School Night.

R [assustado]: What?

D: The perfect opportunity for you to give Miss Purcell a piece of that huge mind you’ve got.

R: Miss Purcell... Miss Pur-smell.

Na Open School da terça-feira, enquanto os pais observam os trabalhos dos filhos, Ray percebe que há outros muitos pais insatisfeitos com o volume de trabalho das crianças e fomenta uma conspiração contra Miss Purcell.

Mas o tiro sai pela culatra, Miss Purcell irrompe em meio aos cochichos do grupo e Ray é escolhido para representar os pais na próxima reunião do conselho diretor da escola, na segunda feira seguinte de manhã, que vai decidir precisamente sobre o currículo:

Uma mãe: Does Miss Purcell even know what she’s doing to us?

R: I think maybe somebody should definitely speak up.

O grupo de conspiradores: - You should speak up. - Absolutely.

Miss Purcell (irrompe): Is everything okay?



D: Go ahead, Ray.

R [acovardado]: No no no. It's nothing, it's just, um, some of the people were thinking that maybe there's a little too much homework... you know, for the kids. Everybody's kids. Maybe.

Purcell: Well, it's what the district thinks is necessary for the children to keep pace with the curriculum.

R [sem jeito, entregando os pontos]: Oh, curriculum. Curriculum.

Purcell: You know, we have a meeting Monday with the curriculum review board, and they always welcome input from parents. [todos recuam, deixando Ray isolado diante da professora]

R: Okay, uh... well, good luck with that. [Ray tenta fugir; Debra impede-o]

D: You know what? I think Ray would be a perfect spokesman for us.

Todos: I second that!

R: No no! No no. A spokesman should be a guy who's not afraid of public speaking. I'm.. I'm wetting myself now.

D: I think you're being too hard on yourself.

Todos: - Way too hard. - Oh, yes.

Purcell: We could really use you. If we're going to reduce the fifth-grade workload, we're going to have to tell them what to cut.

R: You keep sayin' "we." I'm quite a busy fellow.

Purcell [passando para R a papelada do currículo]: Well, you have almost a week. We just need you to read through the current curriculum and figure out where you feel it's redundant. I can't tell you how valuable your input is going to be.

R: But you see, I'm not a teacher, I'm not...

Purcell: When the teachers bring this up, the board just thinks we're trying to get out of work. But they know that's not true when it comes from a parent.

A cena seguinte é na noite da véspera da reunião. Ray não preparou nada e está jogando videogame com Robert. Debra interrompe furiosa e Ray defende-se propondo uma solução barata: "Eu vou lá e sugiro que cortem tudo pela metade". Debra informa que há diversos formulários a serem preenchidos e devem constar as razões das sugestões... e vai dormir, com a satisfação do SJ que, finalmente, dá uma lição no irresponsável SP.

Ray desespera-se e, na cena seguinte, acorda a mãe (são 22:30h) para que o ajude. Se aquela papelada é absurda e indecifrável para o SP; para o SJ é normal (mas Marie não poupa a Ray a eterna crítica dos SJ para os SP: "só que da próxima vez, querido, seja mais *responsável* e faça as coisas em seu devido tempo...").

Frank acorda e vem aflito comer a torta da geladeira antes que o intruso a descubra. Marie, alheia à discussão sobre a torta, continua concentrada na papelada:

M: Raymond, pay attention. Why don't we start with literature and reading comprehension guidelines, okay? "Based on the readings of Mark Twain's 'Tom Sawyer,' which of the following would you recommend for fifth-grade homework, and why? A) a book report, including cover art – and illustrations, B) an oral report using period music and costumes, C) a craft project based on the pre-Industrial Mississippi, and/or D) a fictional diary on one of the characters?"

[Frank e Ray estão brigando ruidosamente pela torta e Marie chama a atenção do filho]

M: Raymond! Pay attention. I'm gonna read you this again.

R: No, not again, all right? I heard it already. How about we don't make the kids read "Tom Sawyer"?

M [chocada]: What?! It's an American classic.

R: All right, then... I say "A."

M: Good. Why?

R: "B."

M: Raymond, don't play games with me. We need to do this properly. Now, if you're going to explain "Tom Sawyer," which of these would you recommend to the school board, and why?

F [vingando-se do ataque à sua torta, entrega Ray]: You never read "Tom Sawyer," did ya?

R: Well, yes, I did.

F: What's it about?

R: A boy... Named Tom Sawyer. Eat your pie.

M: Raymond... you never read "Tom Sawyer"?!?!?

Para os *Guardians*, a escola é a grande guardiã e uma lacuna dessas tem uma enorme importância, que não deve ser menosprezada:

M: Raymond... you never read “Tom Sawyer”?!?!

R: Well, all right, I didn’t. So what?

M: You never read “Tom Sawyer”?!?

R: And you never read “Legendary Running Backs of the NFL.”

M: That’s sports.

R: That’s right, Ma, a sports book. A sports book! That’s because that’s what I liked! All this stuff they make you do in school, that’s what **they think is important**. I read what I wanted to, and look at me. I am someone who did not read “Tom Sawyer,” and yet I did not turn out to be a hobo.

M: Well, I’m very disappointed. Obviously you just did enough work to get by. And now you’re proud of it.

R: Well, yeah! I am proud of it! All those sports books I read and all the sports I watched on TV, that’s how I got to be where **I’m at**.

M: “That’s how I got to be where I’m **at**”?

R [sem perceber o erro]: Yeah... That’s right.

M: You’re a writer, and that’s how you use the English language?

R: What? What are you talkin’ about?

M: You do not end a sentence with “at.”

R: Big deal, I ended it with a **proposition**.

M: Preposition, it’s a prep... oh my God!

R: What? What are you getting so upset about?

M: Because this is the end of civilization!



De fato, zelar pela escola (no estilo SJ) é zelar pela civilização: a escola é o pilar da civilização. Em outro episódio (*Mozart II*, 4), Marie vê o mundo desmoronar pelo fato de as crianças da vizinhança desprezarem os clássicos da música e sua própria neta Ally ter desistido, após duas ou três aulas, de aprender piano com a avó.

Raymond tenta tirar importância ao fato (“Let it go”), Marie se enfurece: é o fim de tudo: música, cultura, civilização.

M: Because this is the end of civilization! People like you don't want to work or learn anything because they're too busy with their remote control television or playing with their hula-hoops! And before you know it, that's where we're at!

F: Where the cookies at?

R [pede o material de volta]: All right, forget about it. Relax, okay? Give it to me.

M: No no, I'm not giving you this. This is too important to give to someone with your kind of attitude about education.

Neste momento, chega a SJ Debra... e, agora, o SP será execrado pela sua falta de responsabilidade e envolvimento com as instituições: a associação de bairro, a quermesse da paróquia, a escola... Não esqueçamos que isso é exatamente o que importa do ponto de vista dos SJ, atraídos magneticamente pelas instituições sociais:

D: You got your mommy doing your homework for you?

M: I have to, Debra. It turns out I raised an illiterate.

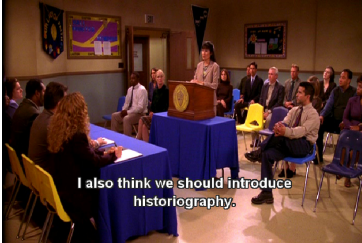
D: Can I ask you something, Ray? What will it take for you to get involved in something? I mean, the Neighborhood Watch didn't do it for you. The church carnival wasn't for you. You said, "The Lord doesn't need me to sit in a dunking booth." And now even your children's education isn't enough. So I was just wondering, when will something be important enough for you to take a stand?

O episódio chegou a um impasse: o que irá acontecer na reunião do currículo? ELR ao menos exporá as razões pedagógicas SP no discurso de Ray: sincero e tocante, mas ineficaz (sobretudo por conta do erro gramatical do fim); vencido pelos SJ (o Conselho não se deixa atingir pela comovente fala de Ray), que, bem ou mal, dominam a escola.

Após o discurso da professora que propõe introduzir uma nova disciplina (Historiografia!) na 5ª série, fala o representante dos pais, Mr. Barone:

R: Ahem. Hi. Uh, thank you. All right. Wow. Uh, I was up all night goin' over the material, and, uh... well... I just got a few things to say. You know, when I was a kid, I always thought that we had too much homework. And since I hated all the homework, I started to hate learning. In fact, what I

learned to do more than any-thing else was to avoid the work. I'm sorry to say I still try to avoid it whenever I can. Just ask my wife. [o Conselho não ri da piada]



R (prosseque): Uh, but, you know, it seems to me like the kids today, they've got 10 times the homework that we had. You know? And I don't want my daughter to hate learning. I want her to be curious and thoughtful and get excited about new ideas. And most of all - and I think this is what we want for all our kids - I want her to be happy.

I mean, I think there's homework that's important and everything, and then I think there's overload. I mean, are we piling it on? We're so worried about the kids won't be competitive and our kids won't have a future, that... we're takin' away their present. Anyway, so, you know, maybe we can just keep that in mind. 'Cause isn't that the kind of school that we want our children to be at? [Ray sente que o erro foi fatal; tenta corrigir e se atrapalha mais] I mean in. I mean of. I mean a part of. I mean, isn't that... isn't that the kind of school that we want our children to be a part of? In...

O Conselho decide aumentar a carga curricular e mais uma vez o SP não é ouvido pela escola...

4.5 A empatia do ESFP

Não por acaso, há todo um episódio – VII, 17 *Sweet Charity* – dedicado a uma outra característica dos ESFP, assim apresentada por Keirse: “And [ESFP] are also good at working with people in crisis, a talent which often leads them into social work, where they are very sensitive to the pain and suffering of others” (PUM2, p. 71).

Evidentemente, é muito poderosa, nesse sentido, a combinação das qualidades de empatia e contagiante alegria (“wherever they [ESFP] go, and around them life can have a continual party-like atmosphere of gaiety” PUM1, p. 198). “Patch” Adams, tipo cabal de ESFP, personifica esse talento para ajudar em situações de aflição.

Debra, como boa ESTJ, participa de diversas associações (da paróquia, de voluntariado, da escola etc.) e em *Sweet Charity* toma a iniciativa de inscrever Ray no trabalho voluntário da igreja para ajudar em um hospital uma hora por semana (presumindo que seja bom para o marido “getting involved”).

Ray protesta, mas aceita e acaba tendo enorme sucesso em alegrar os doentes: começou por soprar uma luva cirúrgica, como se fosse uma bexiga, até estourá-la; e foi inventando mais números com a luva e diversas outras performances.

Seu êxito é tanto que acaba por ter que ir três noites por semana:³⁹

39. Nesse ponto, Debra, cansada da ausência do marido, reverte o plano: manipulando Robert a se oferecer como voluntário no mesmo hospital e superar, como ventríloquo, as performances de Ray, que desiste do voluntariado.



R: When I go in there to volunteer, you should see how happy everybody is to see me - everybody - the nurses, the patients.

Essa capacidade de compreender e ajudar volta-se também “especialmente para as crianças” (PUM2, p. 71). Ao tratar desse ponto, Keirse dá com uma das principais claves para a compreensão de Ray:

ESFPs are childlike themselves,⁴⁰ and perhaps this is why they seem so finely attuned to children’s feelings (PUM2, p. 71).

Detenhamo-nos, agora, no episódio *Father knows least* (II, 2). Embora, como era de esperar, Ray deteste as reuniões de pais e mestres da escola e confie mais em seu *feeling* do que

40. Assim, não é por acaso, diga-se de passagem, que as críticas mais frequentes de Debra (como em geral dos SJ para com os SP) em relação a Ray giram em torno de seu modo infantil de ser: irresponsável, o brincar como valor supremo etc.

em cursos, psicologias etc., no episódio, ante um problema na educação de Ally, Debra o obriga a participarem de um curso para pais, “Active listening”, no qual tudo o que Ray quer é que as aulas acabem o quanto antes. Afinal:

As with all the Artisans, the traditional school is largely a waste of time for Performers, who want knowledge only so that they can do practical things in the here and now (PUM2, p. 71).

Ray, que acha o curso extremamente enfadonho (embora a professora seja muito competente), faz o possível para abreviar as aulas, enquanto Debra as prolonga levantando a mão para perguntar (para desespero de Ray), mesmo depois de a professora ter encerrado, obrigando todos os alunos a voltarem. Ray é chamado como voluntário para interagir em uma encenação com a professora e praticar com ela, que faz o papel de Ally, o *active listening*... E, ainda por cima, há uma sessão extra particular para o casal, após o término desse acréscimo...

Professora: I’m sorry. We’ve run out of time. Thank you all for coming. I’ll see you next week. Ray and Debra, I’d like you to stay after class, please. I think we need to talk.

R: (para Debra): Nice going.

D: What, my fault?

R: You raised your hand!

Na cena seguinte, em casa, Debra se deita (tendo em mãos o material para a lição de casa do curso) ao lado de Ray e desliga a TV:

R: What are you doing?

D: We've got homework to do.

R: No. I'm not doing any stinking homework.

D: You are the reason we got the homework.

R: You're the brownnose that had to ask a question.

D: I'm trying to learn here, Ray. Am I supposed to do these exercises by myself?

R: Can you?

D: No. You gotta do them with me.

O problema é que Ally, com 6 anos, está agressivamente desobediente e as tentativas da educação “tradicional” (insistências, castigos, subornos com doces etc.) fracassam rotundamente.

Se considerarmos Debra, o episódio atesta o fracasso dos SJ neste caso. Ela é uma mãe exemplar e supera Ray em todos os pontos “curriculares”: ela é muito inteligente, cursou uma excelente faculdade de humanas, lê diariamente os melhores livros (enquanto Ray fica só em revistas esportivas), leva a sério as aulas, dedica-se com afinco ao estudo e atividades do curso; mas é o desleixado SP quem vai obter retumbante êxito com o problema de Ally.

Antes de prosseguirmos com o caso de Ally, não resisto a um parênteses. DK diz do ESFP: “Like all the Artisans they are concrete in their communication” (PUM2, p. 72). Em *Silent Partners* (V, 15), mostram-se as diferenças culturais entre Ray e Debra. Após anos de casados, o casal descobre que não têm nenhum assunto para conversar, exceto sobre as crianças ou sobre batidos episódios da família. Debra, inconformada, oferece-se para compartilhar os interesse de Ray e começar a interessar-se pelos jogos do campeonato, assistir juntos ao

basquete etc. Ray exulta, mas Debra exige dele a contrapartida: que ele leia o livro que ela acabou de ler, para depois discutirem. Ray percebe a armadilha e se assusta (“eu vou ter que ler, é?”), mas tem de aceitar (Debra impõe condições: sexo, só se houver “diálogo” entre o casal). O livro é um calhamaço, intitulado “Devil Wood”:

Ray bem que tenta, mas não consegue passar da primeira página. E desabafa com Robert:

R: Let me ask you something. If one was asked to read a book called “Devil Wood,” one would be correct in assuming that the book was scary or exciting or had something “devilly” in it, wouldn’t one?

Rb: One would.

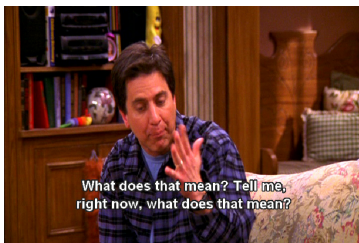
R: Well, then one would be wrong.

Rb: What’s going on, Raymond?

R: Debra wants me to read this so we have stuff in common. But I swear to God, this sucker’s like a horse tranquilizer. Here, listen to this. Listen to this first line. “Imagine a rain so beautiful it must never have existed.” What does that mean? What does that mean? Tell me, right now, what does that mean?

Rb: I don’t know.

R: Yeah. Because it’s nonsense talk.



O desinteresse cultural de Raymond estende-se a tudo o que não é americano. No início da V temporada (V,1 e V,2), Marie oferece a todos uma viagem de duas semanas na Itália, na casa de uma prima. O ambiente é incrivelmente magnífico; as excursões, os lugares históricos, a cultura, tudo é excelente. Ray é o único que está aborrecido (todos, até o xenófobo Frank, estão entusiasmados) e não perde ocasião de mostrar o quão enfadonha é a viagem. Ao resistir a subir a monumental escadaria da Piazza di Spagna, Debra insiste:



E Ray responde:



Note-se, de passagem, que também este aspecto da personalidade de Ray Barone coincide com a vida real de Ray Romano. Phil Rosenthal, criador e produtor executivo de ELR, conta que, quando lhe sugeriu uma viagem à Europa, Ray não se interessou. E a Itália, de onde é sua família?

And Raymond said: “I’m... not really interested in other cultures”⁴¹

Mas voltemos ao caso de Ally. Apesar de todo seu empenho no estudo, Debra fracassa com Ally e acaba explodindo numa crise de choro: o método simplesmente não funciona com ela.

Mas Ray, intuitivamente, acaba por dominar a pedagogia do “active listening” com maestria (afinal, mais do que uma técnica, era já um dom dele como ESFP) e só percebe sua própria excelência quando, por acaso, surge a ocasião de praticá-la com incríveis resultados com “as piores crianças do bairro”: Frank e Marie. Os pais estão em ruidosa discussão e mútuas acusações sobre qual dos dois teria perdido um cheque na caixa de sorvete. O sucesso de Ray é tanto que consegue, ao final, que seus pais - pela primeira vez – se desculpem e se agradeçam mutuamente e esboçam até mesmo uma (normalmente impensável) cena romântica:

F: -Why can’t you just admit this is your fault?

M: Because I don’t lose things. I’m organized.

F: Not organized. Insane. She’s got a shoebox labeled: “Pieces of string too small to use.”

41. Rosenthal, Phil *You’re lucky, you’re funny* New York, Viking, 2006, p.

M: That I should tie together into a noose.

F: I got a beam all picked out!

M: Yeah, I got a step stool for you.

R: Wait. Just listen here for a second. Wait. So, Dad, you think Mom's being unfair?

F: That's right. It's always my fault when she can't find something.

M: Because I work like a dog to keep this place straight and he messes it up with all his projects.

F: Ice cream's a project?

R: Mom, you think Dad's being inconsiderate.

M: Have you met your father?

F: What about your consideration? Do I ever get any thanks for all the stuff I do around here?

M: Like what? What is it you do?

F: Didn't I fix the thing?

Rb: That's true, Ma. He did.

R: So Dad's feeling unappreciated.

F: That's right.

M: Come on. I don't appreciate you?

F: How do I know?

R: Yeah, evidently, Dad isn't hearing "thank you."

M: He wants "thank you"? This isn't "thank you"?

R: I guess Mom's saying: "Actions speak louder than words."

M: That's very good.

R: But sometimes we need to hear the words.

F: Yeah. I need words.

M: And I don't need words?

F: I'm sorry the check got stuck to the Chubby Hubby.⁴²

M: You never said that before.

Rb: No one's ever said that before.

42. Sorvete da marca Ben & Jerry's.



M (carinhosamente para F.): I appreciate you.

F: Thanks.

R: Holy crap.⁴³ It works.

M (ouve o apito do forno): The pot roast's ready.

F.: Great. I love your mother's pot roast.

R: I'm gonna get an "A" here.

M: Careful, it's hot. How is it, Chi-Chi?⁴⁴

F: Chi-chi like.

Convencido de sua miraculosa habilidade, Ray vai enfrentar o caso Ally. Chega em casa eufórico e encontra Debra, desesperada, sem saber o que fazer com a teimosia irredutível da filha, que quebrou a girafinha de Michael:

43. Ray, surpreso com o resultado de sua "escuta ativa", apropria-se da grosseira exclamação de surpresa que é "marca registrada" do pai: "Holy crap".

44. Chi-Chi é o apelido carinhoso para Frank nos tempos de namoro, retomado, após décadas, por Marie, neste (raríssimo) momento de ternura do casal.

R: Debbie, you're not gonna believe this...

D.: Why did you do this, Ally? This is terrible.

R: Great!. (Ray vê a chance de mostrar seu talento)

D.: This is Michael's giraffe. He's crying. Now why did you do this?

A.: 'Cause'.

D.: "Cause" is not an answer.

R (soprando para D): Active listening.

D.: Ray, that doesn't work.

R.: It works. I just used it on the worst kids in the neighborhood.

D.: Look at this. Look what she did.

R: Try it!!

D.: No, Ray!

R (oferecendo-se para cuidar do caso): Okay, you want me to do it?

D.: No, I'll do it... Okay. Ally, let's talk about what you did.

A.: I don't wanna talk.

D.: Are you feeling angry?

R (soprando para D): Reflect back!

D.: You're angry?

A.: Yes.

D.: Okay, but it's not okay to rip up toys when we're angry.

R (soprando para D para corrigi-la): Ah, ah, ah... Judgmental.

D.: You are angry because....



Ray (atalha assumindo o diálogo com Ally): Because it used to be your toy.

A.: Yes. I don't like Michael and Geoffrey.

Ray: I see. You think that Mommy and Daddy pay too much attention to Michael and Geoffrey.

D (tentando voltar a dirigir o diálogo): Okay, I was handling this.

A (só conversa com R): They get everything.

R: Right, and you're upset because we gave them your old giraffe.

A.: I still liked it.

D: But you weren't playing with it...

R (ignorando a fala de D): That doesn't matter, though... because it was still yours, and you're mad because we gave it to Michael without asking you, right?

A.: Right.

R: Mommy and Daddy made a mistake, and everybody makes mistakes. Right, Mommy?

D (com um certo despeito, vendo que Ray triunfa): Yes...

Ray: You feel better now, Ally?

A.: Yes. Can I have the giraffe?

D.: Well, it's broken, honey.

A: I know. I want to try to fix it for Michael.

Ray: Here, sweetie.

A.: Thank you, Daddy.

R: See how I did that?

D: Yeah. Can't believe it.

Em outro episódio, *Home from School* (VIII, 3), outra situação difícil. Michael recusa-se a ir à escola por 2 dias até que confia ao pai que está faltando porque tornou-se objeto de *bullying*, quando ao fazer uma pergunta à professora, chamou-a de “mamãe”! Ao dar-se conta, chorou e a turma agora

o apelidou de “crybaby”!

Ray imediatamente encontra um jeito de ajudar o filho, chamando sua atenção para o fato de que, neste caso, o problema não será duradouro. E relata sua própria humilhante experiência:

R: Did I ever tell you the story about me and Little League [liga Mirim de baseball]? It's kind of funny. It's, uh... I was a little older than you, and right before the game, I had just drank a lot of Kool-Aid. So I had to go to the bathroom, but I decided to hold it, 'cause when I was a kid I didn't like going to the bathroom. Now I like going to the bathroom. I like it a lot. So... it's the third inning, and I'm playing second base, and I've gotta go real bad. I'm scrunching my legs together. I'm banging my mitt against my thigh. I'm trying to keep up the chatter real loud. I thought if I screamed loud enough, it would distract me. You know, “Hey batter batter hey batter batter, swing!” But... couldn't hold it. I started to go.

Michael: You were on the field?

R: Right between first and second. It-it-it felt so bad... and yet so good. I still tried to keep up the chatter, but it was more like... “Hey batter batter hey hey batter, swing.” So this... this dark spot is getting bigger and bigger. But nobody seemed to notice, so I just thought soon as the inning's over I'm just gonna run off the field, jump on my bike, and ride home. Just then I look up, and there's Dave Malloy on our bench. “Hey! Look at Barone!” I look up, and all the kids are laughing at me. My own teammates, they were pounding the fence, they were laughing so hard. And... there I was, at second base... right in the middle of everything.

Michael: What did you do?

R: I did exactly what you're supposed to do... I cried. I bawled

my eyes out. I should've cried earlier. Maybe it would have diverted some of the pee into tears.

Michael: Really?

R: - No, the body doesn't work that way. Anyway, you know how in baseball you want a cool nickname? You know, like "Hammerin' Hank" or "The Big Hurt"? You know what the kids called me? "Pee Pee" Raymond. That's pretty clever, huh? "Pee Pee Raymond! Pee Pee Raymond!" That was me... Pee Pee Raymond. Yeah... that was a bad day. It was like I had a rain delay in my pants. So... that's baseball. Oh, by the way, a couple of days later, Kevin Saganski is at the blackboard. He bends down to pick up some chalk, his pants split wide open. All of a sudden, I'm off the hook, you know? Pee Pee Raymond, it's old news now. The talk of the town? "Butt-Crack" Saganski.

M: - That's funny.

R: - Yeah. Yeah, it's funny.

Capítulo 5

A ESFJ MARIE BARONE

5.1 ESFJ: *Provider*

Nunca é demais insistir no fato de que os temperamentos nem si não são objeto de avaliação moral; um temperamento não é melhor nem pior do que outro: é a pessoa que é santa ou pecadora; generosa ou mesquinha; solidária ou egoísta etc. em qualquer um dos 4 temperamentos ou dos 16 tipos. O temperamento é uma base para as escolhas morais pessoais. Embora, naturalmente, essa base possa, em cada caso, configurar certos defeitos ou modos do defeito “adequados” a cada tipo. Assim, por exemplo, se a impulsividade, própria dos SP, é, dentro de certos limites, uma qualidade positiva, a impulsividade exagerada – como a de Frank Barone – é defeito, passível de ser explorado no roteiro.

Assim também os defeitos de Marie, acentuados para efeitos de comédia, não ofuscam o seu temperamento; pelo contrário, assentam-se no modo ESFJ, embora essas mesmas qualidades, por assim dizer, em dose normal, sejam positivas.

Normais ou exageradas, as características do ESFJ se realizam muito bem em Marie. Como as qualidades desse tipo apresentadas em PUM1 (pp. 192-194): sendo os mais sociáveis de todos os tipos, os ESFJ são os principais fomentadores,

nurturers das instituições (igrejas, escolas etc.), a começar pelo lar, evidentemente. Sempre atentos às necessidades dos demais, procuram que todos estejam bem e integrados, e Keirsey os intitula (PUM2, p. 110) *providers*.

Evidentemente, quando os criadores dos personagens querem criar uma mãe (e sogra que mora em frente!) super-protetora, controladora e invasiva, não há dúvida, que deva ser uma ESFJ:

These Providers take their role as family provider seriously, in both material and a moral sense. They provide a sound and safe home, good food, nice clothes, and a store of possessions. But they are also conscientious about home responsibilities, are orderly about the house, and prefer the other family members be the same. In addition, they have a strong set of values with clear shoulds and shouldn'ts, which they expect their family to abide by. Providers want family decisions settled quickly and with little fuss, and they want family living regularly scheduled and correctly executed They do not rebel against routine operations, are devoted to the traditional values of home and hearth, and are the most sympathetic of all the types. (PUM2, p. 112)



Se Marie é extremamente cuidadosa e eficiente na limpeza, arranjo e ordem do lar, é na cozinha que sua excelência se torna incomparável e é sua principal arma de controle sobre o marido e os filhos. Quando a atriz Doris Roberts lança sua autobiografia, o título é precisamente: “Are you hungry, dear?”, o bordão da personagem, invariavelmente repetido como saudação a cada vez que Raymond entra na casa dos pais (muitas vezes, atraído precisamente pela comida preparada pela mãe).

Essa excelência como *provider* do lar é usada por Marie para legitimar os atropelos sobre o espaço da nora Debra, que, por mais que se esforce, é incapaz de cozinhar e não é páreo para Marie no que diz respeito ao cuidado da casa. Assim, é frequente vermos a sogra Marie (sem pedir licença e sem a menor cerimônia) limpar a geladeira de Debra, (re-) lavar as roupas dos gêmeos, (re-)dobrar as camisas, levar jantares de surpresa para a casa da nora (e removendo o jantar já servido por Debra) etc.

As tensões familiares que alimentam a série ELR são asseguradas pela construção da personagem Debra, também como SJ (ESTJ) e ciosa de seus deveres de dona de casa, que se enfurece ante a incontestável superioridade das qualidades da sogra. Qualidades que constituem o próprio eixo da personalidade do ESFJ:

They need to be needed, loved, and appreciated and may spend much energy reassuring themselves that this is the case. They can become melancholy and depressed and even suicidal if they take the blame for whatever might be wrong in their institution or their personal relationships – as they are prone to do. (PUM1, p. 193)

5.2 Disfunções ESFJ

Detenhamo-nos no episódio *The Shower* (VII, 21). Há sequências que resumem essas (disfunções das) qualidades da ESFJ, além de outras, como esta que Keirsey atribui às ESFJ: “They enjoy the rituals connected with serving of good food and beverages, thrive on festive occasions” (PUM1, p. 193)

Nesse antológico episódio, Debra, encarregando-se de tudo, promove um chá de cozinha no apartamento de Amy, que vai se casar com Robert. Marie, ciente de sua superioridade, mesmo sabendo que é Debra quem está organizando e se encarregando de tudo na festa, não tem a menor preocupação em atropelar publicamente a nora:

D: (com a bandeja entre as convidadas) Okay, everybody, who wants a pizza bagel?

[Judy, a parceira durona de Robert na polícia (uma ESTP com “espontaneidade” rude), serve-se de diversos pedaços da mini-pizza]

Judy: All right, pizza bagels!

[De repente, surge Marie, que preparou os mais refinados aperitivos italianos]

M: And I made prosciutto e melone.

J: All right, prosciutto e melone!

D: Marie, I told you I was taking care of the food!!

M: (ignorando Debra) I know, dear. Oh, save room, everyone. I also have insalata caprese.

J: Oh, insalata caprese! (devolvendo as mini pizzas de D) Sorry.

M: (oferecendo de sua bandeja para a própria Debra!) Don't eat that. Have one of these.

D: (contendo a raiva) Marie, you know, I've been planning

this shower for weeks. I'm the matron - I'm the shower thrower.

M: Of course, dear, but it's only natural for me to want my new daughter-in-law to have the finest Italian appetizers.

D: I've got it covered, okay?

M: Oh. Oh, I know what's bothering you. Don't worry. I'll always have plenty of time for my old daughter-in-law.

(...) [Marie continua alfinetando Debra quanto à qualidade e a animação da festa e assumindo-se faticamente como organizadora]

M: Oh, I know - bridal bingo.

D: No, that's for later, Marie.

M: Well, I'll just help get them ready.

D: Marie, I said no. (...) Are you not getting it, Marie?

M: I'm just trying to help.

D: I don't need your help. I know you think I can't survive without you, but I can. I don't need you!

[Debra atinge o ponto mais sensível de Marie como ESFJ]



[Marie retira-se visivelmente ofendida]

Marie: Excuse me, everyone. I just would like to say my goodbyes.

Pat: Don't go, Marie.

Marie: Oh, that's all right. It was wonderful seeing you again. And, Amy, I love you. Have a wonderful party. Good night, everyone.

As cenas seguintes desse nosso episódio também trarão significativas tiradas sobre Marie, a partir da apreensão da carteira de motorista de Debra.

Aborrecida com o fato de Marie ter estragado sua festa, bebe um pouco demais, estaciona na rua, cochila no carro, e é abordada por um policial (em Nova York, se a chave estiver no contato, mesmo com o carro estacionado, o motorista pode ser submetido ao bafômetro e autuado) e tem sua carteira retida por um mês.

Mas, antes de prosseguir, explicitemos brevemente outras características de Marie.

Marie, sempre informada de tudo (“ESFJs show a delightful fascination with gossip... and they're happy to fill us in on all the details” PUM2, p. 111), aproveita para aplicar suas técnicas de controle e “enquadramento”: afirmar negando ou perguntando; falando “genericamente” de pontos concretos; desfazendo sutilmente formulações atenuantes etc.) e sobretudo para recuperar seu ponto mais essencial: “to be needed”.

Claro que Marie nunca se considerará uma fofoqueira, mas simplesmente uma boa mãe. E como os filhos, mesmo na casa dos 40, são sempre considerados “menores de idade” e os familiares, em geral, incapazes, ela se considera responsável (e não esqueçamos que a responsabilidade é o valor supremo para os SJ) e deve exercer vigilância, mesmo que implique invasão de privacidade: “A good mother checks”, responde ela (III, 7) a um Robert indignado ao descobrir as bisbilhotices da mãe.

Marie não hesita em, às escondidas, cheirar as roupas de Robert para ver se andou fumando, em espionar seu namoro com Amy (Marie é conservadora em matéria de sexo, como em geral as SJ de sua geração), em ler os diários dos filhos adolescentes, em remexer as gavetas (mesmo as trancadas) de Debra, para “comprovar” que a nora gasta demasiado em supérfluos e frivolidades; etc. Outro ponto comum aos ESFJ é assim expresso por Keirse:

ESFJs can cause others undue tension by expressing anticipations of gloom and doom, exhibiting a bent toward the pessimistic that can be contagious. They need to control their fears that the worst is sure to happen and suppress their tendency toward crepe-hanging and anticipating disasters. (PUM1, p. 193)

É claro que essa tendência a antecipar desastres reforça a necessidade de ser uma mãe superprotetora. No episódio *Brother* (III, 2), encontramos uma das mais cômicas cenas de toda a série. Raymond e Robert, recordando sua adolescência, relembram dos cuidados de Marie em trancar as pastilhas Valda, para que os filhos não tivessem acesso a elas, que representavam para Marie um primeiro passo no caminho das drogas (mesmo naquela época em que as drogas eram muito menos difundidas):

R: (referindo-se a uma expressão de reprovação de Debra):
She had the look like Mom did when we were kids... and she caught us eating that whole box of Sucrets. Remember that?

Rb: My tongue was numb for a month.

R: Mom thought we were going to be drug addicts. She said, “That’s how it starts.”

Rb: Remember when she flushed the children’s aspirin down the toilet?

Mais adiante, vê-se que Marie – como ESFJ obcecada pela segurança da família –, ainda hoje, mantém as pastilhas trancadas e conta exatamente quantas há na caixinha.

Marie está com a garganta irritada e Raymond, para provocar, sugere que ela chupe uma pastilha. Marie aceita o conselho e vai à gaveta trancada, enquanto Raymond e Robert mal contêm as gargalhadas, fingindo-se drogados. E a chantagem emocional de Marie (uma de suas especialidades de controle) é desarmada pelas piadas de Ray:

Marie: I have a sore throat.

Ray: Maybe you should take a Sucrets, Mom.

M: Oh, that's a good idea.

Ray: Don't take too many of those, though, Ma.

M: What's so funny? I have a sore throat.

(...)

M: Has someone been eating my Sucrets?

Rob: Yes, we're hopped up on the Sucrets. Look at all the pretty colors.



Ray: Hey, Dad's got hair. [apontando para o pai careca e fingindo-se de drogado]

M: No! There were six in here.

Rob.: Hey, Ma. Look, don't worry. I know a guy. We can score some more for you.

M: What's so damn funny?

Ray: (sem parar de rir) Nothing. Nothing's funny.

M: Go ahead. Keep laughing. One of these days, you'll turn around and I won't be here.

Ray: (dá uma voltinha em torno de si mesmo e fulmina a chantagem emocional:) Not today (enquanto Robert explode em incontidas gargalhadas).

Mas voltemos ao episódio *The Shower*. Quando Debra volta da delegacia:

M: Oh, thank God! Are you all right?

D: Yeah, I'm fine, Marie. I'm just a little tired.

M: Oh, I just want you to know that in this family, whatever our differences, we stand together... no matter what you've done, no matter how much shame you've brought upon us. What did you do?

D: You know, nothing. It was just a minor traffic... misunderstanding.

M: Thank God. (cochichando para R:) What did she do?

R: Nothing. She took a nap in the car, that's all.

M: I don't understand. Why would they arrest her for that?

D: I just took a little nap because I didn't want to drive.

M: Why not?

D: Because I had a little too much champagne.

Dentre as inúmeras técnicas para inculcar culpa, Marie amplifica e faz escândalo sobre a gravidade da falta.

M: Drunken driving! Oh my God! Drunken driving! Oh, this is so awful! Now it all makes sense. The messy house, the kids running around filthy, the way she talks to me. It's all clear now. (...)



(Raymond ao saber por Robert que a carteira de D está cassada:)

R: Wait a minute, wait a minute. What-what-what about the errands and the kids and all their crap? Oh no! Why does this happen to me?

D: I'll figure something out, Ray.

R: How? By the way, I'm going on the road with the Mets. Somebody's gotta drive you and the kids around.

F: I'll do it. She can tell me about the Big House [prisão] .

R: We don't like you driving the children, Dad.

F: Why, because I tell it like it is?

R: Well-well, how about you, Ma?

M: Of course I'll drive Debra... *if she needs me*. Will Debra say she needs me?

D: Thank you, Marie. It's a very generous offer.

M: And?

D: And I accept because I... need you.

M: Happy to do it. Good night.

5.3 O controle da família

Longe de nós querer estigmatizar este ou aquele tipo da classificação de Keirsey, menos ainda o ESFJ. Trata-se aqui de disfunções, de caricaturas, exageros baseados em qualidades reais, boas em seu funcionamento normal. O mesmo pode ser feito para todos os 16 tipos de Keirsey; e ELR, afinal uma comédia, explora comicamente disfunções dos tipos, assentados em tendências reais em cada caso.

No caso de Marie, como em outros, o defeito surge de um exagero de qualidades que, em nível adequado, seriam virtudes. O ESFJ, além das qualidades gerais dos SJ (que Keirsey designa por *Guardians*), é caracterizado como *Provider*. Para efeitos deste tópico, destaquemos algumas características do perfil do ESFJ apresentado no site oficial de Keirsey:

Providers take it upon themselves to insure the health and welfare of those in their care [evidentemente, em primeiríssimo lugar, a família], but they are also the most sociable of all the Guardians (...). Providers are very likely more than ten percent of the population, and this is fortunate for the rest of us, because friendly social service is a key to their nature. Wherever they go, Providers happily give their time and energy to make sure that the needs of others are met, and that social functions are a success. Highly cooperative themselves, Providers are skilled in maintaining teamwork among their helpers, and are also tireless in their attention to the details of

furnishing goods and services. (...) Friendly, outgoing, neighborly – in a word, Providers are gregarious, so much so that they can become restless when isolated from people. (...) Family traditions are also sacred to them, and they carefully observe birthdays and anniversaries. In addition, Providers show a delightful fascination with news of their friends and neighbors. If we wish to know what's been going on in the local community, school, or church, they're happy to fill us in on all the details. (...) Loving and affectionate themselves, they need to be loved in return. In fact, Providers can be crushed by personal criticism, and are happiest when given ample appreciation both for themselves personally and for the tireless service they give to others. (<http://www.keirsey.com/4temps/provider.asp>).

E em PUM1:

They need to be needed, loved, and appreciated and may spend much energy reassuring themselves that this is the case. They can become melancholy and depressed and even suicidal if they take the blame for whatever might be wrong in their institution or their personal relationships – as they are prone to do. (PUM1, p. 193)

ESFJs can cause others undue tension by expressing anticipations of gloom and doom, exhibiting a bent toward the pessimistic that can be contagious. They need to control their fears that the worst is sure to happen and suppress their tendency toward crepe-hanging and anticipating disasters. (PUM1, p. 193)

E mais: o ESFJ sempre está informado de tudo (“ESFJs show a delightful fascination with gossip... and they're happy to fill us in on all the details” - PUM2, p. 111).

Só com enunciar essas qualidades (e imaginar suas disfunções...), já se pode entrever a caricatura que se instalará na personagem Marie. Não por acaso, os criadores de ELR escolheram uma ESFJ para ser *a sogra*. Uma sogra ESFJ tem um enorme potencial cômico: se todos os SJ são *nurturers*, essa necessidade de cuidar é potenciada precisamente nos ESFJ (“they need to be needed”, PUM1, p. 193). E, claro, o alvo principal desses cuidados é a família.

Por outro lado, o pessimismo dos ESFJ, sempre antecipando desastres, reforça o instinto protetor da mãe ESFJ, levando a uma superproteção em relação aos filhos e a uma falta de confiança na capacidade das noras em cuidar deles. Além do mais, as noras da nova geração não são páreo para as habilidades domésticas da sogra: Marie é insuperável na cozinha, no cuidado da casa e no decoro em geral.

A unidade da família como valor supremo só pode se realizar por meio da solicitude da mãe, única *guardiã* – neste “ameaçador mundo de hoje”, à beira do caos – dos valores tradicionais: desde a cozinha (Debra sucumbiu à barbárie moderna e vale-se dos seus ridículos recursos: forno de microondas, congelados, disk-pizza etc.); a educação das crianças (Ray e Debra atrevem-se, por exemplo, mesmo com a avó morando em frente, a contratar uma babá – III, 3); a cultura (por exemplo video-games em vez de piano clássico); a religião e o sexo etc. etc.

Se ser a pedra angular da unidade familiar é o papel natural da matriarca ESFJ, no caso de Marie, isso é acentuado pela incompetência dos filhos e noras (que “precisam” dela para que a família não se desintegre) e pelas atitudes do marido, o grosseirão Frank, que não está minimamente preocupado com esses valores, como quando – dois entre mil exemplos – Marie

desabafa com Ray e quando Frank atalha o nascente interesse da neta por piano (a cultura para o troglodita Frank é, no mínimo, “frescura”) com um convite para jogar baseball:



11,4 *Mozart*

Junte-se a tudo isso a tradição da *famiglia* e da *mamma* (os Barone são ítalo-americanos) e teremos formado o quadro da ESFJ Marie: zelar pela família não é uma missão, mas a missão, sua razão de viver. É ela a única que detém a consciência e as virtudes necessárias para manter a família unida. E, evidentemente, essa união tem um centro: a própria Marie.

Para além das instâncias normais, comuns aos SJ em geral: cuidado pela casa, tradições, “rituais”, datas e festas (Natal, Dia de Ação de Graças...) etc.; há também as disfunções.

Ante a insensibilidade para os valores e as ameaças modernas ao sentido de família, Marie sente-se legitimada em ultrapassar qualquer limite para defender esse valor supremo. Não existe para ela privacidade dos outros (afinal, somos família) e ela constantemente invade a casa de Ray e Debra e com a maior sem-cerimônia passa em revista a geladeira e joga fora produtos que ela considera inadequados, leva para lavar em sua casa as roupas dos netos, que a nora tinha acabado de (mal) lavar... Como já dissemos, Marie não hesita em, às escondidas, cheirar as roupas do filho para ver se fumou, espionar seu namoro, ler os diários dos filhos, remexer as gavetas da nora; etc.

Finalmente, nessa etapa da vida, já sexagenária, Marie não tem mais nada para fazer, exceto controlar a vida da família. É o que diz Raymond, tentando defender a mãe da acusação de intrometida, no episódio que analisaremos mais detidamente, *Thank you notes* (VIII, 2):

Mom loves the family. She really does. And she thinks it's her job to hold it all together. Does she overreact occasionally? Okay. (...) She's an old lady. What else does she have?...

Mas a verdade é que se trata da aceitação de um fato consumado e irreversível:

... Besides, before even giving up a drop of power, she will truly kill us all.

Já Debra não é tão compreensiva e em III, 3, *The Sitter*, cansada das intromissões da sogra, lança em Marie a ironia certa:



A seguir, deter-nos-emos em um episódio que mostra muito bem essa atitude avassaladora de Marie (um outro episódio para esse tema, mas que não analisaremos aqui, é *Call me Mom VI*, 21, no qual Raymond chama a sogra Lois de mãe e Marie, enfurecida, se desdobra em esforços para acabar com essa ameaça a seu absoluto matriarcado sobre a família...).

A 7ª. temporada se encerra com Robert, finalmente, casando-se com Amy. No episódio *Thank you notes* (VIII, 2), o casal volta da lua-de-mel e Marie põe em prática seu plano para submeter a nova nora a seu controle. Para começar, nem bem Robert e Amy entram na casa de Raymond, Marie (que mora em frente) irrompe, com explosões de carinho, e já avisando que esteve plantada na janela dois dias esperando pela chegada deles.

Depois de explicar que os *Providers* se encarregam de tudo na família – tanto do material quanto do moral –, Keirsej (PUM2 p. 112) afirma que esperam também responsabilidade dos demais membros da família para que tudo ande bem na casa,

particularmente no que diz respeito ao decoro e à gratidão. Em PUM1 lembra que valorizam especialmente as aparências e a imagem da família (p. 192).

Assim, logo que encontra Robert e Amy (a nova integrante da família, que deve se enquadrar nos valores da matriarca ESFJ, para quem esses valores assumem “the form of shoulds and should nots” PUM1, p.192), Marie cobra da nova nora, como que de passagem, que ela mande uma carta de agradecimento ao casal amigo de Marie, Lee e Stan, pelo presente de casamento.

O presente, de indiscutível mau gosto, tinha sido uma vela laranja brega, numa caixa de vidro ladeada pelo convite do casamento (quando a vela é acesa o convite se ilumina...).

Ninguém lembrava desse presente (tenha-se em conta que os SJ valorizam muito as expressões de gratidão – PUM2, p. 97), mas Marie pressiona:

M: I thought it was so clever. They just wanted to make sure you got it. ‘Cause they had it specially made. They didn’t know because they didn’t get a thank-you note.

Amy tenta desconversar:

A: It’s just, you know...

Marie insiste e sutilmente amplia a obrigação para o plural:

M: You’re gonna send one, right? You’re gonna be sending out thank-you notes, aren’t you, Amy?

A: Yeah sure, Marie. I’ll get to it.

Marie, para mostrar quem é que manda e que ela considera o assunto importante para a família, não aceita a imprecisão e apela para a responsabilidade quanto à imagem da família:

M: When you say “Get to it...” when do you think you’d be doing them? Because people have been commenting.

Rb: What do you mean? Who’s commenting?

Marie, como chefe, dá-se o direito da imprecisão:

M: People... So, Amy, when can I tell the people to expect their thank-you notes?

Amy, de início delicadamente, tenta explicar a Marie que ela não dá tanta importância a essas notas de agradecimento e Marie aproveita para censurar os recém casados de sonegarem informação para “a família” (informação que ela – como sempre – vai buscar também em fontes externas) e começa a instilar culpa em Amy por não terem informado que já tinham chegado no dia anterior, e deixar a mãe preocupada é pior que um desastre de avião.

A: Well... can I be honest with you, Marie?

D (prevendo tempestades) : Uh-oh.

M: Of course. You can say anything to me. We’re family.

R (prevendo tempestades): Uh-oh.

A: Well, you know, we **just** got back from our honeymoon, and...

M (censurando) – Oh.

A: What?

M (decepcionada): Nothing. I just thought you were gonna be honest with me. I mean, to tell the truth, you two have been home for a day and a half now, haven’t you?

Rb: Well, we just wanted to unwind for a little bit.

M: But you knew I was waiting. No call or anything. I was so worried, I called the airlines. I thought, “What if there was a plane crash?” But when they said, of course, there was none,

I have to tell you, I was a little upset. And now, to make such a fuss when I'm just asking you about thank-you notes, I would like to think that we are at least grateful for the good fortune and generosity bestowed upon us by people who love us.

A: Marie, I can't believe this means so much to you. But if it does, I'll write the notes as soon as I can.

Mais uma vez, Marie detém o privilégio da imprecisão; os súditos devem ser específicos: o controle só pode ser exercido se há informações exatas.

M: And when will that be, dear? So I can tell everyone.

A: I don't know, Marie. Can't you just tell them they'll get them when they get them?

M: I see. I have to say, Amy, that I'm a little surprised and disappointed.

A: And I have to say, Marie, I really don't care about this right now.

Marie, ofendida, devolve a lembrancinha que Amy lhe tinha dado no início do episódio e intima Frank a se retirarem da casa:

Rb: Come on, Mom. You're being a little crazy about thi...

M (como que repreendendo um filho pequeno que lhe faltou ao respeito): What did you say to me?

Rb: Nothing.

Marie sai batendo a porta e Debra felicita Amy:

A (em choque): What happened? I don't understand.

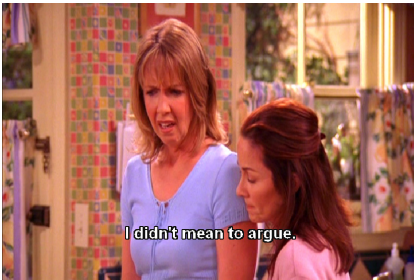
D: Oh, honey. You married into the Manson Family. And Charlie goes off sometimes.

A: I didn't mean to argue. It's thank-you notes. It's so stupid.

D: Hey hey hey hey hey. Look at me. You were great. Do you hear me? You can't let her get away with anything.

A: But she's so upset. I don't want a bad relationship with her. I should go apologize.

D (como quem felicita um herói libertador) : No no no no no. Hey, listen, that is exactly what she is waiting for... for you to go over there and say you'll write those thank-you notes. You have got to be strong. She is testing you. Trust me, what she just pulled here, that's her big weapon... the guilt bomb. And it doesn't help that all the men in her family are scared to death of her. Whenever she comes up against somebody with a backbone who might actually confront her, she's completely threatened and she gets her claws out. And so she has been allowed to rule this way, unopposed, for decades. Listen, Amy... I have been waiting for you. This is a critical time. Even though this is a tough regime to topple, with you in the family, now we have a shot... you and me together, to end all the suffering. Do you hear me? We can do it!



R (rindo da ingenuidade de D e A): You're so nuts. You still, after 15 years, haven't figured anything out about this woman? Amy... Here's how I see all this stuff. Mom loves the family. She really does. And she thinks it's her job to hold it all together. Does she overreact occasionally? Okay. So she wants

you to write a few thank-you notes. She's an old lady. What else does she have? Besides, before even giving up a drop of power, she will truly kill us all.

Rb: I agree with Raymond.

A: Why does this family have to be this way, with Marie wielding so much power, and everyone living in fear instead of just enjoying each other?

Enquanto Debra continua tentando persuadir Amy a enfrentar Marie, Raymond, sempre com medo da ira da mãe, sai discretamente e vai aconselhar-se com o pai e não percebe que Marie estava espionando a conversa.

Marie, sabendo da “conspiração”, vai enfrentar Debra e Amy: a parte principal da culpa é, como sempre, negar a informação total sobre tudo para a matriarca, que merece saber para manter a família unida (e “compra” com amor serviços e boa comida para todos...)

M: I was shocked to hear that you two were conspiring against me in some way. What have I done to bring on such disrespect? You know, in the Orient, elders are revered and honored, not plotted against. And why do you have to talk about me behind my back? I'm here. Right here. Debra, we may have our differences, but I consider you my daughter. And, Amy, all I want is for you to feel the same way. I just don't understand why you couldn't be direct with me. You may not like what I said before, but at least I said it to you.

A: (abraça M): You're right, Marie. I'm sorry. I don't want to start off like this. I love you.

M (satisfeita): I love you, honey.

A: And you know what? I'm gonna sit down and start on those thank-you notes today.

D (indignada): – What?

M: Whenever you get to it, dear. No pressure.

D: Wait a minute, that's what this is all about! I know you too well, Marie. You come over here all rational and normal and telling the truth, and this sap fell for it.

A: (ofendida, dirige-se a D): Hey!

Debra, vendo o prolongado abraço de Marie em Amy, atina com o ponto: Marie faz com que se ameace romper a unidade da família, que só pode ser reconstruída se todos se submeterem a seu modo de ser.

D: You can't see that? This is a strategy... divide and conquer!

M: I don't know what you're talking about, Debra, but could it be that you're a bit jealous 'cause you have to share the spotlight with Amy?

D (cada vez mais aos berros): Jealous? Jealous?! She just did it again, Amy! I am putting an end to all of this, do you hear me? I am not letting you (M) take another one. Amy, don't you see she will do anything to win? She's the devil!

A: I've gotta tell you, it seemed to me like she was being very upfront and honest.

D (agitadíssima, tentando romper a ingenuidade de Amy, como nos filmes em que alguém tenta salvar um ser humano prestes a sucumbir aos alienígenas que vão transformá-la em zumbi...): No! No, Amy, don't go! Don't go!

Amy: Debra, stop it! I can't stand all this. I'm not used to it. I'm not good at it. I come from a family that wouldn't yell if they were on fire. And, you know, you're not gonna like hearing this, Debra, but I think Ray was right before when he said maybe we should just all try being nice.

D: She's gone...

M (triumfante ante o isolamento de D): Did you want to say something, Debra?

D (capitula): No, Marie. Nothing. Just... I'm sorry.

M: Aw, now doesn't that feel good to say that? (todos se abraçam, em torno de Marie)

D (constrangida): Oh yes.

M: And I agree with everything you said, Amy. Everything. And about those thank-you notes, I don't care if you ever get to them. Except maybe one to Lee and Stan about the candle. Could you just do that one? See, Lee can be so annoying about things like this.

D: No problem, Marie.

M (abraçando Amy e alfinetando D com o olhar): You're an angel. There's no one like you.

Marie impõe o esquema de aprisionamento pela culpa, praticado em certos setores radicais católicos, com exigências sobre-humanas e facilidade de obter o perdão por confissão, que requer como atos prévios: a contrição (o reconhecimento da culpa e arrependimento), a confissão e a penitência (reparação do pecado com o propósito de não mais o cometer). Marie, mais atenta ao lado externo das aparências, se satisfaz com o reconhecimento da culpa pela confissão: "I'm sorry". Não adianta querer subtrair-se à onisciência de Marie: ela acaba sabendo de tudo; não adianta querer opor-se a seu domínio: um simples "I'm sorry" traz de volta a paz familiar e – sobretudo nos casos de Ray e Robert – a maravilhosa comida da "mamma".

E assim termina o episódio. O epílogo, uma espécie de coda de cada episódio, traz uma informação sobre a atitude de Marie, aparentemente exagerada e caricaturesca, mas com que eu (e

acho que todos nós) já me deparei realmente, mais de uma vez. Frank e Marie estão tomando o café da manhã e entra Lee, a amiga de Marie, diz que estava passando e entrou para dizer que recebeu a mais encantadora carta de agradecimento “from that sweet Amy”, uma carta longa sobre como foi maravilhosa a vela laranja etc. E confessa que, quando Marie escolheu esse presente para que ela desse a Amy, inicialmente ela achou de mau gosto, mas agora, evidentemente, ela tem que reconhecer o extraordinário bom gosto de Marie. E, assim, o episódio acaba com mais um: “I am so sorry, Marie!”

5.4 Educando para a culpa

Embora tratemos desse tema neste capítulo, também aqui não se trata de algo específico dos ESFJ (nem só da personagem Marie). A culpa, como um dos “valores” principais da educação de Raymond e Robert, é um dos temas recorrentes de ELR. Marie, secundada por Frank, é exímia na arte de inculcar culpa nos filhos e, com isso, exercer seu controle de super-mãe sobre eles, mesmo quando já estão em torno dos quarenta anos. Se Robert é mais vulnerável, é Raymond, personagem central, quem mais está em evidência, também nesse aspecto (e como típico SP consegue, algumas raras vezes, neutralizar com piadas as chantagens emocionais da mãe).

A construção dos personagens favorece esse quadro: não só Marie é uma ESFJ (*Provider*), o tipo mais indicado para a disfunção de mãe-controladora, mas também por ser *oriunda* da Itália (os estereótipos da “*mamma*” e da “*famiglia*”), católica tradicional, sua idade avançada etc.

Nesse quadro, a *provider* Marie centra seu poder sobre a

família sobretudo provendo “good food” (PUM2, p. 112).

Para Marie, a família (em sentido restrito ou ampliado) é o principal para essa ESFJ e considera-se a única dotada de responsabilidade no clã (Frank é um desastre, os filhos são sempre “menores de idade” e Debra..., coitada, por mais que se esforce, não passa de uma medíocre aprendiz). Aliás, “responsável” é a palavra que melhor resume o SJ e, quando esse dever recai sobre a família, veremos que Marie ultrapassa todos os limites para garantir o bem (ou o que ela considera como tal...) do clã.

A circunstância de morar na casa em frente à do filho permite o controle de todos pela comida, com a vantagem adicional de esmagar qualquer pretensão da nora nesse sentido.

O episódio I, 20, *Neighbors*, traz uma sequência que resume diversos desses aspectos. Alguns vizinhos pedem uma reunião em casa de Ray para discutir as inconveniências de seus pais: Frank inferniza com ruídos, joga lixo no quintal dos vizinhos, sai em cuecas para apanhar o jornal (um dos vizinhos até gravou em vídeo essa cena); Marie retém a correspondência e encomendas alheias entregues a ela por engano etc.

Ray, como ocorre frequentemente em situações de embaraço, tenta tirar importância das queixas com piadinhas, mas os vizinhos acenam com a ameaça de um processo de expulsão do bairro...

No exato momento em que estão exibindo o vídeo de Frank em trajes menores, entram Marie e Frank e, quando informados do propósito da reunião (uma das vizinhas explica: “certain people around here have some complaints about you”), imediatamente os pais acusam Ray de conspirar “contra a família”. Nem lhe dão a chance de se explicar e dizer que, na verdade, estava defendendo-os: é alta traição e ponto final.

Debra ainda tenta argumentar:



D: Marie, this is not what it looks like.

M: It looks like my son is plotting against us. And serving my cookies! You're serving my cookies at your rally?

F (furioso): You took sides against the family.

R: Dad, I was defending you.

F: Against the family!

R: Dad, it's not...

M: I want the tape. Give me the tape.

R: I'll take it for you, Mom.

M: No. How do you work these damn machines?

R: Easy, Mom. I'll do it.

M: I hate these damn machines. [arrancando à força o vídeo da tomada]

R: Don't pull the plug!

M: How could you? [M e F saem batendo a porta]

Uma das características dos “educados para a culpa” é valorizar mais a propensão para reconhecer-se culpados do que a realidade de sua inocência: após anos de “treino” é-lhes mais fácil acatar a incontestável autoridade dos pais acusadores (ou outras autoridades: religiosas, da empresa, da política, da hierarquia militar etc.) do que cogitar sua não culpabilidade.

Sobretudo, como no caso de Marie, se o “perdão” for facilmente concedido desde que o pródigo⁴⁵ filho reconheça sua culpa.

Na cena seguinte, Ray não consegue dormir, torturado pelo sentimento de culpa. E, quando Debra tenta chamá-lo à evidente realidade de sua inocência, ele responde:

Ray assume os termos das acusações dos pais: “I did. I held a rally against my parents in my own house”. E, ante a insistência de Debra, Ray profere a sentença lapidar:

D: Ray, you’ve got nothing to feel guilty for. You didn’t do anything. As a matter of fact, you were defending them.

R: That doesn’t matter. Guilt is just a way of life for me. I was trained by masters. My mother, my father, the Pope.

Já na 1ª temporada (I, 5), Ray, interpelado sobre seu ar de culpa (neste caso, ele também era inocente) “What are you looking so guilty about?”, responde: “That’s my natural look”

Mas voltemos ao episódio *Neighbors*. No dia seguinte, Ray vai à casa dos pais tentar explicar-se e Marie, em vez de saudá-lo com o “Are you hungry, dear?” de sempre, diz simplesmente “Hello” (o recado é claro: enquanto ele estiver com a culpa não pode participar da mesa da mãe).

Ray pergunta por que aquela mesa tão cheia de comida e Marie e Frank respondem que reconheceram seus erros e querem reconciliar-se com os vizinhos com uma festa (naturalmente, também aqui, Marie se expressa pela sua incomparável habilidade culinária).

45. A alusão à parábola do filho pródigo é mais do que ocasional: parece-nos mesmo uma das claves de interpretação do relacionamento entre os Barone. Mas, aqui, baste esta menção.

Ray pega um salgadinho, mas sua mãe o faz devolver (fato impensável em condições normais, mas o corte da comida é precisamente parte essencial da punição do “culpado”).

A perplexidade de Ray aumenta ainda mais quando vê os vizinhos chegarem alegremente para a confraternização com seus pais, como se nada tivesse acontecido.

E, enquanto Robert é plenamente acolhido na festa, Marie convida Ray a se retirar: “Thanks for stopping by, Ray.”

O episódio continua, com tiradas engraçadas como a cena das “visões” de Ray diante do espelho do banheiro (até o Papa aparece para censurá-lo), que o levam a procurar um sacerdote para se confessar (Ray é o menos praticante da família: não se confessava há 20 anos).

Durante a confissão, o padre descobre que Ray é filho de Frank e Marie, ex-paroquianos por ele “bem conhecidos”, e imediatamente inocenta Ray de seu “pecado”, e mais: dá-lhe carta branca, em nome de Deus, para dizer umas verdades a seus pais:

R: Will it be wrong to let them know how I feel? That I’m just sick and tired of being manipulated and treated like a child... and I’m just not gonna let them do it anymore?

Padre: Go with God.

Com o respaldo da Igreja, Ray enche-se de coragem, vai à casa dos pais, diz a eles que tem algo a lhes dizer, mas na hora H é tomado pelo medo do enfrentamento:

R: All right. Mom and Dad, listen up here. I don’t care what you think about me. This has been a long time coming. I’m gonna say it right now, and you’re gonna hear it.

F: Say what you wanna say, Ray. We're listening. [Ray hesita...]

M: Well?

R: Listen... I'm sorry. [Os pais explodem em festa]

M: He said it!

F: Good thing. You did the right thing.

M: That's all we ever wanted to hear. That's all a parent ever wants from a child.

R [conformado]: Constant apology, right.

F: Good to have you back, Ray. We missed you.

Marie põe o ponto final no processo de absolvição: “Are you hungry, honey?”. E o filho pródigo confirma: “Yeah”.

Outro tema a ser explorado é o modo constante e eficaz (e por vezes sutil) com que Marie inculca e explora nos filhos e na família o sentimento de culpa.

No episódio III, 3, Ray e Debra contratam uma baby-sitter, Lisa, para terem alguns períodos livres, ocasião de sair etc. Marie (como sempre) descobre e sente-se preterida (não esqueçamos que, como ESFJ, ela “needs to be needed”, especialmente para a família e ainda mais em se tratando de seus netos).

Debra altivamente dispensa os préstimos de Marie, sem poupar-lhe alfinetadas em dois pontos sensíveis: a qualificação profissional de Lisa (prevalecendo sobre o amor da avó) e o fato de Marie ter mais o que fazer e cuidar de sua própria vida (como se a vida da ESFJ Marie não fosse inteiramente dedicada a “cuidar” da família...).

Marie fica furiosa, mas se contém (na medida do possível...) para não mostrar-se atingida.

Quando, finalmente, Debra dispensa a babá e tem de convocar a sogra, Marie tem a ocasião de sua revanche, que,

como sempre, será em termos de culpa: aceitando imediatamente servir, mas desde que Debra reconheça sua culpa. De fato, quando Debra pede desculpas, Marie retruca:



E o desfecho fulminante, “não é absolutamente necessário desculpar-se comigo, querida; basta-me saber que você está mal...”:

Há diversos outros modos de Marie inculcar culpa nos filhos; aqui indicaremos apenas mais um, um jeito de exercer o controle pela culpa: transferir o foco de valoração da realidade para o juízo dos pais, minimizando sutilmente suas conquistas e ações meritórias. Elogiar extremamente o filho em qualidades que ele mesmo não valoriza e negar o reconhecimento naqueles méritos que são importantes para ele.

No episódio I, 18, *Recovering pessimist*, Ray ganha o importante prêmio nacional: “Colunista esportivo do ano”.

M: We heard you won your award thing. That’s very nice, Ray.

R: Thanks. Actually, it was great. You know how I thought I didn’t think it was gonna be a big deal. It kind of was. I met Katarina Witt and Marv Albert.

Frank começa por sabotar o prestígio do filho, ao ignorar os grandes nomes do esporte contemporâneo e perguntando se estava presente seu ídolo dos anos 30 e 40:

F: Was DiMaggio there?

R: No, Dad.

Expressando clara decepção (que prêmio é esse se o Joe Di Maggio não estava lá...?), Frank continua rebaixando os méritos do filho:

F: Well, at least you made the Sportswriter Hall of Fame.

R: Actually it's Sportswriter of the Year.

Frank continua implacável, agora ajudado por Marie:

F: Just the year.

M: That's wonderful, dear. How much you win?

R: I got a trophy, Ma. Big trophy.

F: No cash?

R: No. No, just the trophy. But because of that trophy...

M: That's nice. You got a nice trophy. Nice gold trophy.

R: Actually it's silver, Ma.

M: I thought silver was for second place. I'm sure it's a very nice trophy.

F: You bust your ass all year long, at least they could throw you a few dollars.

R: Dad, it's more of a prestige thing.

F: Yeah? Take the prestige thing to the market and see how many eggs you bring home.

Essa indiferença provoca em Ray o desejo de explicar aos pais a importância do prêmio, que, além do mais, propiciou-lhe uma promoção no jornal em que trabalha. Graças a seu

condicionamento para a culpa, Ray confessa que até achava que algo de mal iria advir desse prêmio...

Mas o casal continua com sua pedagogia do rebaixamento do filho até o ponto de uma correção formal, orientando-o “paternalmente” para que deixe de ser convencido e jactancioso...

R: I don't care what anybody thinks about it. I feel good about it. I thought something bad was gonna happen from this, but... you know what? I got a promotion today.

F e M: Promotion!!

R: Yeah.

F: They made you editor?

R: No, Dad.

M: Why not?

R: I'm head of Sports Features. And that's good. That's good. You know, most people think an award and a promotion are good things. I enjoy my work and I'm glad to be recognized for it. Hey, and I'm gonna pat myself on the back and feel good about it.

M (repreendendo maternalmente): Well, I must say, Ray... this is a side of you that's not very attractive.

R: What?

F: Nobody likes a bragger. What, are you going uptown on us?

M: You're really beginning to get a swell head. We didn't bring you up that way.

R (exaltado): I'm sorry. I didn't... I just thought I was... No, wait a minute. What am I apologizing for? Look, all I'm doing is being happy. Maybe everybody around here would be a little bit happy... if you tried to see the good in things. But instead, you just beat everything down.

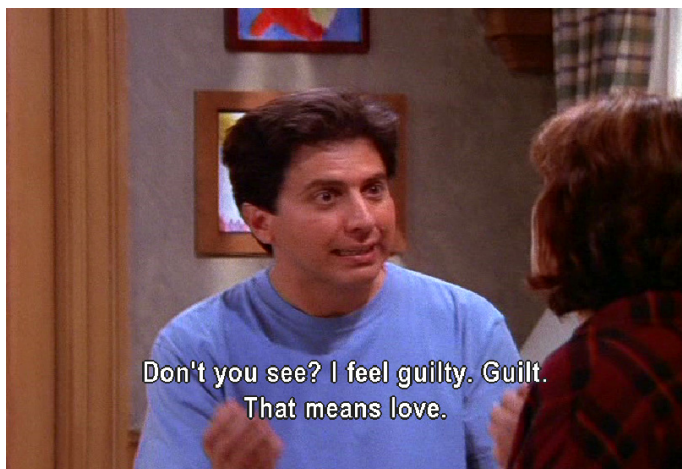
F: What are you yelling at us for? Is this how you're gonna handle the new job?

R: I got an award, all right? No, that's good. I got a promotion, too. That's good. There's no bad here. They don't promote you if you're bad.

Concluimos destacando a sentença acima de Marie: “Não foi assim [para a auto-estima] que nós te educamos...”

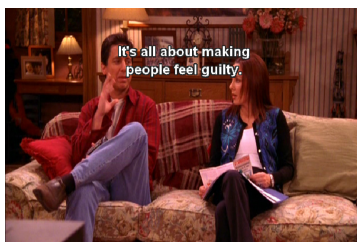
Concluimos este tópico com três lapidares tiradas; duas de Ray (em *Golf*, II,5 e *Sweet Charity* VII,17) e uma de Frank.

A primeira de Ray:



Já em *Sweet Charity*, Debra inscreve Ray (sem sequer avisá-lo) no trabalho voluntário da igreja para ajudar em um hospital.

Ray protesta, indicando o que pensa sobre a “caridade”:



Debra se defende, afirmando que simplesmente achou que seria bom para ele “envolver-se” em algo, ajudar as pessoas e que essa história de inculcar culpa é por conta exclusiva de Ray.

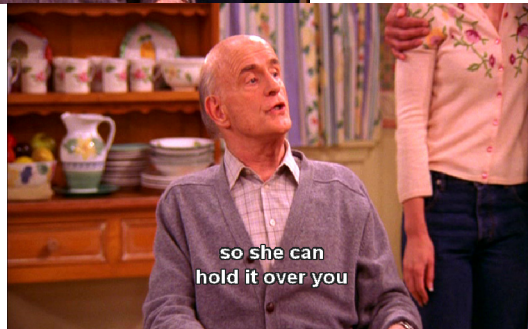
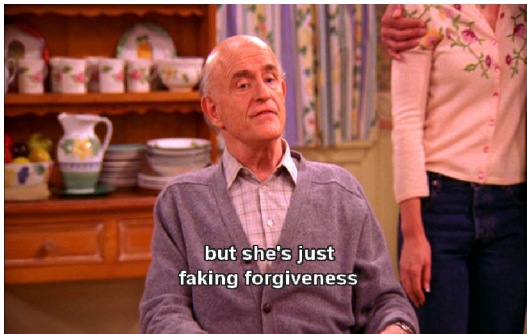
Ray, então, adquire a certeza: Debra sabe muito bem como fazer isso (inculcar culpa).

Ela responde que não, que só queria que ele ajudasse pessoas necessitadas, mas que, se ele se recusa, tudo bem, que ele se entenda não com ela, mas com... Deus.

A cena seguinte é Ray apresentando-se no hospital...

A tirada de Frank ocorre no episódio *The Plan* (VII, 18).

Robert está emocionado com o espontâneo perdão de Amy para uma enorme falta que ele cometeu. Frank diz que lamenta desfazer as ilusões do filho, mas a verdade é que ela finge perdoar, para poder controlá-lo por meio dessa dívida pelo resto da vida...



5.5 Atitude para com o sexo

Digna de atenção é a particular atitude de cuidado e seriedade que os SJ costumam ter com relação ao sexo; em contraste com a tendência hedonista dos SP. Como nossos casais são SJ-SP, a tensão de divergência aparecerá frequentemente e de diversas formas.

Como, por exemplo, nas reservas que pais SJ (como é o caso de Marie) têm para com o tema sexo, particularmente em relação a seus filhos, mesmo adultos e casados. Há cenas e até episódios inteiros sobre esse ponto. Naturalmente, devem-se levar em conta os valores conservadores da geração de Marie, atualmente com seus quase 70 anos; mas Debra, com seus 30 e tantos, apresenta também reservas SJ, embora nos quadros de sua geração, bem mais liberal. Tenha-se em conta também que, nos EUA, católicos (como os Barone) são considerados conservadores nesse campo.

Em *The Home* (IX, 1), encontramos uma cena sutil mas muito interessante: Frank e Marie, que passaram oito temporadas brigando e ameaçando-se mutuamente com separação e que (quase) nunca manifestam carinho e afeto mútuos, nesse episódio, em que estão a sós (na sala da casa de Ray) e num clima de particular emoção, excepcionalmente têm alguns momentos de explícita ternura (inclusive Marie chama Frank por um apelido do tempo de namoro, “Chi-Chi”) e estão de mãos dadas e Marie reclinando a cabeça em Frank:

Ante a inesperada chegada dos filhos (já com seus 40 anos) e noras, Marie imediatamente se “recompõe” para que não a vejam em “intimidades” com o marido.

E também os filhos nunca se atrevem a ter carícias ou manifestações de afeto ou com as esposas diante dos pais.



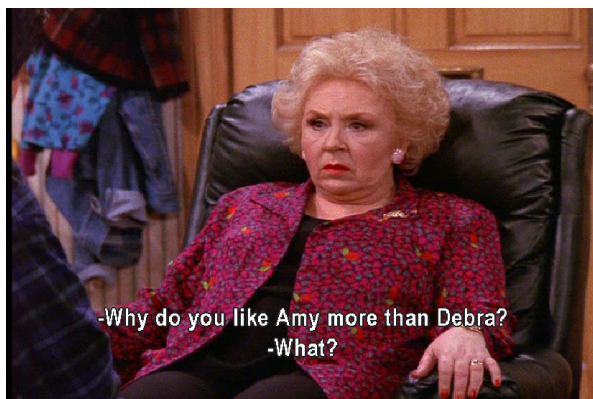
Marie parece seguir à risca PUM2:

Female Guardians, in particular, usually have only limited sexual experience before they marry, even in an age of sexual freedom. For SJs, there is always the unexpressed attitude that “nice girls don’t.” (PUM2, p. 223)

No episódio *Good Girls* (II, 19), que beira o caricaturesco, Marie convida Amy, a noiva de Robert, para preparar um jantar em sua cozinha, um fato sem precedentes (pois Marie nunca admitiu ninguém nesse seu espaço sagrado pessoal..., muito menos a nora Debra, que há anos mora em frente à sua casa).

Depois de muita celeuma sobre as preferências da sogra, Frank revela o segredo (os segredos sempre se espalham rapidamente entre os Barone): para Marie, Amy é a predileta e a razão – como Ray descobrirá com a mãe – é o fato de Marie ter descoberto (outro “segredo”...) que Amy é “*a good girl*”, o que, no código eufemístico de Marie, como se verá, significa...virgindade!

Raymond, sempre competindo com o irmão, não se conforma e submete a mãe a um interrogatório (reproduzo o trecho mais cômico):



R: Yeah, Dad told me that you liked...

M: He's lying.

R: Did you say that you like Amy more than Debra?

M: I am not... saying that.

R: What?

M: I am not *saying*... that I like Amy more than Debra.



O episódio é de 1998, em pleno Lewinskygate, e parodia as ridículas reservas mentais de Bill Clinton nos interrogatórios; o próprio presidente depois declarou à nação que tinha sido um erro dar aquelas “answers legally accurate”, imitadas por Marie (especialmente na ênfase verbal quando diz “saying”).

R: I know. I know you're not saying it *now*. But did you say it, ever? What if I told you that we have a tape of you saying it, Ma?

M: Give me the tape.

R: There is no tape.

M: Then you don't have any proof at all.

R: Wait, Mom. Why did you tell Dad that?

M: It was supposed to be a secret.

Marie explica que não tem nada contra Debra, que a ama, mas que Amy é “nice”. Raymond não entende: acaso Debra não é *nice*? Sim, claro, prossegue Marie em seus eufemismos (como uma senhora SJ tem pudores de falar de sexo), mas não nesse sentido: Amy é “very nice”, “very good girl”... Ray continua não entendendo (Debra também é “good girl”) e Marie, cansada, abre o jogo: “No. Good. Pure”.

Raymond, não querendo ficar para trás na competição com Robert, diz que também Debra quando casou era “good girl” e, imediatamente, Marie começa a mimá-la e também a convida para sua cozinha etc.

O conservadorismo SJ de Marie quanto ao sexo, potenciado pelo seu catolicismo, mostra-se em diversos outros aspectos.

No episódio *Debra’s Parents* (IX, 7), os pais de Debra, Warren e Lois, vêm para o Dia de Ação de Graças. Eles se divorciaram recentemente, mas conversam normalmente e parecem não dar importância a isso (o casal é tão liberal que, de madrugada, Lois – hospedada com Marie – vem furtivamente à casa de Ray e mantém relações sexuais com o ex-marido!).

O divórcio é particularmente rejeitado pelos SJ (DK chega a dizer que para a criança SJ “divorce is particularly devastating” PUM2 p. 264) e Marie, vendo a naturalidade com que o casal convive, sente-se obrigada (até para compensar o mau exemplo para seus filhos e esposas) a expressar suas constrangedoras convicções morais, precedida pelas inconvenientes piadinhas safadas de Frank:

F: Warren, what about Al, Al, the ladies’ pal?

R: Dad...

Warren: What’s that, Frank?

F: “Al E. Mony.” [pensão alimentícia: *alimony*] That’s gotta be a big bite outta your ass, huh?

D: That's enough.

Warren: It's okay, Deb. Frank knows that your mother and I have reached a point where we can laugh about our divorce.

Lois: That's right. We're fine with it.

M: I just think it's wonderful that you two are able to focus on the positive and not waste any time worrying about eternal damnation.

A propósito da valorização da virgindade feminina por parte da ESFJ Marie, vale a pena considerar o episódio *The first time* (VI, 24), no qual se dá um *flashback* de 15 anos antes: a “primeira vez” que Ray e Debra tiveram relações sexuais.

Debra e Ray vão jantar juntos pela primeira vez e assistir a um filme de vídeo no apartamento de Debra. Marie, suspeitando que vão ter relações sexuais, invade (com Frank) o apartamento no meio do filme, com o pretexto de trazer lasanha. Na verdade, tinha andado espionando as conversas de Ray (em nome da proteção de “sua saúde moral”) e, por sua conta, deduziu que iam “avançar o sinal”.

Aproveitando que Debra está na cozinha, Ray pede energicamente que os pais os deixem ver o filme a sós:

R: Listen, you guys, you both gotta go home, okay? Debra and I, we're trying to watch a movie.

M (abre o jogo): You're not fooling anyone, young man.

R: What?

M: You don't think I know what's gonna take place here tonight? You ought to be ashamed of yourself. I know exactly what you and Debra are planning.

Para completa segurança de que não houvesse sexo, Marie encarrega Robert de trazer o pároco, Pe. Hubble, para jantar

(naturalmente, é uma das tantas armações de Marie, manipulando o padre, que realmente pensa que é um jantar).

E, de maneira “sutil”, Marie usa o sacerdote:

M: Father Hubley, I'd like your opinion on the Commandments. Do you have to follow all, or can you just pick and choose?

Ray tenta explicar para Debra a obsessão da mãe, mas falta-lhe coragem e desvia a conversa para comida, assunto preferido de Frank...

M: Oh, Frank, would you stop thinking about food for a second? Your son's moral health is in jeopardy.

D: What?

F: Oh, for crying out loud, Marie. Why don't you just fit her for a chastity belt and be done with it?

D: Oh my God! Is that why you're all here? Because of sex?

Hubley: I was only told about the lasagna.

D: I don't understand.

Debra, perplexa, afirma que não estão tendo relações sexuais; o padre, indignado com Marie, se retira; todos vão embora e Marie ainda diz, ao se despedir, que este foi um ato isolado.

Como ocorre frequentemente com pais e educadores rígidos em relação à “moral health”, o tiro sai pela culatra: Debra, a sós com Ray e indignada com toda essa armação, convida o namorado para ir ao seu quarto..., daí o título do episódio.

Uma interessante observação final: o desejo de ver os filhos casados e de ter netos prevaleceu em Marie, quando do primeiro casamento de Robert. A esposa era Joanne, que tinha sido *stripper* com o codinome *Cinnamon*! Marie sabia de tudo, tinha

investigado secretamente o passado da noiva, mas, curiosamente, não interferiu: dando a chance de o filho tentar ser feliz (cf. IV, 24 *Robert's divorce* – episódio no qual, vendo o inferno em que se transformou a vida de Robert, expulsa Joanne a tapas da casa do filho).

5.6 Marie no episódio *Finale*

O episódio *Finale* (IX, 16) é na verdade um “gran finale” da série; nele Marie se supera em seu papel de matriarca do clã. Para escrever essa obra-prima, despedida da série, juntam-se nada menos do que dez roteiristas: Philip Rosenthal, Ray Romano, Tucker Cawley, Lew Schneider, Steve Skrovan, Jeremy Stevens, Mike Royce, Aaron Shure, Tom Caltabiano e Leslie Caveny, ganhadores do Emmy 2005.

Ray descobre que tem que fazer uma cirurgia para retirar as adenoides e, covardão, está com medo. Contra a normalidade de Debra (se é preciso operar, se opera e pronto), Marie, a mãe protetora, entra em pânico com Ray e apoia-o na ideia de não operar (e prepara uma sopa especial, para curar o filho!)

Acabam prevalecendo o bom senso e a cirurgia. Embora a operação seja relativamente simples, convoca a família toda para o hospital. Para manter o clima sereno, na sala de espera todos conversam sobre amenidades e temas divertidos. Marie vai um minuto ao banheiro, mas avisa que, quando voltar, quer todos com o semblante apropriado: o de preocupação!

Pouco depois vem a enfermeira avisando que não conseguem reanimar Ray da anestesia: Debra (e todos) ficam preocupadíssimos, mas, logo em seguida, vem o médico e diz que o problema está superado e que Ray está ótimo.

Todos procuram recobrar rapidamente o aspecto de normalidade e (obviamente) combinam que ninguém vai contar o ocorrido para Ray e menos ainda para... sua mãe.

Mas de noite Marie, notando que Frank está diferente (pelo susto da manhã), acaba arrancando dele a verdade:

F: When you were in the hospital and went to the bathroom, the nurse came out and said they were having a little trouble waking up Ray from the knockout stuff.

M (em pânico): What?!

F: But two seconds later, he was fine. Perfectly fine.

M: My son almost dies, and you don't tell me?!

F: He was fine. Where are you going?

M: What is wrong with you?!

F: He's fine. Marie, wait.

Marie, em pijamas, vai correndo, invade a casa e o quarto de Ray (que estava em abraços com Debra) e lança-se em lágrimas sobre o filho:

Raymond tenta em vão afastar a mãe.

D: Frank, what did you do?

F: I told her what happened.

D: What?

F: She beat it out of me.

R: Would somebody please tell me why my worst nightmare is coming true?!

(Na verdade, em meia dúzia de episódios ao longo da série, Ray, sempre extremamente mimado pela mãe, manifesta, de passagem, seus edipianos temores inconscientes...)



Ray acaba tomando conhecimento do caso da anestesia e aproveita para perguntar em detalhes sobre as reações de preocupação dos parentes (constrangidos em admitir seu enorme carinho por Ray, que passará a tirar proveito disso).

Já Marie quer assegurar-se de que seus direitos como matriarca estão assegurados: “I am the mother. And when the mother goes to the bathroom, you have to tell her everything that happened while she was in there.”

E, como não poderia deixar de ser, tudo acaba em comida, trazida por Marie, (que se desfaz da de Debra) e a última imagem da série ELR (já com as crianças mais crescidas) é:



Capítulo 6

ROBERT BARONE, O NF QUE É TAMBÉM SJ

6.1 A busca consciente NF

Dos quatro temperamentos apresentados por Keirse, o tipo NF é o que é marcado pela busca do sentido. Nisto, como em tudo, seria um grave erro imaginar que um tipo de per si seja superior aos demais: o temperamento é uma base, sobre a qual cada indivíduo faz suas escolhas e edifica seu senso moral: Gandhi era NF; Hitler, também. O SJ é especialmente sensível ao senso de dever; o SP, à ação; o NT, à explicação racional; mas nada disso significa superioridade ética. O filme *Godfather*, o *Poderoso Chefão* mostra todos os tipos a serviço do crime: o personagem Tom Hagen, totalmente SJ, encarava como seu dever servir à *famiglia*...; São Francisco, puro SP, é um dos maiores ícones morais da história.

O fato de os SJ, SP e NT não terem como prioridade a busca do sentido da existência não significa que suas vidas não tenham sentido ou que este seja apanágio dos NF. Como em tantos aspectos da vida, uma coisa é fazer; outra, ter (ou buscar) consciência do que se faz: um pintor, um escultor, um centroavante fazem suas obras de arte, mas na maior parte das vezes não têm (e nem precisam ter...) reflexão consciente sobre

sua arte, como na famosa declaração do atacante (atribuída a Nunes do Flamengo, a Claudiomiro do Inter e a outros) sobre seu gol espetacular: “Fiz que fui, não fui, acabei fundo...”.

Todo ser humano atém-se a um sentido, em geral dado por assente nos SJ, SP e NT; buscado explicitamente pelo NF. Em nossa série ELR, todos os protagonistas são S (Marie e Debra SJ; Frank e Raymond SP), ou seja, marcados pelo sentido da realidade presente, nua e crua, sem devaneios. Robert, que tem um forte lado NF (que coexiste com seu lado SJ), sofre incompreensão por parte dos demais.

Robert é um daqueles casos em que a base temperamental, além de não ser muito nítida (o próprio teste de Keirsey contempla casos de fronteira), fica camuflada pela história de vida: sofrimentos, indiferenças, ressentimentos, a educação recebida de Frank e Marie etc.

Robert aparece instalado na incômoda situação de vida de ver-se preterido pela mãe (e, de certo modo, por todos) em favor de Ray, para quem tudo sempre dá certo e sem esforço: Robert é (na maioria dos episódios) solteiro e seu primeiro casamento foi um desastre, logo acabando em divórcio; Ray tem uma mulher e filhos maravilhosos. Ray, como colunista de esportes de um importante jornal, tem um emprego fácil e rentoso que o torna super popular; Robert, como policial, só enfrenta dificuldades. Etc.

6.2 Robert e seu temperamento dual

Robert é, em termos de temperamento, um personagem coringa: como policial tem um realismo S, fria objetividade T e procedimentos J. Como STJ, vêmo-lo implacável no

cumprimento do dever; inflexível, mesmo em relação aos parentes e ao próprio pai.

Como ocorre no episódio *Traffic School* (II, 21). Robert está fazendo um bico no departamento de trânsito e dá cursos para recuperação da carta ou cancelamento de multas para motoristas infratores, como os SP Frank e Ray. E propõe um curso intensivo em casa, ao final do qual poderá remover as multas do irmão e do pai. Frank, ao ser convidado para o curso, propõe em vez disso que Robert assine o certificado sem que ele assista às aulas.

Rb: Don't you have an outstanding moving violation, Dad?

F: I wouldn't say outstanding. It was pretty good, though.

Rb: If you let me practice my class on you... it'll take the ticket off your record and your insurance won't go up.

F: Wait a minute. You can do that? Then why don't you just sign the thing that says I went?

Robert recusa veementemente.

E Frank (em vão...) tenta suborná-lo: já que você não quer me ouvir, quem sabe escute alguns dos nossos mais ilustres presidentes... [nas cédulas de dinheiro]

No episódio I, 9, Robert chega mesmo a ameaçar seriamente o pai, despreocupado em cumprir as leis, com prisão e algemas.

Por outro lado, em diversos episódios, Robert aparece como um terno e sensível NF. Essa dualidade (SJ/NF) no temperamento do personagem é por vezes conflitante e o próprio Robert tem consciência dessa sua contradição interna e, em *Home from School* (VIII, 3), explicita-a.

O pequeno sobrinho Michael de repente recusa-se a ir à escola e todos os esforços dos pais são em vão: há já dois dias que está faltando.

Robert entra na casa de Ray e, ao tomar conhecimento do problema, pede a Ray e a Debra que resolvam o caso, para ele não ter que enfrentar o seu confito NF x STJ:

That's truancy. Not that I'd report it, but please, don't make me choose between Robert the Uncle and Robert the Sworn Defender of the Law.

6.3 Os NF x o fator S

O “lado” NF de Robert vai servir de contraste com os outros protagonistas de ELR. Se Frank, Marie, Ray e Debra são diferentes, têm em comum o fato de serem implacavelmente S; S de *sensible*: realistas, pés no chão, práticos e sem devaneios.

Ou como diz Keirsej do fator S:

The sensation-preferring or “sensible” person wants facts, trusts facts, and remembers facts. He believes in experience and knows through experience (history), both personal and global. He might be described as earth-bound, as grounded firmly in reality, anchored to earth-a terrestrial. When a sensible talks to people, he is interested in their experience, their past (PUM1, p. 17).

Frequentemente, os quatro personagens S invocam seu valor característico: o realismo (um realismo brutal, no caso de Frank), encarar o mundo como ele é. O que, naturalmente, pauta

também seus “valores” pedagógicos, como no episódio *Grampa steals* (VII, 12).

Acompanhado da netinha Ally, Frank cria um caso no supermercado ao ser pilhado em um pequeno furto. Debra, preocupada com o mau exemplo do avô para com sua filha, tenta argumentar com Frank:

D: Frank... have you ever heard the saying, “It takes a village to raise a child”? I believe that. And I believe that you’re a part of our village. We’re just trying to teach them proper values.

F: Listen, I don’t know what the hell village you’re talking about... but I live in Real World, USA. So you can spare me your lecture.

Sempre contra qualquer tipo de devaneio, já no episódio I, 2 (*I love you*), Frank atalha Raymond, que – movido por Debra – atreve-se a perguntar, todo sem jeito, por que os Barone nunca dizem uns aos outros: “I love you”:

R: Listen, Dad. I was wondering something. When was the last time... that you said, “I love you”... to anybody?

F: “I love you”?

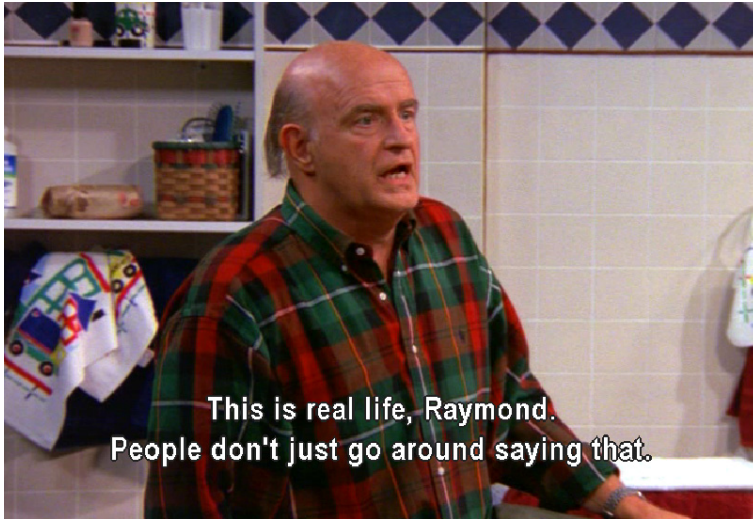
R: Yeah.

F (perplexo): What, do you live in a freaking fairyland or something?

R: I just wanted to know.

E ouviu a resposta do pai:

Pouco depois chega Marie, ralhando com Frank, e pergunta sobre o que estavam conversando:



R: I was asking, that's all. I was just asking... how come nobody ever says, "I love you" around here? But I'm starting to realize what a stupid question that is.

E acaba ouvindo o mesmo também de sua mãe.

O potencial cômico da situação revela-se quando, após Marie e Frank conversarem, num esforço supremo, Frank desajeitadamente diz: "I love you".

Mas o choque entre o Robert NF e os *sensibles* manifesta-se quimicamente puro no episódio VI, 19 (*Talk to your daughter*).

O NF (12% da população) sempre anda em busca do sentido e do significado da existência, para perplexidade dos S, para quem, na prática, basta ir vivendo e raramente se detêm nesses questionamentos:

This reluctance of 88 percent of the world to join the search for self-actualization is a great source of mystification to the NFs (PUM1, p. 61).

Nesse episódio, a pré-adolescente Ally pergunta de onde vêm os bebês e Ray entra em pânico.

Quando, dias depois, resolve enfrentar a situação, após muita leitura de biologia reprodutiva etc., é surpreendido pelo fato de Ally não estar interessada no modo como papai e mamãe fazem os bebês, mas sim no sentido da existência: “Why are we born? Why has God put us here?”.

Absolutamente despreparado para questionamentos NF, Ray se desespera e fica sem ação.

Ally se aprofunda nas indagações NF: “If we all go to Heaven when we die, then why does God want us here first?”. Ray, perplexo, embarca numa resposta tola, foge e resolve levar o problema para o “conselho” familiar.

Nesse ponto, começa a oposição entre os acentuadamente práticos e “pés no chão” S – Debra, Frank, Marie e Ray – (incapazes de lidar com esse “estranho” questionamento) e Robert, como único NF.

R: I got blindsided! Ally didn't want to talk about sex. She started asking questions about life... why did God put us here, **crazy stuff** like that. I got ambushed! [...]

[D tenta repreender Ray, mas também não tem a menor ideia de como lidar com essas questões...]

M: You were gonna talk to a child about s-e-x?

R: If she's asking questions, we have to answer her.

M: No, you don't. My boys had all sorts of questions, but I had Frank wait until they were teenagers to talk to them.

Rb: Nobody talked to me.

R: Me neither.

M: Frank, you told me you'd talk to them.

F: Why? What did they need to hear? No one needs to tell a bee where to go to get the honey. [...]

[Ao tomarem conhecimento do real problema, Frank é o primeiro a opinar]

F: It's simple.

R: Oh, okay. Yeah. We're gonna learn the meaning of life from a guy who once threw his shoe at a swan.

F: That's called protecting your sandwich. Listen to me. Here's what life is... you're born, you go to school, you go to work, you die. That's it. That's all. Cannoli, Marie.

Robert enche-se de coragem e confessa seus próprios questionamentos, expondo-se ao deboche de Frank:

Rb: Yeah. The big question is why we're here in the first place. I've spent many a night lying in bed thinking about this kind of stuff. Life's imponderables.

F: You need to find yourself a broad, and pronto.

Rb: Where are we in the big scheme of things?

F: Don't got to be a pretty one. Just grab something.

[Debra também tenta dar uma solução rápida]

D: Ray, just get up there and tell her that God put us on Earth to help each other. It's simple, it's direct, it's a good way for her to live her life.

R: What are you talking about? That doesn't answer anything. [...]

De fato, nenhum dos S dá importância aos questionamentos de Robert. Marie, prática, pega a Bíblia, “que tem solução para tudo”, e vai folheando em vão versículos que não têm relação com o caso...

Robert retoma suas indagações:

Rb: You ever think about space? What is it? Is it really endless? If you had a spaceship, could you go flying and flying forever?

F: Why don't you give it a shot?

Rb: No! I'm not kidding around here. How can space go on forever, and if it doesn't, then what's at the end, huh?

[Agora é Marie que despreza os questionamentos de Robert]

M.: Stop it, Robbie, you'll give yourself a tummy ache.

Rb: What about the beginning of time? What was there before that, before time? Nothing? I mean, what is nothing? How could there be nothing? This doesn't bother anybody else?!



É a perplexidade do NF, a que se referia Keirsey, ante a indiferença dos S para com “os grandes temas” (naturalmente, ao longo da série, há diversos outros choques de temperamento, mas aqui restringimo-nos a essas limitadas amostras).

Robert continua absorto em suas perguntas: “Do you know the fruit fly only lives one day? One day. What’s his meaning of life, huh? Maybe there’s no meaning of life for any one of us. I mean, really, am I any different than the fruit fly?”

E Frank encerra a questão, no melhor estilo S: “Tell Ally to come down here. I’ll set her straight. No more **nonsense**.”

6.4 Os pais e a sensibilidade da criança

A marca mais notória do personagem Robert é a rivalidade (e algum despeito para) com o irmão caçula Raymond, o queridinho de todos, bafejado pela sorte em todos os aspectos da vida; enquanto ele, Robert, é preterido (especialmente, na mal disfarçada, ou mesmo ostensiva, preferência por Ray, manifestada desde seu nascimento, pela mãe, Marie).

Já no primeiro episódio da série, Robert vem a saber que o irmão recebeu um importante troféu como jornalista de esportes e desabafa: “Everybody loves Raymond”. Nessa mesma cena, já se mostra também a preferência de Marie por Raymond..., em detrimento de Robert: “It’s *different* with *you*, dear”.

Rb: (segurando o troféu de Ray): When did he get this?

M: That’s an award your brother got for his sports column.

Rb: Never ends for Raymond.

M: Poor Robbie.

Rb: (despeitado):Everybody loves Raymond. I go to work, people shoot at me. Ray goes to work, people do the wave. Then he sits down, has a hot dog, doodles on a piece of paper... they give him a trophy.



M: (piorando ainda mais a situação) To tell you the truth, I think that Raymond is wasting his life writing sports. I mean, writers should be writing short stories and poetry.

Rb: You think I'm wasting my life?

M: It's different with you, dear.

Os problemas começaram na infância. Falando da criança NF, Keirse parece estar descrevendo a situação de Robert. Também neste ponto, as observações de Keirse vêm ao encontro dos roteiros de ELR. Falando da criança NF, diz DK:

Although all children are subject to sibling rivalry and to problems of rejection when a new member is added to a family, this transition needs to be very carefully handled with the NF child (...) The INF child, in particular, may be painfully shy and hypersensitive to even the slightest gesture or word of rejection (PUM1, p. 119).

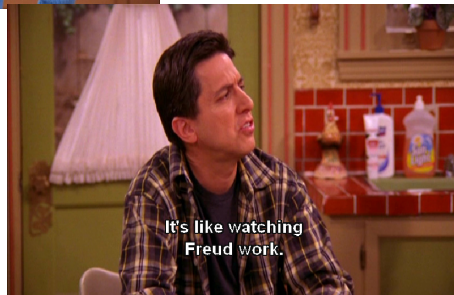
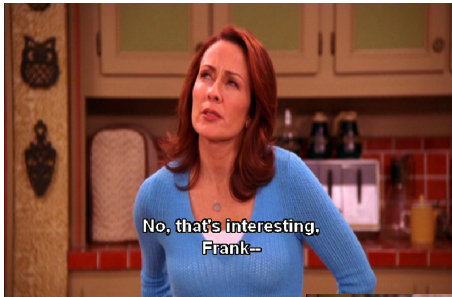
É bem o caso do pequeno NF Robert, com quem esses cuidados nem de longe foram tomados: sua mãe nunca escondeu a preferência por Raymond, e seu pai é o casca-grossa

Frank, que em *The cult* (VII, 1) resume sua “pedagogia”: problemas psicológicos dos filhos não passam de “frescuras” decorrentes de mimos e que se resolvem (literalmente...) com um belo pontapé no traseiro:

Tendo recebido o pontapé, Robert ironiza: “A good kick in the pants! Oh, yeah? What’s that, huh? The name of your parenting book?”

No caso de Robert, as desastrosas consequências psicológicas da discriminação afetiva da mãe, por um lado; e da grosseira agressividade do pai, por outro, incluem o desenvolvimento de cacoetes que o acompanharão por toda a vida. Desses, o mais notório é o de não levar a comida à boca sem antes tocar o bocado no queixo. Após quase 200 episódios, as razões desse hábito finalmente são contempladas tematicamente em *Crazy Chin* (VIII, 18).

Todos querem saber como começou esse cacoete e recordam (e encenam) episódios da infância de Robert e Ray.



Para deboche de Ray, Debra, que cursou algumas matérias de psicologia na faculdade, analisa (entre outros) especialmente o fato de que, quando Marie começou a dar comida de “aviãozinho” para o pequeno Raymond, deixou de fazer o mesmo para o pequeno Robert:

D: Wait a minute. Marie, where was Robert when you were feeding cute little Raymond?

M: I don't know.

D: How about this: Marie, before Ray was born, do you remember doing the airplane thing to Robert?

M: Sure.

D: So isn't it possible that while you were wiping Ray's chin, Robert was feeling neglected? And that's when he started taking care of himself. So you see, Robert, when Ray came along, you started touching food to your chin as a subconscious way of trying to get your mother's attention again. And now that's your way of dealing with any kind of stress. That makes sense, right? See, I told you I would get it!

6.5 A busca pela *ellusive intimacy*

Não esqueçamos que os efeitos cômicos da série giram em torno do contraste entre os personagens, também em termos de temperamento. O lado N (e NF) de Robert está isolado entre personagens do fator oposto, S: Raymond (ESFP), Marie (ESFJ), Debra (ESTJ) e Frank (ISTP). O próprio Keirsey aponta a especial incompreensão que, em geral, o NF sofre por parte de outros tipos:

The purposes of SPs, SJs, and NTs are understood by SPs, SJs, and NTs alike, although they may not embrace them. The NT can understand the SP's desire to be free of responsibility just as he can understand the SJ's satisfaction in its possession. So can the SP see the NT's desire to store up capabilities and the SJ's desire to store up commodities. He would be the last to look a gift horse in the mouth, for that matter, since these stores tend to be given out to those who need them. The SJ even admires the NT his technical storehouse and envies the SP his generous and receiving nature. But here the mutual understanding of purposes ends. None of these understand the aim of the NF, and in turn, the NF cannot really grasp the others' commitment to what seems to the NF to be false goals (PUM1, p. 58).

Robert, entre outras incompreensões de seu lado NF, esbarra na muralha protetora do superficial Ray, sempre pronto para fazer piadinhas, mas esquiva a qualquer penetração em sua intimidade. E, como diz DK, o NF sempre busca por uma maior intensidade nas relações e por uma intimidade ideal, tão profunda que mal se deixa alcançar: *elusive intimacy* (PUM1, p. 63)

No episódio *Brother* (II, 3), Robert busca desesperadamente a ocasião de conversar sobre assuntos íntimos com o irmão. Tenta em vão convidá-lo para uma pescaria e, ante a recusa, tenta forçar uma conversa mais profunda no sofá assistindo ao jogo na TV:

Rb: Listen, Deb. If it's okay with you... I was thinking I'd take Ray fishing on Sunday.

D: Oh, yeah? Great. You guys could bring home dinner.

Rb: No, no. Strictly "catch and release." Yeah, it's not about

the fish. It's about two guys in a boat... sitting on the water with a big cooler full of soda and peaches.

(...) Ray chega enquanto Robert sobe para pôr a sobrinha para dormir.

R: Oh, my God. Fishing.

D: Why? What's wrong with fishing?

R: Fishing with Robert. Look, I like doing things with him... but fishing is too quiet. I like loud things. He's gonna want to talk.

D: So why can't you talk to him? You know, talk about... cars or breasts or whatever crap guys talk about.

R: I wish. Since we've been hanging out, it seems like he wants to talk about....

D: What? Talk about what?

R: Feelings.

D: (irônica): Feelings? Oh, no. That could lead to caring, and even closeness.

(Robert volta, Debra sai. Robert e Raymond sentam-se para ver o jogo)

Rb: Why do those kids get cuter every day? Oh, man. Don't you just melt when they... give you that good-night kiss and tell you how much they love you?

R (atalhando): Yeah, that's a great thing. Listen, the game's gonna start. Let's crank it up. Turn it real loud. It's like we're there.

Rb: So how was work today?

R (desconversando): Wait. I want to catch the opening lineup here.

(Para desespero de Ray, as preliminares do jogo são interrompidas para a transmissão de um pronunciamento do presidente da república!).

(Robert aproveita e, após uma aproximação bem humorada, investe, embora Ray insista em desconversar)

Rb: Listen, I wanted to ask you something. It's about Amy (a noiva de Robert).

R: Okay. Amy? Go ahead.

Rb: Did you feel that you had to sleep with Debra... to see whether or not you were really in love with her? You know, I think that sexual attraction is so important. And I was just wondering if your feelings changed for Debra after you had sex.

R: What happened to Amy?

Rb: Well, this is what I'm going through. Wanted to talk about it. You never used to be able to talk like this.



R: Yeah.

Rb: What's the matter?

R: I'm not good at this stuff, you know?

Rb: Wanna talk about it?

R: No! I don't like talking.

(...)

Rb: Come on, admit it, Raymond. You never wanted to be close.

R: Close? You grew up in the same room as me. You live across the street. You're at my house every day. How much closer can we be?

Rb: I don't know you, okay? I wanna know you.

6.6 O NF ante conflitos e confrontos

Marie e Debra brigaram e não estão se falando. É o episódio *Mother's day* (VI,22). Debra estava ocupadíssima com as crianças, Marie chega (como sempre, sem avisar) com um casal amigo e insiste em que querem ver umas gracinhas dos netos. Debra acaba se aborrecendo e sobe com as crianças, deixando Marie sozinha com seus amigos. Marie, muito ofendida, estabelece o "silent treatment" com Debra: passam a não se falar (e a não se olhar) e começa o ridículo joguinho de usar Raymond para os recados.

Debra, que estudou psicologia, diagnostica certamente o problema de Marie: "Do you realize how passive-aggressive that is?"

Essa briga prolonga-se por alguns episódios. Os SPs Frank e Raymond até lamentam as desavenças, mas, realistas e práticos, até tiram proveito da situação: em *The bigger person* (VI, 23), conseguem regalias das esposas, que se desdobram em

esforços para agradá-los, para mostrar sua superioridade sobre a “inimiga” e sob a ameaça (mais ou menos velada) de que possam recorrer a ela.

E dão boas gargalhadas com sua engenhosidade em tirar proveito dessa situação de conflito.

Mas para o *idealist*, NF, as coisas são muito diferentes. Lemos no site oficial de DK:

Idealists are sure that friendly cooperation is the best way for people to achieve their goals. Conflict and confrontation upset them because they seem to put up angry barriers between people. Idealists dream of creating harmonious, even caring personal relations. (www.keirsey.com/handler.aspx?s=keirsey&f=fourtemps&tab=2&c=overview Acesso em 02-04-14)

E: “conflict in those around them is painful for NFs” (PUM2, p. 19) e para o INFJ Robert o conflito tem um potencial destrutivo (PUM2, p. 154).

E Robert prossegue: You are exploiting the situation! You should be supporting your wives, bringing them together!

O conflito perdura e torna-se insuportável para o NF Robert, que acaba ingressando numa seita, atraído pela aparência de harmonia, e só se desfaz desse perigoso laço quando Marie e Debra se reconciliam.

6.7 O NF e seu anseio romântico

Voltado para o futuro, o NF é romântico (PUM2, p. 129).

E DK diz ainda: “The most important thing to remember about Idealists is this: one and all, they are incurable romantics” (PUM2, p. 142).

Naturalmente, haverá choques entre as ingênuas pretensões do NF Robert (ainda recém-casado) de dar conselhos para infundir espírito e romantismo no relacionamento dos casais Barone e o resto da família, todos acentuadamente S (brutalmente S...), e calejados por longos anos de convívio.

Misery loves company (VIII, 4) começa com Robert convidando Debra e Raymond para uma comemoração familiar de seu aniversário de terceiro mês (!) de casamento (o contraste é com Ray e Debra discutindo prosaicamente quem vai lavar o cesto de roupa suja da semana).

Quando a sós com Ray, Robert oferece-lhe conselhos de relacionamento com a esposa:

Rb: Care for some advice?

R: No.

Rb: I'll tell you what I've found to be the key to a happy marriage.

R: Says the man who married a stripper, then divorced a stripper, then married a regular person and hung in there a whole three months.

Rb: Want a happy marriage? Hold hands.

R: Hold hands?

Rb: Hold hands.

R: You are a stupid person.

Rb: I'm serious. Something as simple as holding hands could give someone a sense of togetherness. (e segura a mão de Ray)

R: Stop it.

Rb: You are so afraid of affection.

R: You don't touch me.

Rb: Raymond, Raymond, Raymond..., you're so closed off. Holding your wife's hand could be pleasurable for you, and,

more importantly, it might allow her to feel wanted and loved by you.

R: How does that get me out of laundry?

Rb: If you could connect with your wife emotionally, then perhaps you wouldn't see doing laundry as a chore. You might do it willingly... for her, as a gesture of love.

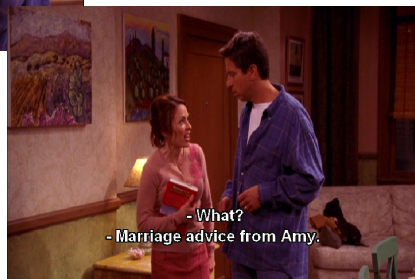
R: You are an idiot wrapped in a moron.

Rb: I'll tell you what I'm wrapped in: A good and healthy marriage.

R: Yeah, well, wrap it up to-go.

Na festa, Robert e Amy, para perplexidade dos Barone (que nunca admitem carícias senão estando a sós), trocam beijos e vão arrumando a mesa como se estivessem dançando tango.

As coisas começam a se complicar quando, a sós na cozinha, Amy oferece a Debra um livro (de autoria de um casal babaca, que compara o casamento às atrações de um *play center*) sobre como ser feliz no casamento. Apesar de todas as tentativas de recusa, Amy insiste e Debra acaba aceitando:



R: Well, unless the advice was more sex, how dare she?

D: She gave me this book because she thinks I need it.

R: Who are these two idiots? (a foto dos autores na capa)

D: Can you believe Amy? I mean, she's been married for three months... she probably still shaves her legs.

No jantar, Robert e Amy fazem brindes com despudorados discursinhos românticos sobre o amor; Ray e Debra mal disfarçam a vergonha alheia:

E Amy quer saber o motivo de seu constrangimento. Debra desabafa:

D: It's been 3 months. For God's sake, I've spent three months just waiting for him to come out of the bathroom.

R: I spent 10 months just waiting at the bottom of the stairs yelling, "Come on, your hair looks fine."

D: I've had three and a half years of him just burping.

F: I'm burping your food.

A tensão chega ao auge quando Amy oferece o mesmo livro Marie para ajudar seu casamento com Frank! Marie, indignada e do alto de décadas de experiência, vai explicar a Robert e Amy o que é o casamento.

A peça é antológica e emblemática do realismo S:

M: You are giving us advice about marriage? (...) Now you listen to me. Maybe you could all use some advice from someone who's in a position to give it. You think we have nothing to offer? We've been married 46 years. We've seen the lows, and we've seen the highs. You two, you're newlyweds, you're in love. God bless you, you know nothing. And you two (Ray e Debra), you're always fighting. And the

reason you get so upset is because you think there's something wrong with that. Look at us (M e F). This is experience. This is wisdom. You want some real marriage advice? I'm going to give you the secret now: There's going to be yelling. There's going to be anger. Don't fight it... accept it. You love him. You hate him. He disgusts you... look how he eats. You keep your head down, and you plow through.

A: But Marie, you said "hate..." How can hate have any place in a marriage?

M: You make room. There's going to be hate. Hate is real. Marriage is real. We might fight, but... we're okay with each other. And do you know why? We've endured. We have been through it all, and now... That's a marriage.

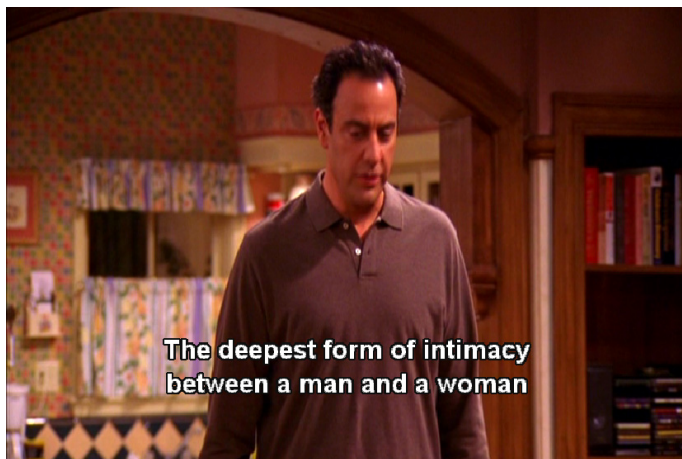
O episódio *Angry sex* (IX, 3) mostra, como nenhum outro, a oposição entre os "espiritualizados" NF e os "carnais" SP.

Lemos em DK, a respeito desse lado do *idealist*, NF (o outro lado é que podem ser muito atraídos sexualmente, mas sempre mantendo o "higher plan"):

Idealists can be deeply divided about their sexual feelings. On the one hand, they insist that sex must be an expression of love rather than lust. Even the word 'sex' seems a little crude to the Idealist; 'love' puts the relationship on a higher plain (...). They also tend to romanticize sex as soulful communion. (PUM2, p.232)

Ray está com dois amigos (SP) e Robert assistindo a um jogo e, de repente, Ray começa a falar do sexo selvagem que teve com Debra na véspera; os amigos se interessam vivamente, perguntam por detalhes e sugerem ver alguma coisa mais quente na TV.

O NF Robert, que já não estava aguentando mais aquela conversa sobre sexo banalizado, dá um enérgico basta e repreende Ray e os amigos:



Naturalmente, Robert torna-se objeto de gozação de todos. Ele se retira, não sem antes advertir Ray que quem não respeita a santidade do amor é um ser sem alma. Ray, que não liga a mínima para os questionamentos NF, simplesmente responde: “Tá mocinha!”

Capítulo 7

A ESTJ DEBRA BARONE

7.1 ESTJ com ESFP

A criação de cada personagem de ELR foi estudada de modo a criar tensões cômicas na articulação com os demais: Debra, como ESTJ, responsável e ciosa dos deveres próprios e dos demais (sobretudo marido e filhos), é casada com um cônjuge “oposto”, Raymond, o imaturo ESFP, preocupado em viver uma boa vida e fazendo piadas que divirtam e encantem os demais.

Se os choques de convívio com o marido dão-se pela complementaridade dos temperamentos; os conflitos com a sogra, pela similaridade: sendo ambas SJ, Marie vai competir com Debra como dona de casa e mãe de família modelo; alfinetá-la continuamente mostrando-se superior na cozinha e no cuidado da casa; etc. Debra realiza cabalmente o que Keirsesey diz dos ESTJ:

Sociable and civic-minded, Supervisors are usually pillars of their community. They are generous with their time and energy, and very often belong to a variety of service clubs, lodges, and associations, supporting them through steady attendance, but also taking a vocal leadership role. Indeed, membership groups of all kinds strongly attract ESTJs, perhaps because member-

ship satisfies in some degree their need to maintain the stability of social institutions (PUM2, p. 105).

Assim, vemos Debra competir com Marie (também SJ) na realização do ritual do dia de “Ação de graças” (I, 10), zelando pelas tradições do próprio lar. Ao contrário do marido SP, dá extraordinária importância às reuniões de pais na escola (II, 2); administra com perfeição as contas da casa (II, 16 – neste episódio, o SP Ray é um desastre quando assume as contas da casa por um mês); valoriza extremamente a cerimônia de casamento; participa ativamente das associações da igreja e da escola; etc.

O casal Debra-Ray é de um grande realismo: falando do interesse de casamento da(/o) ESTJ (PUM1, p. 77), DK diz que precisamente pelo anseio por preservar o *establishment* familiar e social, pelo gosto pelo equilíbrio e estabilidade, a(/o) ESTJ “is attracted to the disestablishmentarian, the ISFP”. E, poderíamos acrescentar, na falta deste tipo raro, seu próximo mais frequente: o ESFP. Em qualquer caso, um contraponto, uma válvula de escape para a contínua tensão de responsabilidades que o ESTJ acumula. É o caso de Debra e Raymond, que, por sua vez, como ESFP, “wants to be settled down by this very stable and responsible person [I(E)STJ]” (PUM1, p. 76).

Claro que esses encantos, com o passar dos anos, tendem a se desvanecer e, ao sabor da rotina, Debra manifesta, especialmente para com as “infantilidades” de Raymond, a impaciência e irritação típica dos ESTJ, ante a negligência dos demais para com seus deveres:

Highly materialistic and concrete, ESTJs believe the table of particulars and the manual of standard operating procedures

are what count, not speculation and experimentation, and certainly not fantasy. They keep their feet firmly on the ground and make sure that those under their supervision do the same, whether employee, subordinate, offspring, or spouse for that matter. If others wish to fool around and daydream, fine, as long as they do it on their own time-which means after the job is done. But if they fritter away their time while on duty, they should not be surprised when the Supervisor calls them on the carpet. The top sergeant will not put up with such nonsense (PUM2, p. 105).

Após afirmar as qualidades dos ESTJ, a própria Isabel Briggs Myers adverte (e é bem o caso de Debra):

Entretanto também podem ser considerados dominadores: os ESTJ estão sempre certos sobre como as coisas devem ser.⁴⁶

7.2 Debra, a normal

Mas, no quadro geral da série, o papel de Debra é o de ser a personagem de comportamento normal (e este fato não é alheio a seu temperamento ESTJ, o mais “normal” de todos os tipos), referencial de senso comum em contraste com as esquisitices do cunhado Robert (com seus cacoetes, instabilidades comportamentais e que vive se comparando com Raymond, para quem tudo dá certo e sempre se sai bem, enquanto ele, Robert, só se dá mal em tudo na vida); da sogra Marie (ostensivamente controladora, super-mãe e super-sogra) e do sogro

46. Myers, Isabel Briggs *Introdução à teoria dos tipos psicológicos*, São Paulo: Coaching, 1995, p. 18.

Frank (grosseirão, que passa a vida vendo TV; comendo e sujando-se com a comida).

É o que vemos em *The angry family* (VI, 1). Toda a família vai à escola para assistir a uma apresentação de alunos, na qual o pequeno Michael, recém alfabetizado, lê para a plateia de pais e mestres a historinha que escreveu:

“The Angry Family”

“The daddy was mad at the mommy.

The mommy was mad at the daddy.

[os assistentes olham para os constrangidos Barone]

The mommy and daddy were very mad at the grandpa.

The grandma got mad at everybody.”

Marie: I did not!

“The grownups were always very loud. It hurt the kids’ ears.

The end.”

Em casa, os desolados Barone conversam sobre o assunto. Marie tenta jogar a culpa em Debra: “Como você o deixou escrever aquilo?”. Debra responde que Eileen deixa as crianças com total liberdade. Raymond, sempre omissivo, pergunta quem é Eileen... e Debra, irritada, responde que é a professora de Michael!

Ante a tenebrosa imagem que o menino tem dos pais e avós, começam as acusações mútuas:



Naturalmente, a professora Eileen chama Ray e Debra no dia seguinte para discutir “o caso”. Ante as esfarrapadas desculpas e disparatadas alegações de Ray e os nervos de Debra, Eileen se convence de que a história escrita por Michael é verdadeira e sugere acompanhamento profissional. É quando Debra explode e desabafa explicando para a professora o que são os Barone:

Eileen... you have no idea what I have to put up with.

When I got married, I didn't just get a husband, I got a whole freak show that set up their tent right across the street.

And that-that would be fine, if they stayed there.

But every day, every day they dump a truckload of their insane family dreck into my lap.

How would you like to sit through two people in their 60s fighting over who invented the lawn?

The lawn!

And then the brother...

[imitando os cacoetes de Robert]

“I live in an apartment. I don't even have a lawn. Raymond has a lawn.”

But you can't blame him when you see who the mother is. She has this kind of sick hold on the both of them.

And the father's about as disgusting a creature as God has ever dropped onto this planet.

So no wonder the kid writes stories!

I should be writing stories. My life is a Gothic novel, and until you have lived in that house, with all of them in there with you day after day, week after week, year after friggin' year, you are in no position to judge me!

No término do episódio, quando finalmente ouvem Michael, descobrem que com “angry family” não se referia à sua família, mas, na verdade, a uma ficção inspirada no desenho animado: “Monster Maniacs”...

A normalidade da ESTJ Debra (pelo menos quando os sogros não a tiram do sério) é mesmo o tema do episódio *Fascinating Debra* (I, 21).

Debra conversa por telefone com a famosa psiquiatra Dra. Nora Sarasin em seu programa de rádio, expondo-lhe alguns problemas domésticos. Terminado o programa, Debra, eufórica, recebe um telefonema da Dra. Sarasin, marcando uma entrevista com ela, na casa de Debra, para o dia seguinte. Ela está escrevendo um livro sobre a família e vê em Debra a típica dona-de-casa, espécie em extinção...

Preparando-se para a vinda da psiquiatra, Debra, afetadamente, esforça-se por passar uma imagem maquiada, “adequada” e “correta” da casa e da família, prevenindo Raymond para que evite, ao menos nesse dia, suas constantes piadinhas.

Mal começada a entrevista, entram na casa (como sempre, sem avisar) os Barone. E a Dra. Sarasin, para desespero de Debra, fica fascinada com as esquisitices deles e esquece-se da normal ESTJ, dedicando toda a atenção a Frank, Marie, Robert e às piadinhas de Raymond...

Debra, ofuscada pela “naturalidade” dos Barone, que “roubaram a cena” com a psiquiatra, fica deprimida e inconsolável: ela não é uma pessoa interessante!



Debra: Dr. Nora was supposed to be here for me... not your family, and by the end, she didn't even know I was in the room.
(...)

D: Dr. Nora thought I was boring.

Ray: You're not boring, **you're normal**. That's good. Growing up in my family, I prayed for normal every night. Then I'd fall asleep to the sound of my brother naming his toes. There was Fat Tony, Jimmy the Weasel... Billy Stretch, and Tastes Bad.

D: Ray, I was so excited that Dr. Nora was coming here... but there's no way I could follow the dysfunctional family circus.

R: You should have went on before them. Maybe if you'd been yourself, Dr. Nora would've been more interested. - What did you go put on a big act for?

D: Because I am boring. There's, you know, nothing about me... that's, you know, like, quirky... or funny or interesting. What are you doing?

R: There's a little left in there. I'm sorry.

D: No. See, that's exactly my problem. I don't do that: lick the bowl! I mean, that's the kind of great weird stuff you freaking guys do all the time.

A normalidade de Debra, celebrada (silenciosamente) pelos outros tipos, é afirmada na sentença final de Ray: "Look at all of us. We need a normal one. That's why I married you."

Capítulo 8

O ISTP FRANK BARONE

8.1 O ISTP: *Crafter*

Começaremos por recolher algumas características do ISTP, tomadas de PUM2:

The Crafter [ISTP]

The nature of the ISTPs is most clearly seen in their masterful operation of tools, equipment, machines, and instruments of all kinds. From microscopic drill to supersonic jet, from tiny scalpel to giant crane, a tool is any piece of equipment that extends or varies human powers-vehicles, lifters, cutters, and weapons are just four of the many categories of the tools that surround us. Most of us use tools in some capacity, of course, but these Crafters (as much as ten percent of the population) are the true masters of tool work, with an innate ability to command tools and to become expert at all the crafts requiring hand tool skills. Even from an early age they are drawn to tools as to a magnet-tools fall into their hands demanding use, and they must manipulate them. Indeed, if a given tool is operated with a precision that defies belief, that operator is likely an ISTP.

As a variant of Plato's Artisans and Aristotle's Hedonics, the ISTPs are little different from other SPs in most respects. Like

all the Artisans they are concrete in the way they use words and utilitarian in the way they use tools. They are interested in learning about arts and crafts, are preoccupied with technique, and work well with equipment. In orientation they tend to be hedonistic, optimistic, cynical, and focused on the here and now (...).

Further, with their tough-minded nature they tend to play the directive role of Operator more readily than the informative role of Entertainer, which takes a friendly or fond-hearted character. And owing to their reserve and love of solitude they seem more drawn to be a Crafter wielding instruments than a Promoter boosting enterprises.

The Crafter's tool artisanship is masterful, but it is also born of impulse rather than of deliberate purpose. For these Artisans, action is more enjoyable and more effective-if it is unplanned, serving no purpose other than the doing. ISTPs prefer their actions to be spontaneous and unfettered; they want to follow their own lead, and to have their own impulses not subject to rules, regulations, or laws. Indeed, Crafters can be fiercely insubordinate, seeing hierarchy and authority as unnecessary and even irksome. It is not so much a matter of going against regulations as it is simply ignoring them, and not allowing them to influence execution. ISTPs must be free to do their thing, varying each next move as the urge strikes them, and they are proud of their ability to make the next move skillfully. In a sense, Crafters do not work with their tools, but play with them on impulse and not on schedule. (...)

Not only impulsive, Crafters are fearless in their play, risking themselves again and again, despite frequent injury.

Of all the types, these Artisans are most likely to pit themselves, or their technique, against chance or odds. There can be no end to the ways they seek thrills in their recreation,

daring disaster for the fun of it. They thrive on excitement, especially in the form of fast motion-racing, sky diving, or water-skiing, for instance. This desire for the rush of peak experiences also makes them more subject to boredom than any other type, their need for stimulation driving them to faster and faster pace. (PUM2, pp. 66-67)

Frank encarna plenamente algumas dessas características; outras, seus notórios defeitos, assentam no tipo ISTP e remetem também, como dissemos acima, a outros fatores. Em todo o caso, em se tratando de uma comédia, é natural que se crie um estereótipo, e Frank é decididamente uma pessoa grosseira, centrada em si, sem sensibilidade.

Quase todas as vezes em que intervém, é para pedir comida ou agredir verbalmente sua esposa. São freqüentes as cenas em que se discute algum tema sério, está se procurando a solução para algum assunto e Frank está comendo algo, ou pedindo alimento.

Em toda a série ele não admite erros pessoais e nunca pede desculpas. Extremamente impulsivo, não consegue conviver com regras. Nesse sentido é muito significativo o comentário que faz a respeito do que é para ele participar de um jogo em família: “seguir as regras, prestar atenção, esperar sua vez...”. Não só nos jogos, mas na vida, todas essas coisas são muito difíceis para os SP, como Frank e Ray. Trata-se do básico para os SJ, do que lhes dá segurança. Ficam muito irritados quando vêem que outros não o fazem. E Frank é um dos que se esmera nesse não fazer...

Isso nos dá uma boa idéia de por que Keirse deu ao livro em que descreve essas diferenças o título de *Please Understand Me*: uma convivência respeitosa deve partir da aceitação das diferenças.

Frank, típico ISTP (crafter), é o homem dos consertos, extremamente ativo quando envolvido em algo de que gosta, incapaz de chamar um profissional para fazer um trabalho para o qual se julga muito mais apto. De acordo com sua forma de entender a liberdade e espontaneidade, dirige de modo totalmente agressivo e sem nenhum respeito para com qualquer norma de trânsito.

Como pai, Frank encarna o tipo durão, acentuadamente T: sentimentos e afetos só servem para amolecer e fazer os filhos se tornarem maricas.

Seus “ideais pedagógicos” podem ser resumidos na seguinte sentença:



VIII, 15 *Party Dress*

Quando fala de suas experiências como pai e de seu modo de educar os filhos revela sempre uma pedagogia totalmente equivocada, cheia de ameaças sem propósito.

Como já dissemos, seu temperamento marcante faz com que seja em torno dele que girem alguns personagens secun-

dários, cujos tipos parecem ter sido escolhidos para contrastar frontalmente com o ISTP Frank. Parece incrível que Peter Boyle, que interpreta Frank com perfeição, tenha sido o único da família Barone a não ganhar o Emmy (embora tenha recebido sete indicações para esse prêmio).

Para o bem e para o mal (no caso, mais para um cômico mal), Frank é uma realização do ISTP, com defeitos literariamente exagerados.

Como vimos, a característica específica central que DK aponta do ISTP é a extraordinária vocação para o manejo de ferramentas e a magnética atração que sentem por elas. Ou na formulação de PUM1:

The ISTP nature is most easily seen in their mastery of tools, tools of any kind (...) From an early age, they are drawn to tools as a magnet; they must manipulate them, and tools fall into their hands demanding use (PUM1, pp. 200-1).

É bem o caso de Frank, que passa o tempo todo de cuecas vendo TV e comendo e não faz absolutamente nada, exceto manejar ferramentas para consertos.

Frank adora ferramentas: também esta boa qualidade é dada ao personagem em dose exagerada, caricaturesca. O aposentado indolente e inútil, incapaz de mover uma palha, de repente, sente-se rejuvenescido e revigorado e capaz de aplicar uma imponente capacidade de trabalho, quando se trata de consertar um chuveiro, ou o piso de uma escada, um fogão etc.

Já na primeira temporada, há um episódio (I,20) dedicado a essa paixão. Ray dá de presente ao pai *The big book of hobbies* e Frank, habitualmente decaído e desmotivado, torna-se incrivelmente energizado e – para desespero de todos – instala alarmes para a casa e para os carros, começa a revolucionar os

equipamentos das casas, passa dias inteiros em intensa e contínua atividade na garagem etc. São 7:30h da manhã e Frank já está freneticamente manejando suas ferramentas e criticando a inatividade dos outros membros da família!

F: What are you doing in your pyjamas?

R: It's a little early for woodworking, isn't it?



F: Not for me. I never felt so alive. You know the satisfaction of doing something with your own two hands?



D (irônica): I'm imagining it right now.

F: I love the *Big Book of Hobbies*. The best gift you ever gave me. Hey, where's the drill?

R: In the garage.

F: Great, thanks. (e dirige-se à garagem, cantarolando a trilha do filme *Indiana Jones*)

Como explica DK, as ações e o manejo destro de ferramentas obedece ao elemento básico dos SP: o impulso. E prossegue: mais do que um propósito deliberado (ou o desejo de servir etc.) dá-se no ISTP a ação pela ação, sem planejamento; ele se sente feliz quando a ação é espontânea e livre, seguindo sua própria vontade. No caso do ISTP, essa ação pela ação é um absoluto e ele tende a rejeitar veementemente “normas, regras ou leis”. A extrema insubordinação e descaso para com a hierarquia e a autoridade, de que fala DK. Insubordinações de STPs, como a do Gen. Patton, o grande herói de Frank, ou a de Romário: “Si no salgo por la noche no meto goles”, que lhe valeu a saída do Barcelona.

8.2 Os STP, *supreme cynics*

No livro que escreveu para as oito combinações de três pares de “átomos” (deixando de lado os fatores E/I), Keirsey aponta uma característica, típica de Frank e dos STP (*Operators*):

Operators are also the supreme cynics, for they have no illusions about what others are up to. They know it is best to look a gift horse on the mouth; they know all too well that

altruism can have hidden payoffs. They see or feet of clay, and forewarned, are invulnerable to disillusionment.⁴⁷

É o que veremos nos tópicos deste capítulo, quando Frank considera hipócritas a atitude religiosa do sogro de Robert e a amizade pós-divórcio dos sogros de Ray.

Mas o alvo principal desse realismo cínico é a sensibilidade do filho *idealist* Robert. Quando, em VI, 19 (*Talk to your daughter*), Robert começa a expor seus questionamentos sobre o sentido da vida, Frank o manda procurar mulher e, depois, explica qual é o sentido da vida:

Here's what life is... you're born, you go to school, you go to work, you die. That's it. That's all. Cannoli, Marie.

8.3 Frank x Hank: o embate entre o ISTP e o ISTJ

A série explora o efeito cômico do contraste de Frank com Hank. Para contrastar com a efusividade dos Barone e as características ISTP de Frank, está o sogro de Robert, Hank MacDougall (que traz a tiracolo sua esposa Pat).

Hank, ISTJ, está posto como antípoda moral de Frank, ISTP. Basta percorrer as características do ISTJ (definido por DK como “o Inspetor”) em PUM2 para ver quão acertada é a escolha do tipo. Do ISTJ, diz DK que é sério e escrupuloso; minucioso e detalhista (excelente como fiscal), legalista, respeitador de hierarquia e autoridades, guardião das tradições

47. Keirse, *David Portraits of Temperament*, Del Mar, Prometheus Nemesis, 1987, pp. 23-24.

e instituições, estóico e nada hedonista; silencioso e discreto; sem nenhum brilho no vestir ou no falar...

Claro que os ISTJ, como guardiões das tradições, instituições e moralidade, sentem-se atraídos por igrejas e, para acentuar o caráter moralista de Hank, ele é presbiteriano rigoroso (cujo diferencial é a intolerância para com a “imoralidade”), o casal é de um puritanismo a toda prova. Atraído também, obviamente, pela escola, Hank é vice-diretor de uma High School.

Hank não bebe (nem sequer refrigerantes), não fuma, não diz palavrão, não tolera vestimentas imodestas etc.

Para o principiante na teoria de DK pode surpreender o antagonismo entre tipos com três “átomos” em comum. Mas o próprio Keirse adverte:

“We might think that there would be some resemblance (entre o ISTP) to the ISTJ, having as they do, IST in common. But no, their behaviour is antithetical in almost every dimension of comparison” (PUM1, p. 203)

Como é de esperar, o contato com os Barone e, particularmente com Frank, o ISTP, insubordinado e hedonista, será explosivo.

Os Mac Dougall conhecem os Barone (VII, 16 *Meeting the Parents*) num domingo, quando chegam de surpresa da Pennsylvania ao apartamento de Amy, que tinha preparado um *brunch* para a família de Robert (que passara a noite com Amy). De cara dão com este em cuecas.

Frank, que não tem sensibilidade para com as visitas e nenhuma habilidade ou interesse em receber e ser agradável, logo propõe ligarem a televisão; Hank diz que ele e a esposa nunca assistem televisão (fonte de imoralidade) e que preferem

família e igreja. Hank aproveita e cobra de Amy se já foi à igreja (é um domingo).

Já está estabelecida a antipatia entre os casais. Naturalmente, o episódio se desenrola com a explicitação das desavenças entre Frank e Hank quase chegando às vias de fato.

Marie oferece muffins de mirtilo e Hank diz que não come muffins e que nunca os comeu. Ao final, quando Hank insinua que os Barone desencaminharam sua filha Amy, Frank enfrenta-o e diz: “pelo menos não somos mentirosos como você” (“todo mundo já comeu muffin”).

O conflito se amplia e se estende a todos os poucos episódios em que o ISTP Frank e o ISTJ Hank se cruzam.

Como no último episódio da temporada VII, a festa de casamento de Robert. Na cerimônia e na festa, as tensões entre os personagens chegam ao extremo: Marie, extremamente inconveniente na igreja, além do mais enfrenta Pat, a mãe de Amy, pela ridícula comida oferecida aos convidados; Peter, o bizarro irmão da noiva, faz com que todos se irrite; etc. A cerimônia teria sido um desastre total se não fosse o discurso de Raymond, o grande conciliador que, com seu humor e incrível senso de oportunidade, acaba salvando tudo.

Entre outros choques, Frank quer partir para a agressão a Hank, que não disponibilizou bebida alcoólica para os convidados, com o que – diz Frank – esse hipócrita arruinou a alegria da festa.

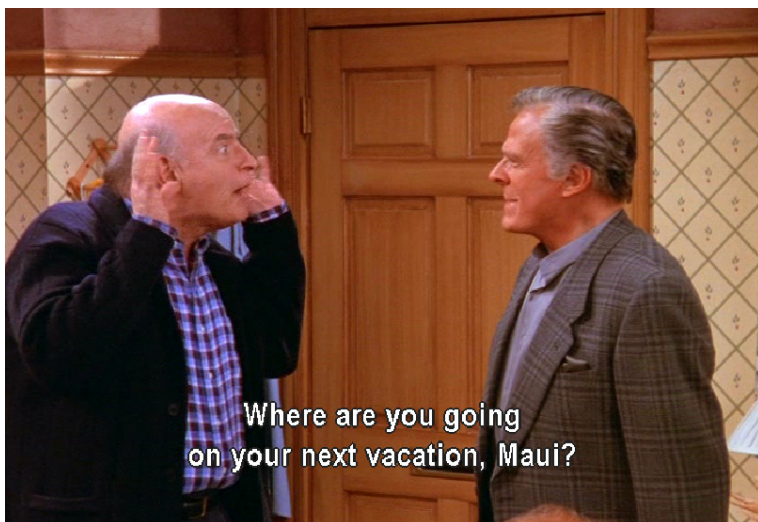
8.4 Frank x Warren

Já com o sogro de Raymond, Warren, as desavenças de Frank são outras: Warren é um homem refinadíssimo; Frank é tosco.

Warren é culturalmente aberto, apreciador da cultura europeia e mundial. E vive viajando, com sua esposa Lois, para os lugares mais exóticos; Frank é o típico americano provinciano e ufanista, que se orgulha de ignorar outros países e culturas.

Warren esbanja dinheiro em prazeres e arte alternativa; Frank despreza a cultura e contabiliza cada centavo. Etc.

O Episódio *In laws* (I, 8) está centrado nesse contraste. Warren e Lois, que moram em Connecticut, vêm visitar Ray e Debra, e Ray insiste com seus pais que os venham receber (Marie e Frank não gostam do sofisticado casal). Logo após se cumprimentarem, Frank já provoca Warren perguntando (com gestos de nativos):



Lois: We're going to Vietnam.

Todos: What?!?

F.: Vietnam? What, do you owe Charlie⁴⁸ some payback?

D: I've been reading that Vietnam is a fascinating place to go now. I would love to see it.

R: Or we could just rent "Apocalypse Now".

(Warren e Lois ficam constrangidos e Lois muda de assunto)

L.: So, Marie. What's new with you? Have you seen any new shows in town?

M.: I saw "The Three Tenors" last week on TV. I think PBS⁴⁹ is wonderful.

F.: Until they start asking for money.

L: We just saw some very funky experimental stuff... at the Performing Garage.⁵⁰

Warren: And we saw Stomp. – I love Stomp.⁵¹

F.: Who's Stomp?

D.: It's sort of like a rhythmic dance. These guys, sort of bang together anything they can find... trash cans, hub caps, brooms.

F.: And you loved it?

48. Durante a guerra do Vietnã, "Charlie" era a gíria militar para vietcong. Nas comunicações de combate, usando o código Alpha, Bravo, Charlie... (para A, B, C...), para referir-se aos VC (vietcong) dizia-se Victor-Charlie, o que acabou se simplificando em Charlie.

49. *PBS – Public Broadcasting Service* é uma rede de televisão educativa americana, alternativa às grandes redes comerciais que operam no país. Exibe documentários e programas educativos, como, p. Ex, o *Sesame Street*. Para sua manutenção, a PBS Foundation pede donativos.

50. *Performing Garage*, também conhecido como *Performance Garage*, é um teatro *off-Broadway* do Soho em NY. Fundado em 1968, é referência do teatro experimental e performático.

51. *Stomp* é um famoso grupo performático oriundo de Brighton, Reino Unido, que usa o corpo e objetos comuns para criar efeitos teatrais físico-percussivos.

L.: Loved it. We're going back.

F.: How much do they charge for this?

W.: \$40.

F.: For \$20, I'll bang on my garbage cans till your ears bleed.

Warren e Lois convidam a todos para jantar no “Le Bernardus”, o restaurante francês mais caro da cidade. Após muita insistência, aceitam. Ao ingressar no luxuoso salão, Frank já desfere em alto e bom som sua exclamação:



As gafes de Frank se sucedem:



F: What kind of food do they serve here?

D.: I believe it's French.

W.: Ever been to France?

M.: No, we're not world travelers.

L.: France is so lovely. You have to go.

F.: I don't appreciate the French... as a people. I find them... annoying. Truly.

Frank continua com suas inconveniências e cria um caso com o garçom, porque não quer (da imensa variedade oferecida) os pães do restaurante, mas pão de centeio. E depois (sempre em voz alta) começa a perguntar sobre os preços:

F.: You got all these kinds of bread. You don't have rye bread. It's very common. What do you do when Jewish people come in here?

G.: Would you like to speak with the manager, sir?

F.: Is he Jewish?

Ray (levanta-se e joga um pãozinho no prato do pai): Dad, just take a roll, okay? Sorry, man (para o garçom).

F.: Don't apologize. The customer is always right. Am I right?

W (chateado e irônico): I would never argue with you, Frank.

F.: I don't get these places.

G.: Perhaps you'd like to hear tonight's specials. In addition to the menu... the chef has prepared a crab in a puff pastry. It's a Dungeness crab in a light butter and garlic sauce.

F.: How much is that?

G.: It's \$32.

F.: Oh, geezaloo!

L.: Now, Frank, you're not allowed to look at the prices tonight.

F.: Warren, wake up, will you? This guy's (apontando para o garçom) got both his hands in your pocket.

8.5 *I gotcha*: a rapidez de captação

No episódio *Baggage* (VII, 22), ocorre uma das mais sutis observações sobre temperamento por parte dos roteiristas, captando uma característica do ESTP, mas que se aplica perfeitamente a Frank (ISTP) e também a todos os SP: a rapidez em captar plenamente uma situação; o que os torna impacientes para os detalhes que o interlocutor desejaria contar porque não acredita na incrível rapidez da captação SP. Dos ESTP, diz Keirsey (PUM1 p. 196): têm uma extraordinária capacidade de percepção de mínimos indícios que os deixam “several jumps ahead in anticipation of another's position”.

Na casa de Ray está, há dias, uma mala de viagem largada no patamar da escada; a razão é que Debra e Ray, de volta de uma viagem, estão em um surdo braço de ferro para ver quem cede e desfaz e guarda a mala.

Robert entra na casa de Ray e precisa de uma longa explicação para entender o fato; para o SP Frank, literalmente, basta meia palavra.

Frank chega em casa de Ray, Debra leva as crianças pela escada e avisa para tomarem cuidado com a mala no patamar. Ray faz uma cara de descrédito ante a teimosia da esposa e diz: “essa mala está aí há 3 semanas e...”; F atalha: “Nobody wants to be the one to move it. I gotcha”.

Esse “I gotcha” é uma constante dos STP. Muitos STP queixam-se precisamente disto: de serem considerados levianos por interlocutores (cônjuge, amigos, filhos etc.) de outros

temperamentos, quando, por exemplo, lhes pedem conselho e pela rapidez da resposta pensam erradamente que o conselho foi dado de forma irresponsável ou se queixam “ele (o SP) não me deixa falar”.

Na verdade, o SP inteirou-se da situação de forma extraordinariamente rápida e toma a decisão (presumivelmente acertada) também de forma surpreendentemente veloz, o que deixa desconcertados sobretudo os NF e SJ.

Essa rapidez procede em boa parte do realismo S preparado para aceitar qualquer fato real (o SJ também é realista S, mas “perde tempo” ponderando sobre os valores associados ao fato).

Capítulo 9

CONCLUSÕES

9.1 Considerações finais

Ao final deste árduo (e, para mim, ao mesmo tempo divertido) estudo, indicamos aqui alguns dos principais resultados. Podem ser resumidos em três tópicos.

Penso que o ponto central de todo este trabalho é deixar claro aquela que talvez seja a principal tese de David Keirse: nós somos diferentes e todas as atividades que desenvolvemos só serão bem sucedidas se levarem em consideração esse fator.

Um segundo item é a grande armadilha de querer desenvolver o “Projeto Pigmaleão” (Keirse): transformar o outro em uma cópia de mim. No fundo estamos satisfeitos com a forma como somos e pensamos e julgamos que isso é, sem dúvida, o melhor para os outros: nossos parentes, amigos, filhos e alunos. Costuma-se dizer que todos estão satisfeitos com o bom senso que têm e sempre são os outros que não o têm na medida adequada.

Finalmente, aplicando esses conceitos à educação, constatamos que a escola deveria considerar, em todos os seus níveis, os diversos tipos de pessoas que dela participam e não ater-se ao modelo formulado para atender apenas a um grupo de pessoas. Por motivos que não são objeto direto do nosso estudo, a

escola tem sido pensada por educadores do tipo Guardiã de Keirsey, dirigida por eles e voltada somente a formar alunos com essa mentalidade.

Vamos analisar brevemente essas três ideias.

9.2 Somos diferentes

“Se um homem não segue o passo de seus companheiros, talvez seja porque escuta um ritmo diferente. Deixem que caminhe de acordo com a música que escuta, sem se importar se é descompassada ou estranha”

Keirsey toma como epígrafe de seu livro essa sentença de Henry Thoreau. Nesse livro, que tem o sugestivo título de *Please, understand me*, ele desenvolve sua teoria dos quatro temperamentos: Artesão, Guardiã, Racional e Idealista.

A proposta desta pesquisa era a de estabelecer relações entre esses tipos de DK e os protagonistas da série ELR: reencontrar a teoria e os tipos ideais de DK na vida “real” do clã Barone. Por natureza, essa tarefa comporta algum grau de imprecisão, já que o tipo ideal (e ainda mais os de DK) nunca se encontra quimicamente puro na realidade: teoria é uma coisa, narrar histórias é outra. Mas, precisamente essa clivagem permitiu uma interação na qual os dois pólos se enriqueceram: pudemos, por um lado, enfeixar as atitudes dos personagens em núcleos de temperamento coerentes, e, por outro, dar vida real, carne e osso, às assépticas siglas N, F, T...; SJ, SP...; ESFJ, ISTP etc.

Portanto, um primeiro resultado “prático” importante desta pesquisa é o de facilitar – com profusão de casos concretos e detalhes – a identificação e o reconhecimento dos tipos apresentados na teoria de DK.

Pudemos visualizar em casos concretos o ESFP (Raymond) com seu irresistível gosto por piadas e brincadeiras; sua enorme capacidade de pacificar e harmonizar a convivência (e as contradições entre esses dois valores, quando a piada aumenta o conflito...); sua aversão à escola tradicional (formatada pelos SJ); sua incapacidade de disciplinar os filhos (e mesmo de se auto-disciplinar); seu senso de concreto e descaso para com a literatura e o pensamento abstrato etc.

Evidentemente essas características específicas (como as dos ESFJ, INFJ etc.) têm de ser tomadas a sério e de modo responsável pela pedagogia. Pretendemos, assim, ter oferecido subsídios nesse sentido.

Se Raymond é notoriamente F, Frank é extremamente T (não faz concessões à sensibilidade pessoal do interlocutor). E como ISTP, vê as ferramentas como uma extensão de si mesmo. Como SP, que ignora regras e hierarquias, vimo-lo às turras com seu oposto nesses tópicos: o ISTJ Hank; etc. Vimos também as consequências desastrosas de seu exagerado lado T em seu papel de “educador”.

Marie, que encarna a ESFJ, protagonizou, de modo vivo, as qualidades e disfunções – como supermãe e supersogra – desse tipo: sua necessidade de servir e de que precisem de sua ajuda; o cuidado do lar; o controle da família. Junto com a outra SJ (embora rival) Debra, aprecia a educação e a cultura, dentro dos padrões formais. No campo das disfunções, assentadas em seu modo de ser ESFJ, oferece-nos um modelo concreto de manipulação e controle e de “educação para a culpa”.

A ESTJ Debra nos oferece o referencial de normalidade e bom senso.

Robert, o único personagem com acentuado lado N, sofre incompreensões por parte de todos os outros, que são S. O NF

está cercado de realismo bruto refratário às suas buscas de sentido, de romantismo, de *ellusive intimacy* etc.

Outra contribuição deste trabalho foi a de mostrar os tipos não de modo estanque ou isolado em laboratório, mas em convivência concreta: em colaboração, conflito etc., em situações quotidianas.

Naturalmente, não se trata de mero interesse artístico por uma produção primorosa como ELR, mas de compreendermos cada educando em seu modo de ser, e compreendendo, podermos educar melhor.

Um primeiro efeito dessa compreensão é o próprio fato de sabermos que as pessoas são diferentes e que parte dessas diferenças é temperamental: quando Debra e Marie estão em *silent treatment*, enquanto os SP riem às gargalhadas e até tiram proveito da situação, o NF encontra-se devastado por uma imensa crise existencial.

Que seria de uma pedagogia que ignorasse essas diferenças?

9.3 A tentação de transformar os outros em cópias nossas

“Se eu não atuo como você acha que se deve atuar, por favor, deixe-me fazer o que eu quero. De momento, não lhe peço que me compreendas; isso só vai acontecer quando você estiver disposto a parar de tentar me converter em uma cópia sua” (PUM2, 1).

Essa citação da primeira página de PUM2 leva-nos à conseqüência imediata de não aceitar as diferenças: pensar que o melhor para os que dependem de nós é serem iguais a nós.

A série ELR aborda muitos exemplos disso e procuramos destacar alguns deles em nosso trabalho. Ao lidar com as

crianças, nos momentos de crises, cada um o faz não da forma mais adequada para a criança, mas de acordo com suas características.

Sem dúvida, o melhor exemplo deste item são as grandes manipulações de Marie ao longo de toda a série. É antológica a forma como obriga sua nova nora a enviar um cartão de agradecimento (cfr. Cap. V). Sua forma magistral de exercitar a educação para a culpa é um modelo habilíssimo de dominação.

9.4 Aplicação à pedagogia

Como já dissemos, a escola tem sido basicamente um modelo formulado pelos Guardiães e voltada para os Guardiães. Ainda que sejam uma porcentagem alta da humanidade (42%), não a representam totalmente e, afinal, são minoria... São admiráveis sua responsabilidade, senso do dever e amor à tradição; mas onde colocar o amor à liberdade do Artesão, os sonhos do Idealista e a lógica dos Racionais?

Parece-nos que o estudo dos diferentes tipos psicológicos, para o qual fizemos nossa contribuição nestas páginas, é essencial para construir uma escola apta a receber qualquer tipo de aluno. Ao fazer essa afirmação, estamos pensando de forma abrangente: não só o método de ensino, mas a arquitetura da escola, o regime de trabalho dos professores, o relacionamento com os pais, enfim, tudo o que diz respeito ao ensino, deveria respeitar as diferenças dos seres humanos, sem tentar adaptá-los a moldes desnecessários. O que, obviamente, deve ser levado em conta também na formação de professores...

Toda ação educativa, quer se trate de educação formal ou informal, pressupõe a compreensão dos sujeitos envolvidos no

processo: não por acaso, os títulos das duas principais obras de Keirsej são *Please, understand me*. Procuramos mostrar como a teoria de DK é uma poderosa ferramenta nesse sentido (recordemos, por exemplo, as diferenças de ajuste à escola formal que se dão entre crianças SP ou SJ; ou o efeito especialmente devastador dos conflitos sobre a criança NF; etc.).

As questões que se colocam não são poucas. Destaquemos, para finalizar, algumas:

Como dialogar com um aluno SP que está revoltado com a escola?

A educação dos sentimentos de uma criança T deve ser nos mesmos moldes em que se dá a de uma criança F?

Qual o papel adequado da culpa e da responsabilidade na formação? O que acontece se o senso de dever dos SJ ou o de sentido dos NF torna-se um absoluto?

Enfim, esperamos que este trabalho possa contribuir para chamar a atenção dos educadores para essa importante ferramenta pedagógica que é a teoria dos temperamentos de David Keirsej.

9.5 Referências bibliográficas

Calegari, Maria da Luz & Gemignani, Orlando *Temperamento e carreira*, São Paulo, Summus, 2006.

Gilchrist, Patrick, “Review” para Amazon Books <http://www.amazon.com/review/R2FYA92AZJM3RN> (acesso em 02-04-14).

Hay, Alex “Robert from Everybody Loves Raymond Character Analysis” <http://ethicallyinsane.blogspot.com/2008/10/robert-from-everybody-loves-raymond.html>

http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_Everybody_Loves_Raymond_episodes (acesso em 02-04-14)

<http://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/EverybodyLovesRaymond>
(acesso em 02-04-14)

Johnson, Alan G. *The Gender Knot – unraveling our patriarchal legacy*
Philadelphia, Temple University Press, 2005

Keirse y, David *Please Understand me II - Temperament, Character, Intelligence* Del Mar, Prometheus Nemesis, 1988.

_____. *Portraits of Temperament*, Del Mar, Prometheus Nemesis, 1987.

_____. Keirse y, David *Presidential Temperament* Prometheus Nemesis Book Company, Del Mar, 1992.

Keirse y, David & Bates, Marilyn *Please Understand me*, 4th ed., Del Mar, Prometheus Nemesis, 1984.

Lauand, João Sérgio “Um estudo de caso ficcional ESFP”. In *Anais do X Seminário Internacional: Filosofia e Educação*. São Paulo : Factash, 2010. v. 1. p. 101-111.

Lauand, João Sérgio “Temperamento e Moral”. In *Anais do IX Seminário Internacional: Filosofia e Educação*. São Paulo : Factash / CEMOrOc, 2009. v. 1. p. 45-52.

_____. “Temperamentos na Arca”. In: *IX Seminário Internacional: Filosofia e Educação - Antropolgia e Educação: Pessoa e instituições*, 2009, São Paulo: Factash, 2009. v. 1. p. 261-267.

_____. “David Keirse y e a TV – o caso de Raymond” <http://www.hottopos.com/isle5/93JSLau.pdf>.

_____. “Keirse y e a TV – o caso de Frank” <http://www.hottopos.com/isle6/8JSLau.pdf>.

_____. “David Keirse y e a SJ Marie Barone” <http://www.hottopos.com/notand23/P21a32.pdf>

_____. “Debra Barone à Luz de Keirse y” <http://www.hottopos.com/rih21/P41a50.pdf>

_____. “Robert Barone: o SJ que é também NF” <http://www.hottopos.com/rih21/P51a58.pdf>

_____. “O NF de Keirse y: Busca de Sentido e Sensibilidade” <http://www.hottopos.com/notand25/index.htm>

_____. “Culpa e Educação em *Everybody Loves Raymond*”
<http://www.hottopos.com/notand26/index.htm>

_____. “Educação e Escola em *Everybody Loves Raymond*”
<http://www.hottopos.com/isle7/index.htm>

_____. “ESFJ e Controle da Família em *Everybody Loves Raymond*” <http://www.hottopos.com/isle8/index.htm>

Myers, Isabel Briggs *Introdução à teoria dos tipos psicológicos*, São Paulo, Coaching, 1995.

Romano, Ray *Tudo e mais uma surpresa*. Rio de Janeiro, Frente, 2001,
http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_Everybody_Loves_Raymond_characters

Rosenthal, Phil *You're lucky, you're funny* New York, Viking, 2006

Silva, Maria de Lourdes Ramos da “O Referencial de Keirse e Bates como um dos Fundamentos da Ação Docente”, Revista *Mirandum*, São Paulo, CEMOrOc-Feusp / IJI-Univ do Porto, 2003, N. 14. <http://www.hottopos.com/mirand14/malu.htm>, acesso em 02-04-14.

_____. *Personalidade e Escolha Profissional – subsídios de Keirse e Bates para a orientação Vocacional*, São Paulo, EPU, 1992.

UM ESTUDO COMPLEMENTAR

Discutindo o teste de Keirsey e uma apresentação dos tipos S

JEAN LAUAND

Além das dificuldades de formulação, o teste de DK em forma de questionário apresenta um ponto fraco especial: a formulação de questões que identifiquem o fator N, no par S / N. As coisas se complicam quando nos damos conta de que a oposição S / N é a central para a definição dos 4 temperamentos: SJ, SP, NF e NT. Na verdade, não se trata só de uma dificuldade do questionário, mas da dificuldade de compreensão da preferência N. Enquanto os fatores I/E; J/P e F/T são de relativa fácil compreensão, o par S/N pode levar a equívocos e sendo o primeiro passo para a caracterização dos tipos, pode comprometer toda a análise: qual o brasileiro, por mais realista S que seja, não se considera “intuitivo”? Não se trata só de tradução, mas o próprio teste de Keirsey nem sempre é de fácil compreensão: o que significa, por exemplo, a questão 31: Children often do not (a) Make themselves useful enough (b) Exercise their fantasy enough? E ao ser perguntado:

- 65 – In stories do you prefer / Em histórias você prefere
- (a) action and adventure /ação e aventura
 - (b) fantasy and heroism / fantasia e heroísmo

o entrevistado pode muito bem considerar “ação e aventura” como não incompatíveis com “heroísmo”...

No final de 2012, eu apliquei o teste de Keirse, com extraordinário êxito, para meus 30 alunos de graduação em filosofia na Umesp. Em vez do questionário, uma breve exposição sobre os fatores (em divertido diálogo com a turma: “Quem aqui é a mais extrovertida da classe?” etc.) seguida de um confronto de cada um com os perfis resumidos dos 8 tipos S (que apresento ao final), que constituem mais de 80% da população: ESFP, ISFP, ESTP, ISTP, ESFJ, ISFJ, ISTJ, ESTJ. A grande maioria se reconheceu no tipo que havia identificado para si durante a exposição.

Ao contrário do Sorter tradicional, o método da exposição por temas permite reforços quando a classe reclama maiores explicações, improvisações, caricaturas nítidas (com as devidas advertências) etc.

E a descontração do lúdico. Avisamos aos alunos (evidentemente, de brincadeira) que o professor havia tomado uns estimulantes étlicos para descontrair e que iria lhe permitir fazer piadas e empregar termos pouco convencionais nas explicações dos fatores e tipos. Estamos convencidos de que esse clima jocoso muito contribuiu para o sucesso da experiência.

Assim, ao explicar que o Introverso (I) sofre na interação com estranhos, enquanto o Extroverso (E) aprecia essa mesma interação, valemo-nos (entre outras) de divertidas situações de elevador, nas quais a diferença I x E torna-se clara.

Para o par F/T, valemo-nos do contraste entre o presidente Lula e a presidente Dilma. F é a tendência a abordar as situações a partir de uma perspectiva pessoal, afetiva, priorizando laços emotivos que nos ligam às pessoas envolvidas no contexto; enquanto T é a abordagem fria e objetiva, impessoal, na qual prevalece a norma e não as condições pessoais dos envolvidos.

Essa diferença é muito bem registrada no filme *The Iron Lady*, no qual Meryl Streep interpreta Margareth Thatcher, a dama de ferro, a dama T.



Já aposentada e fragilizada pela idade, o médico lhe pergunta como se *sente* e ela revela seu modo de ser T:

“How do you feel?”

“Don’t ask me how I feel. Ask me what I think. People don’t **think** any more, they **feel**. One of the greatest problems of our age is that we are governed by people who care more about feelings than they do about thoughts and ideas. Now, thoughts and ideas, that’s what interests me. (...) and **I think I am fine**”

Como dizíamos, a diferença F x T aparece claramente nos estilos dos presidentes Lula e Dilma, respectivamente. Quando morreu o vice-presidente José de Alencar, ambos antecipam apressadamente a volta do exterior e chegam juntos ao velório do amigo, muito querido de ambos.

No caso de Lula, emoção e sentimento a jorros; Dilma, permanece contida e discreta. Cf: https://www.youtube.com/watch?v=T_Ip1TjyZpw

Ambos gozavam de altíssimos índices de popularidade: Lula identificando-se com a vigência F do brasileiro; Dilma, vista como a gerentona T que pode implacavelmente endireitar este país...



A exposição é muito fácil para E / I; F / T; J / P. Quanto ao par S / N, optamos por introduzir outra importante inovação metodológica. Pareceu-nos melhor do que a insistência em identificar o fator atômico N, vê-lo realizado em suas duas possibilidades “moleculares” de temperamento: NT e NF

(enfataremos este último, que é o grande problema de captação para os demais tipos).

Recordemos que o S (de *sensible*) não significa “sensível”, mas realista, *realistão*, pés no chão, a pessoa que “se liga” mais nos fatos em si, pés no chão, arroz e feijão, o sentido comum; enquanto para o N, os fatos convidam para uma interpretação mais ampla, para o abstrato, para as possibilidades, para a essência. Seja para a estruturação lógica, tecnológica, científica (NT) ou para o significado humano (NF), para além dos fatos.

Vamos aos exemplos, um tanto caricatos. Quando éramos crianças, a avó dividiu uma barra de chocolate entre dois netinhos. Um deles reclamou: “- Ô vó, a metade dele é maior”. E o priminho N (NT), que não era parte interessada naquela partilha, reagiu mostrando seu precoce rigor lógico: “- Se são metades, são iguais. Em todo caso, a *parte* dele é maior, mas metades são sempre iguais”.

Outro priminho, acentuadamente N (NF) ao ouvir a canção infantil da época: “Criança feliz, feliz a cantar, alegre a embalar seu sonho infantil / Ó meu bom Jesus, que a todos conduz, olhai as crianças do nosso Brasil”, indagou: “- Por que só do Brasil? Jesus não olha as crianças de outros países? Todas as crianças não têm os mesmos direitos?”

Outro exemplo caricato. Começa a chover. O NT talvez considere que não dominamos totalmente a meteorologia e fique se indagando quais são os fatores, as variáveis que intervêm nos fenômenos climáticos e fique concentrado em imaginar as equações que poderiam dar conta desse fenômeno e, também talvez, as possibilidades de aplicação de resultados para a agricultura etc.. O NF pode mergulhar em considerações nostálgicas sobre a infância distante ou em amores perdidos ou ficar pensando no caráter ambivalente da chuva – um bem para

a humanidade, mas ao mesmo tempo um estorvo – e tomar a chuva como uma metáfora para os relacionamentos humanos... O SP, com um forte lado lúdico, pode se sentir convidado a brincar na chuva. E o SJ, com seu sentido de dever, é quem vai tirar a roupa do varal.

Enquanto os S preferem uma linguagem direta, concreta e denotativa, os N sentem-se mais à vontade expressando-se por metáforas; especialmente os NF (não esqueçamos que F é de feeling: sentimento) apreciam metáforas para expressar os sentimentos humanos; habitam o simbólico não os fatos. O próprio DK (1988, p. 120) exemplifica com a poeta Emily Dickinson:

Exultação é ir-se a alma

Do interior para o mar,
 Passando casas – promontórios
 – Até a vasta Eternidade –
 Como nós, dentre montanhas,
 Pode o marujo entender
 A divina embriaguez
 Que é o desligar-se da terra
 Pela primeira vez?

(http://www.emilycecilia.com.br/fontes_new/poemas_ed_traduzidos_lucia.htm)

Tudo isto é *nonsense* do ponto de vista S, fator de realismo dos fatos. Vejamos o olhar NF da poeta NF Adélia Prado (1991 p.199), para algo extremamente material, a pedra: “De vez em quando Deus me tira a poesia / Olho pedra e vejo pedra mesmo”.

A mesma “complicação” N, em torno de uma prosaica pedra, dá-se no famoso poema de Drummond. Ou com a pedra

de Sartre. De repente, como no início do romance *A náusea*, olhamos uma pedra (e é a milionésima vez que vemos uma pedra e esta nada tem de especial) e, sem saber o porquê, ela é princípio de um processo de abalo existencial que beira os 9 pontos Richter. É o que se dá na vida do personagem Antoine Roquentin:

Sábado, uns garotos estavam a atirar pedrinhas ao mar para as fazer saltar de ricochete, e pretendia tirar uma como eles. Nesse momento detive-me, deixei cair a pedra e fui-me embora. Devia ir com uns ares de transviado, com certeza, porque os garotos desataram a rir quando voltei as costas. Isto, quanto ao exterior. O que se passou em mim não deixou traços claros. Havia qualquer coisa que vi e que me repugnou, mas já não sei se estava a olhar para o mar ou para a pedra. A pedra era chata; dum lado estava inteiramente seca, úmida e enlodada do outro. Tinha-a agarrado pelas beiras, com os dedos muito afastados, para não me sujar (SARTRE, 2005 s/p).

Apresento a seguir o perfil resumido dos oito tipos S.

Referências bibliográficas

- Keirsey, David. *Please Understand me II – Temperament, Character, Intelligence*. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1988.
- Keirsey, David & Bates, Marilyn. *Please Understand me*. 4th ed., Del Mar: Prometheus Nemesis, 1984.
- Lauand, João Sérgio. A teoria dos temperamentos de Keirsey. *Notandum Livro 16*. São Paulo: Cemoroc-Feusp, 2012, pp. 15-19.
- PRADO, Adélia. *Poesia Reunida*. São Paulo: Siciliano, 1991.
- SARTRE, J.-P. *A Náusea*: Lisboa: Europa-América, 2005 Acesso em 05-08-11 <http://pt.scribd.com/doc/7165292/Jean-Paul-Sartre-Nausea>

ANEXO – PERFIL RESUMIDO DOS OITO TIPOS S DE KEIRSEY

(extraídos de <http://www.keirsey.com>)

Tradução de Jean Lauand)

ESTJ Supervisor

≥ 10 % da pop. Altamente ligado em instituições que estruturam a vida social e da comunidade: muitos ESTJ assumem cargos de responsabilidade na escola, igreja, associações de bairro, profissionais, cívicas... São generosos com seu tempo e energias e frequentemente pertencem a (e lideram) clubes de serviço, associações de ex-alunos etc. Valorizam hierarquias e cooperam com os superiores (e esperam cooperação dos subordinados); a hierarquia tem seus deveres (e também seus privilégios). Sentem-se à vontade em organizar esquemas, agendas, inventários de dados (às quais SP são avessos) e preferem fazer as coisas pelo “caminho das pedras”, por modos já avalizados pela experiência em vez de arriscar novos modos ou improvisação: são pés no chão, arroz-feijão, “time que está ganhando, não mexe”... e também esperam isso dos que estão sob sua “supervisão”: empregados, alunos, cônjuge, filhos. Sentem-se à vontade como avaliadores e, ao avaliar, tendem a julgar em termos do envolvimento da pessoa com os padrões e procedimentos estabelecidos. Têm uma enorme capacidade de trabalho, já manifesta desde a

infância (na escola, por ex.) e respeitam os pais como figuras de autoridade. Desde crianças, costumam ser os alunos modelo, responsáveis para com os professores, fazem todo o dever de casa pontualmente. Certinhos, fazem o que se espera deles, raramente questionam os professores, métodos de ensino, padrões e autoridades. E também na vida adulta com o trabalho e a família. Os ESTJ enfocam as relações humanas em bases tradicionais. Casamento e paternidade são sagrados, tendem a ter um amplo e duradouro círculo de amigos. Reuniões e cerimônias sociais têm muito significado para eles e aguardam com expectativa formaturas, casamentos e bodas, reuniões anuais da turma etc. Em situações sociais, sentem-se à vontade e conversam facilmente com todos, embora tenham certa tendência a formalismos. São o que são “normais” e as pessoas facilmente os identificam como tais.

ISTJ Inspetor

≤ 10 % da pop. Superresponsáveis, superconfiáveis. Em casa ou no trabalho são extraordinariamente perseverantes e cientes do dever, especialmente em “estar de olho” para assegurar que nada falhe nas pessoas e produtos que dele dependem. Com seu jeito quieto (cinza), estão vigilantes para que as regras se cumpram, as leis sejam respeitadas e os padrões mantidos. São eles os verdadeiros guardiões (SJ) das instituições. São pacientes no trabalho e com as rotinas da instituição, mas nem sempre o são com comportamento não autorizado de alguns colegas / subordinados. Os ISTJ gostam quando as pessoas estão cientes de seus deveres e seguem as normas e cumprem os prazos. E gostariam que todos fossem responsáveis como ele.

Podem ser intransigentes quanto às regras da empresa e não hesitar em reportar irregularidades aos canais competentes; daí que frequentemente são considerados duros e insensíveis e mal interpretados quanto às suas boas intenções. Esse seu zelo pelos padrões e normas é exercido discretamente (o ISTJ é o discreto) e sua dedicação pode passar despercebida e não valorizada. Embora não comunicativos como os ESTJ, os ISTJ são muito sociáveis e se envolvem em associações de serviço da comunidade, como escola dominical, escoteiros etc., que transmitem valores tradicionais aos jovens. Como todos os SJ, prezam as cerimônias sociais da família, bodas, aniversários etc. embora tendam a um retraimento se o evento se estende por muito tempo ou com muita gente. Não se sentem bem com espalhafatos; sua fala tende a ser sóbria e pés no chão, sem exuberâncias ou floreios; seu modo de vestir, simples e sóbrio (e não da última moda); sua casa e escritório limpos, em ordem e tradicional, sem ostentações. Suas coisas – carro, pasta de dente etc. – são standard. Gostam de clássicos e antiguidades e preferem o antigo à última onda.

ESFJ Provedor

≥ 10 % da pop. Tomam sobre si a responsabilidade pela saúde e bem estar daqueles de quem cuidam, mas, são também os mais sociáveis dos SJ: são eles que fomentam e mantêm instituições sociais como igrejas, clubes sociais, grupos cívicos etc. Aonde quer que vá, não poupa tempo e energias para que as necessidades dos outros estejam atendidas e aquelas funções sociais exerçam seu papel. São talentosos em fazer que seus ajudantes trabalhem em equipe e são incansáveis em sua

atenção para detalhes em proporcionar bens e serviços. São grandes organizadores de bailes, banquetes, reuniões da turma, em grangear fundos para caridade etc. Incomparáveis mestres de cerimônia, falam em público com desembaraço. Notáveis como anfitriões, sabem o nome de cada convidado e o que cada um anda fazendo; e busca que todos estejam envolvidos e bem atendidos. Sociáveis, podem sentir-se incômodos quando estão sozinhos. A amizade é muito importante para os ESFJ e as conversas com os amigos frequentemente volta-se para recordar os bons tempos do passado. Tradições de família são sagradas e preparam com cuidado aniversários, bodas etc. São fascinados por saber novidades dos amigos e vizinhos: se v. quiser saber o que anda acontecendo na comunidade local (escola, paróquia etc.) eles darão todos os detalhes. São extremamente sensíveis aos sentimentos dos outros (o ESFJ é talvez o tipo mais empático) e também muito susceptíveis ao que os outros pensam deles. Sendo amáveis e afetivos, precisam ser amados e considerados pelos demais. Podem ser esmagados pelas críticas; mas, são extremamente felizes quando são apreciados pessoalmente e pelo incansável serviço que prestam aos demais.

ISFJ Protetor

≤ 10 % da pop. Sorte nossa que os Protetores atingem cerca de 10% da população, pois seu interesse principal é a segurança e a proteção daqueles de quem eles se ocupam – sua família, alunos, amigos, pacientes, chefe, colegas ou empregados. Os Protetores têm um extraordinário sentido de lealdade e responsabilidade e se sentem realizados ao proporcionarem escudos contra os perigos e sujeiras do mundo. Não são dados a teorias

ou a testar coisas novas, preferindo valer-se de produtos e procedimentos consagrados pelo tempo em vez de mudar para coisas novas. No trabalho, sentem-se desconfortáveis em situações nas quais as regras estão constantemente mudando e nos quais os procedimentos estabelecidos pelos anos não são respeitados. Valorizam a tradição na cultura e em suas famílias. Acreditam profundamente na hierarquia conferida por nascimento, títulos, cargos e credenciais. Prezam a história da família e gostam de cuidar das propriedades da família. Gostam de estar ao serviço dos outros e são excelentes em assistir necessitados, deficientes e oprimidos. Não são extrovertidos como os ESFJ e sua timidez pode ser erradamente interpretada como dureza ou frieza, quando na verdade são acolhedores e compreensivos, dedicando-se de bom grado aos necessitados. Na verdade sua reserva deve ser vista como expressão de sua sinceridade e seriedade. O mais dedicado de todos os tipos, os ISFJ gostam de trabalhar dura e longamente e naqueles trabalhos que ninguém reconhece e todos evitam. Frequentemente gostam de trabalhar sozinhos; se são chefes podem fazer o trabalho eles mesmos em vez de encarregar outros. Sóbrios e discretos. Se assumem uma tarefa entregam-se totalmente a ela. Valorizam cada real e detestam o desperdício de dinheiro. Sabem o valor de poupar e de dispor de reservas para emergências. Frequentemente estão sobrecarregados de trabalho, sem reconhecimento por parte dos outros. Suas contribuições são dadas por assente e raramente recebem a gratidão que merecem.

ESFP Performer

≥ 10 % da pop. Performers têm a especial capacidade (mesmo entre os SP) de encantar o ambiente com seu calor, bom humor e com sua (frequentemente extraordinária) habilidade em música, piadas, imitações, interpretação teatral. No trabalho, com amigos, em família, os ISFP são excitantes e muito engraçados e seu interesse social é proporcionar aos outros um break nas preocupações e trabalho e se animarem e desfrutar da vida. São fonte de alegria e prazer para os demais. A eles se pode aplicar a sentença de Shakespeare: “o mundo todo é um palco”; são entertainers natos, amam a excitação de estar diante de uma “plateia”: quando chegam, em poucos minutos, tornam-se o centro das atenções. Sofrem se estão sozinhos e procuram (e, obviamente, acham) companhia. São agradáveis, falantes e espirituosos; sabem sempre as últimas piadas, trocadilhos, sacadas etc. Para os ESFP, a vida deve ser vivida intensamente e estão sempre ligados na moda, comida, bebida e música. Vívidos e desinibidos são “a alma da festa”, sempre tentando criar um ambiente de alegria, comer e beber... O talento do ESFP para gozar a vida é saudável na maior parte das vezes, mas também o faz mais sujeito a tentações do que os outros tipos. O prazer é um fim em si mesmo e a variedade é o tempero da vida: estão abertos a experimentar quase tudo que ofereça “a good time”, nem sempre avaliando bem as consequências. Como os outros SP, são otimistas incorrigíveis, sempre olhando para o lado bom e tentando ignorar, tanto quanto possível, problemas, aborrecimentos e preocupações, São os mais generosos de todos os tipos e em segundo lugar (o 1º. é o ISFP) em gentileza (kindness). O que é deles é seu também e não têm sentido de poupar: dão o que têm sem expectativa de

retribuição. Veem a vida como uma permanente cornucópia, da qual vão brotando, inesgotavelmente, prazeres.

ISTP Crafters

≤ 10 % da pop. A natureza dos Crafters se mostra mais em seu exímio domínio de ferramentas, equipamentos, máquinas e instrumentos de todo tipo. Desde pequenos são atraídos magneticamente por ferramentas: elas vêm às suas mãos pedindo para serem usadas. Como todos os SP, Crafters amam a ação, e intuem instintivamente que ela será mais agradável e eficaz se feita por impulso, espontaneamente, sem estar sujeita a esquemas ou padrões pré-estabelecidos. Em certo sentido, os ISTP não trabalham com suas ferramentas, mas brincam com elas, quando bate o impulso. Também buscam diversão e jogos no impulso, procurando ocasião de usar seus “brinquedos”, que podem ser carros, motos, rifles de caça, apetrechos de pesca, e mergulho etc. Buscam excitação, especialmente em corridas de carro, esqui aquático, surfe etc. Destemidos nesse seu “brincar”, expõem-se ao perigo uma e outra vez, apesar dos frequentes ferimentos. Não é fácil conhecer os Crafters: talvez porque tendam a se comunicar com ação e não se interessem por desenvolver habilidades verbais. Essa falta de comunicação pode deixá-los isolados na escola ou no trabalho e mesmo que se enturmem com os de seu tipo, sua conversa é escassa. Podem ser muito generosos e leais aos amigos e colegas, abdicando de seus fins de semana e tempo livre para consertos e projetos, trabalhando em carros e botes. Por outro lado, podem ser ousadamente insubordinados para com a autoridade, desprezando regras e regulamentos, que, para ele, são uma complicação desnecessária. Não que se insurjam abertamente contra os regulamentos, simplesmente

os ignoram. Mais do que tudo, prezam a liberdade para sua ação e sentem-se orgulhosos dessa sua capacidade “artística”.

ISFP Composer

≤ 10 % da pop. Mais do que os outros SP, os ISFP estão em sintonia com em seus sentidos e especialmente ligados em todos os tipos de obra de arte. Enquanto outros SP têm habilidades com ferramentas, pessoas e entretenimento, os ISFP têm uma excepcional capacidade inata para lidar com sutis diferenças de cor ou de tom, textura, aroma ou sabor. Dedicando longas horas solitárias à sua arte, são tão impulsivos como os demais SP. Não esperam, agem, no aqui e agora, com pouco ou nenhum planejamento. Estão dominados pela composição, como se fossem arrebatados por um furacão. Os ISFP pintam ou esculpem; dançam ou fazem skate, compõem melodias ou receitas de pratos ou seja lá o que for como um imperativo. Essa capacidade de se perder na ação conta para os resultados espetaculares individuais de alguns ISFP e em seu lado social mostram uma gentileza incomparável. ISFP são especialmente sensíveis à dor e ao sofrimento dos outros e solidarizam-se com os que sofrem. Alguns têm notável jeito para lidar com crianças pequenas, com um natural vínculo de compreensão e confiança com elas. Alguns têm esses laços até com animais, mesmo animais selvagens. Muitos ISFP sentem um instintivo desejo da natureza, mesmo da inexplorada. Os ISFP são muito difíceis de serem observados e são mal interpretados. A dificuldade geralmente procede de sua tendência a não se expressarem verbalmente, mas por meio de sua arte. Em geral, não se interessam por desenvolver capacidade de falar em público ou

mesmo na arte da conversação; preferem sentir o pulsar da vida pelo toque, músculos, pelos olhos, ouvidos etc. Sim, querem partilhar sua visão de mundo, desde que achem algum meio não verbal, artístico e só aí, então, revelam seu caráter.

ESTP Promoters

≥ 10 % da pop. Gente de ação, a vida nunca está parada ao redor deles. Quando o ESTP está presente, as coisas começam a acontecer: as luzes se acendem, a música toca, o jogo começa. Cheios de vida e divertidos, mesmo as situações mais banais parecem excitantes. Sempre buscam novas atividades e desafios. Ousados e otimistas assumem grandes riscos para obter o que querem. São os melhores administradores de problemas de emergência, grandes negociadores e podem ser grandes empreendedores de iniciativas. Os ESTP têm também um forte apetite pelas coisas finas da vida: a melhor comida, o melhor vinho, carros caros e roupas de grife. São sofisticados nos círculos sociais e conhecem muitíssimas pessoas pelo nome e sabem dizer a coisa certa para todos que encontram. Charmosos e populares, fazem a delícia dos amigos com seu infinito repertório de piadas e casos. Mas, ao mesmo tempo, são um certo mistério para os outros. Vivendo para o momento e para o imprevisto, raramente deixam alguém ganhar intimidade. Têm baixa tolerância para autoridade e compromisso e tendem a abandonar situações quando chega a hora de se enquadrar ou tocar o segundo violino. Os ESFP sabem que o mais veloz fica sozinho, embora sua solidão não tenda a durar muito, pois sua ousadia e gosto por aventura tornam-no muito atraente para muitas pessoas.

A teoria dos temperamentos de David Kersey indica que há diferentes disposições de agir e comportar-se de acordo com tipos psicológicos. Diferentes temperamentos têm diferentes interpretações dos fatos, reagem de modo distinto a essas interpretações, tomam decisões baseados em diferentes critérios e lidam com as situações de modo diverso. Originalmente apresentado como tese de doutoramento na Feusp, este livro pretende tornar os tipos (ideais) de Keirsey (ISTP, ESFJ etc.) visíveis e concretos, por meio da análise de personagens de ficção: a família Barone da série televisiva “Everybody Loves Raymond”, e assim poder oferecer, por um lado, uma melhor compreensão da tipologia de Keirsey; e, por outro, subsídios para a educação, tornando visíveis, em perfis “biográficos”, temas nos quais o temperamento deve ser levado em conta por educadores para aperfeiçoar sua compreensão dos educandos. A partir dos tipos dos personagens, abrem-se discussão de importantes temas pedagógicos: aprendizagem, concepção de escola, lidar com a culpa e o dever etc.

JOÃO SÉRGIO LAUAND

Personagens ficcionais, tipos de David Keirsey e a Educação


FACTASH EDITORA

CEMOrO©
EDF-FEUSP

